

OS TEMPOS VERBAIS DA NARRATIVA ORAL

por

VANDERSÍ SANT'ANA CASTRO

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas

1980

C279t

3753/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

OS TEMPOS VERBAIS DA NARRATIVA ORAL

Resumo

O presente trabalho aborda narrativas orais de falantes brasileiros, a partir do modelo de análise elaborado por Labov e Waletzky (1967) com base em relatos de informantes norte-americanos.

Seu objetivo principal é a análise da distribuição e do funcionamento dos tempos verbais no discurso narrativo, com vistas a definir, sob esse aspecto, traços caracterizadores de tal discurso.

Paralelamente, propõe-se a verificar algumas correlações entre características sociais dos narradores e peculiaridades estruturais de suas narrativas.

Finalmente, presta-se a verificar a resistência do modelo de análise nele adotado, na abordagem de um corpus constituído de narrativas produzidas por brasileiros.

Autora: Vandersí Sant'Ana Castro

Orientador: Dr. Brian Franklin Head

Í N D I C E

	página
INTRODUÇÃO	3
1. O conceito de narrativa. Procedimentos de análise do discurso narrativo	10
2. Os tempos verbais e os componentes da narrativa .	48
CONCLUSÃO	92
APÊNDICE:	94
A. QUADROS	95
B. ANTOLOGIA DAS NARRATIVAS ORAIS ESTUDADAS: . . .	97
1. A crise cardíaca.	99
2. O prejuízo com os pensionistas.	100
3. O caso com o guarda de trânsito	102
4. A vaca brava.	104
5. A detenção.	106
6. As rãs.	107
7. A bomba	108
8. Que lição!.	111
9. O ferrão do mandi	113
10. A briga em família.	114
11. A briga de melancia	115
12. Mais briga.	117
13. Apanhando...	118
14. Batendo...	119
15. Acidente... divertido..	120
16. No mar	122
17. A briga com a vizinha	124
18. A briga com a mãe	125
19. O começo do namoro.	127
20. A briga com o namorado.	129

21. A brincadeira com a professora	131
22. O vexame	133
23. O susto na empregada	135
24. Uma aventura no trânsito	137
25. A carta.	142
26. Quem diria!	144
27. A agressão do aluno	146
28. Um cara safado	148
29. Que patroa!	151
30. Parto difícil.	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	158

I N T R O D U Ç Ã O

A matéria verbal que constitui o objeto de nosso estudo é o discurso narrativo¹. Não o discurso narrativo escrito cuja expressão mais elaborada é a ficção literária, nem tampouco a narrativa oral muitas vezes repetida cujo exemplo mais eloquente é a narrativa tradicional que, à força de ser re-contada, tende a se apresentar em sucessivas versões melhoradas. (Ambas as modalidades narrativas mencionadas têm em comum - ressalvadas suas demais propriedades - a característica de serem um discurso elaborado ou mesmo re-elaborado, no sentido de que não correspondem a uma versão primeira e original de um relato, mas são o resultado de um deliberado trabalho de sofisticação e de complicação de uma estrutura narrativa elementar). Nosso interesse incide, antes, sobre o relato oral de experiências pessoais produzido espontaneamente por falantes comuns, "não sofisticados"². Dito de outra forma, nossa investigação focaliza o discurso narrativo "trivial", diríamos, que ocorre nas situações da comunicação cotidiana sempre que um falante qualquer, sensível a um estímulo de seu interlocutor ou da situação, é levado a relatar, em versão original, primária, eventos de seu passado que julga merecedores de uma exposição verbal pelo que tenham de marcante como vivência emotiva.

Nosso interesse pelo assunto surgiu do contato com o trabalho de W. Labov e J. Waletzky: "Narrative analysis: oral versions of personal experience" (1967). Esse trabalho trata da estrutura da narrativa oral de experiência pessoal. Com base nas evidências e nas recorrências do farto corpus utilizado (- levantado por meio de entrevistas no curso de quatro estudos lingüísticos) os Autores propõem um modelo de análise da narrativa que, através de critérios formais e funcionais, permite partir-se da identificação da "o-

ração narrativa" - menor unidade da narrativa - e chegar-se à caracterização de unidades de um nível superior - as diferentes seções do discurso narrativo, constituídas pelo agrupamento de orações, e cuja combinação ordenada compõe a estrutura da narrativa como um todo. Posteriormente, Labov volta a focalizar o assunto em "The transformation of experience in narrative syntax" (1972)³, reforçando e ampliando as proposições do trabalho anterior e introduzindo uma perspectiva sociolinguística em sua abordagem ao tratar particularmente da "avaliação" - um dos elementos estruturais da narrativa - que, segundo as constatações do pesquisador, realiza-se através de recursos verbais diferentes, de acordo com a variação de certas características sociais do falante, sobretudo a faixa etária.

As investigações realizadas por Labov e Waletzky, além da grande contribuição que trazem à análise da narrativa pela inovação que representam no que diz respeito ao material analisado e à forma de abordagem adotada na análise, têm ainda o mérito de apresentar resultados altamente estimulantes a uma continuidade da pesquisa. Com efeito, a inferência de um modelo de narrativa a partir de dados fornecidos por falantes americanos incita, por exemplo, a uma extensão do corpus no sentido de se focalizar material colhido junto a narradores de outras comunidades linguísticas, o que permitiria, de certa forma, testar a resistência do modelo proposto. A exposição dos Autores relativamente sucinta a respeito de certos aspectos do modelo como, por exemplo, os tempos verbais do discurso narrativo, os elementos linguísticos que expressam a ordenação cronológica dos eventos na narrativa, motiva um enfoque mais demorado dos referidos aspectos. As constatações de caráter sociolinguístico a que chegou Labov com referência à "avaliação" estimulam, de um lado a um alargamento do foco de observação adotado para se alcançar as demais seções e outras propriedades da narrativa, e, por outro

lado a uma ampliação das variáveis sociais consideradas em relação ao discurso narrativo.

Em consequência desses estímulos interessou-nos desenvolver uma investigação voltada basicamente para esta questão: em que medida se poderia sistematizar a distribuição dos tempos verbais na narrativa? (trata-se de um aspecto não desenvolvido por Labov e Waletzky). O enfoque desse aspecto em particular justifica-se pela importância que o verbo assume dentro do modelo de análise em questão, uma vez que constitui o núcleo das unidades básicas da narrativa. Acresce que o verbo está diretamente ligado à expressão da temporalidade e da ordenação cronológica dos eventos, o que, por sua vez, constitui um aspecto relevante para a própria definição da narrativa. Considerando-se ainda que na narrativa, tal como é vista na conceituação aqui adotada, há seções essenciais e seções facultativas, há interesse em procurar na distribuição dos tempos verbais características específicas do essencialmente narrativo.

Sendo o corpus utilizado na investigação constituído de narrativas de falantes brasileiros, sua abordagem a partir da proposta de análise de Labov e Waletzky constitui sempre uma forma de testar a resistência desse modelo de narrativa elaborado com base em relatos de informantes americanos.

O interesse em constituirmos um corpus heterogêneo, para maior respaldo das generalizações a que chegássemos, levou-nos a colher narrativas junto a informantes de diferentes características sociais (quanto à idade, ao sexo e ao nível sócio-econômico). Embora conscientes de que uma investigação de caráter sociolinguístico, no sentido de verificar em que medida as narrativas construídas por brasileiros de diferentes características sociais apresentariam diferenças em sua estruturação, demandaria um corpus e uma pesquisa muito mais amplos que extrapolariam os limites e a

natureza deste trabalho, não resistimos ao grande interesse que nos desperta essa questão e arriscamos algumas observações nesse sentido, com toda a limitação que o corpus nos impõe.

O corpus é constituído de trinta narrativas produzidas por falantes brasileiros de duas faixas etárias distintas: (J) jovens, entre 14 e 17 anos, e (A) adultos com idade superior a 34 anos; dos dois sexos (M) e (F); de dois níveis sócio-econômicos distintos: (1) um correspondendo a uma situação sócio-econômica bastante favorecida e (2) outro a uma situação bastante desfavorecida.

Para a classificação sócio-econômica dos informantes apoiamos-nos no exame simultâneo de três indicadores: ocupação ou profissão do informante (e/ou a dos pais, no caso de narradores adolescentes); seu salário (e/ou o dos pais, no caso de informantes jovens); sua educação ou escolaridade (e a dos pais, no caso dos jovens). Agrupamos no que denominamos nível sócio-econômico 1 informantes adultos com curso universitário, renda acima de 15 salários mínimos e ocupações de prestígio (como: professor universitário, médico, etc.) e informantes jovens cujos pais apresentam essas características. No nível 2, reunimos os informantes adultos analfabetos ou com baixa escolaridade, renda inferior a três salários mínimos e ocupações de pouco prestígio (como: empregada doméstica, servente, etc.) e os adolescentes que apresentem tais características e/ou cujos pais as apresentem.

Pela combinação das variáveis sociais focalizadas trabalhamos com oito tipos de informantes: JM1, JM2, JF1, JF2, AM1, AM2, AF1, AP2. Os informantes focalizados são residentes na cidade de Assis, no estado de São Paulo. A seleção dos informantes fez-se aleatoriamente: procuramos entrar em contato com habitantes de bairros pobres, da periferia da zona urbana (na expectativa de encontrar os representantes do nível sócio-econômico 2) e, por outro lado, com

alunos e pais de alunos de colégio particular reconhecidamente frequentado pela elite da cidade (na expectativa de encontrar os representantes do nível sócio-econômico 1).

A coleta de dados⁴ junto a cada informante fez-se através de entrevista individual (entrevistador/informante), gravada (com a permissão do entrevistado), compreendendo um componente destinado a colher os dados lingüísticos e um componente destinado ao levantamento dos dados sociais.

A estratégia adotada para o levantamento dos dados lingüísticos apoiou-se no desenvolvimento de uma conversa inicial⁵ a mais informal possível, sobre a profissão, a família e as atividades habituais do informante, visando identificar algumas áreas de interesse do entrevistado e quebrar o constrangimento inicial do contato colocando o entrevistado à vontade para discorrer sobre os assuntos de seu agrado. Atingido um certo grau de descontração no diálogo e delimitadas algumas áreas de interesse do entrevistado reconheciam-se criadas as condições para se colocarem perguntas, relativas a essas áreas de interesse, capazes de suscitar relatos de experiências pessoais marcantes vividas pelo entrevistado. Perguntas como: "Você já correu perigo de vida (no trabalho ou por problemas de saúde, ou em briga)?" "Você já sofreu algum acidente grave?" "Você já passou algum grande medo?" "Você já viveu alguma experiência muito desagradável (ou embaraçosa) (no trabalho, na família, na escola)?" "Já pregou alguma boa peça em alguém (no trabalho, em casa, na escola)?" "Já teve alguma briga terrível (com amigo, colega, namorado ou namorada, marido ou mulher, irmão)?" "Como conheceu o namorado (ou namorada, marido, mulher, melhor amigo)?"

O levantamento dos dados sociais, posterior à obtenção das narrativas, ou incidental, no decorrer da entrevista, focalizou os seguintes aspectos: nome do informante, sexo, idade, grau de instrução, profissão, renda, endereço e,

no caso dos informantes jovens, ainda: instrução, ocupação e renda dos pais.

A apresentação que se segue compreende: um capítulo inicial em que se expõem e se avaliam o conceito de narrativa e os procedimentos de análise do discurso narrativo adotados para a abordagem de nosso corpus, bem como se ensaiam algumas conclusões de caráter sociolinguístico, tanto quanto o corpus o permite, relacionando as características sociais do narrador e certas peculiaridades de seu discurso narrativo; um capítulo sobre a ocorrência e a função dos diferentes tempos verbais nas várias seções da narrativa; e, finalmente, uma conclusão.

NOTAS:

1. A expressão "discurso narrativo" será recorrente nesta exposição e acreditamos que seu significado se esclarecerá com o próprio desenvolvimento do trabalho. Julgamos conveniente, todavia, adiantar esclarecimentos quanto ao sentido com que empregamos a expressão. O termo "narrativo" define uma modalidade de "discurso" cujas características, justamente, serão expostas nas páginas que se seguem. Quanto à noção de "discurso", nada melhor que registrar aqui as conclusões a que chegou a respeito Haquira Osakabe. Tendo acusado a alta frequência com que ocorre em textos sobre a linguagem o termo em questão, "cujo sentido preciso tem sido pouco questionado" (p.7), Osakabe tratou cuidadosamente dessa noção, percorrendo a bibliografia significativa a respeito e destacando a partir dela os elementos tipicamente implicados nesse conceito que resume da seguinte forma:

"Do ponto de vista de sua natureza, o discurso caracteriza-se inicialmente por uma maior ou menor participação das relações entre um eu e um tu; em segundo lugar, o discurso caracteriza-se por uma maior ou menor presença de indicadores de situação; em terceiro lugar, tendo em vista sua pragmaticidade, o discurso é necessariamente significativo na medida em que só se pode conceber sua existência enquanto ligada a um processo pelo qual eu e tu se aproximam pelo significado; e, finalmente, o discurso tem sua semanticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre suas pessoas (eu/tu) e as pessoas da situação, entre seus indicadores de tempo, lugar, etc. e o tempo, lugar, etc. da própria situação.

Do ponto de vista de sua extensão, o discurso constitui uma entidade mais ampla do que a frase (a não ser que determinada frase possa ser caracterizada como discurso); em segundo lugar está limitado por dois blocos semânticos, que se devem quer à ausência pura e simples de uma cadeia significativa que o constitui quer à alteração do locutor". (Argumentação e discurso político, p. 21).

O termo "narrativa" será utilizado como sinônimo de "discurso narrativo".

2. Tomamos de Labov e Waletzky a expressão "falantes não sofisticados" ("unsophisticated speakers") para nos referirmos aos narradores não-experimentados (isto é, não treinados e não especializados na produção de discursos narrativos), que apresentam seu relato "ao natural", sem retoques, em versão original. (v. Labov e Waletzky - "Narrative analysis: oral versions of personal experience". p. 12).

3. A discussão apresentada no mencionado trabalho aparece, em versão preliminar, sob o título de "Narrative analysis", em: Labov et alii - A study of non-standard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City (1968).

4. Na coleta dos dados contamos com a colaboração de Jeane Sant'Ana Spera, aluna de Letras do Instituto de Letras, Psicologia e História de Assis, a quem agradecemos pela ajuda prestada.

5. Para justificar a própria entrevista optamos por dizer aos informantes que nosso interesse era conhecer e comparar as experiências de vida de diferentes pessoas. Evitamos mencionar nosso interesse por fatos de linguagem para não provocar no entrevistado a preocupação com sua expressão verbal.

1.0. CONCEITO DE NARRATIVA. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO DISCURSO NARRATIVO.

A análise do discurso narrativo tem atraído a atenção de numerosos estudiosos cuja preocupação tem sido detectar os elementos formais capazes de identificar e definir esse tipo de composição verbal. A tradução americana de Vladimir Propp - Morphology of the Folktale, em 1958, constituiu um marco importante nessa área de estudos, a partir do qual se verificou um crescente interesse pelo assunto. Linguistas, críticos literários, antropólogos e estudiosos do folclore têm-se dedicado ao estudo da narrativa e vêm progressivamente ampliando as perspectivas de análise, quer pelas inovações metodológicas que apresentam, quer pela diversidade do material que abordam.

O modelo de análise proposto por William Labov e Joshua Waletzky¹ apresenta inovações em relação a propostas anteriores, em termos do tipo de narrativa focalizado e dos procedimentos de análise adotados. Labov e Waletzky partem de duas considerações preliminares:

- consideram que existem estruturas narrativas básicas e estruturas narrativas mais complexas, resultantes, estas últimas, da combinação e da evolução das primeiras. Nesse sentido, as narrativas que se constituem produto de longas tradições oral e literária seriam vistas como estruturas mais complexas em contraposição às estruturas narrativas fundamentais encontradas em versões orais de experiências pessoais, isto é, em relatos originais produzidos oralmente por uma amostra representativa da população de uma dada comunidade lingüística;

- consideram ainda que essas "estruturas narrativas mais simples e mais fundamentais" devem ser "analisadas em conexão direta com suas funções originais", isto é, com

as funções que cumprem no contexto de comunicação em que ocorrem.²

Essas duas considerações iniciais acarretam consequências metodológicas importantes que definem e particularizam a proposta de análise de Labov e Waletzky. Em decorrência da primeira delas, o material analisado pelos Autores é a "narrativa natural", na designação de Teun A. van Dijk³, ou seja, o relato original de experiências pessoais, passível de ser produzido espontaneamente por qualquer falante quando solicitado a fazê-lo no curso de atos de comunicação do cotidiano⁴. Análises anteriores privilegiaram a "narrativa artificial", na terminologia de van Dijk, ou seja, formas mais elaboradas e mais sofisticadas de discurso narrativo, produzidas em condições de comunicação pouco espontâneas: narrativas do folclore ou mitos, ou contos maravilhosos, ou narrativas literárias. Labov e Waletzky consideram que o passo natural para se avançar na análise e compreensão das narrativas mais complexas é partir-se da análise e compreensão das estruturas narrativas mais simples e mais fundamentais. Dito de outra forma, é preciso partir-se do que se supõe ser a narrativa mais simples, porque menos elaborada, menos sofisticada, para se chegar a um modelo do objeto, mais geral, mais abrangente⁵. Em decorrência da segunda consideração, Labov e Waletzky apóiam sua análise em critérios formais vinculados a critérios funcionais, isto é, definem a narrativa em termos de suas propriedades formais relacionadas com suas funções originais enquanto mensagem que ocorre num dado contexto de comunicação.

Quanto aos procedimentos de análise da narrativa queremos lembrar, inicialmente, a distinção estabelecida por Alan Dundes entre dois tipos de análise estrutural em folclore: a sintagmática de um lado, e a paradigmática de outro. Segundo Dundes, no primeiro tipo de análise, cujo exemplo por excelência é o trabalho de Propp (1958), "a estrutura ou orga

nização formal de um texto folclórico é descrita seguindo-se a ordem cronológica da seqüência linear dos elementos do texto conforme a exposição do informante. Assim, se um relato consiste em elementos de A a Z, a estrutura desse relato é delineada em termos dessa mesma seqüência". O outro tipo de análise, exemplificado de maneira notável por Lévi-Strauss (1958,1970), "procura descrever o padrão (usualmente baseado, a priori, num princípio binário de oposição) que subjaz lealmente ao texto folclórico. Esse padrão não é, absolutamente, o mesmo que a estrutura seqüencial. Antes, os elementos são extraídos da ordem "dada" e reagrupados em um ou mais de um esquema analítico".⁶ Estendendo-se a classificação de Dundes para um âmbito mais amplo, que extrapola a narrativa tradicional, e considerando-se a proposta de análise de Labov e Waletzky segundo essa tipologia, verificamos que ela se alinha ao lado das análises ditas sintagmáticas.

As peculiaridades da análise de Labov e Waletzky encontram-se fundamentalmente em dois aspectos: na natureza das unidades reconhecidas como os elementos estruturais de diferentes níveis que compõem a narrativa, e nos critérios operacionais empregados para a identificação e classificação dessas unidades. Enquanto propostas anteriores baseiam-se na identificação de unidades semânticas de fronteiras nem sempre precisas em termos de expressão verbal (como, por exemplo, as "funções" de Propp (1958) e Bremond (1966, 1972), os "elementos", os "sintagmas" e as "seqüências narrativas", de Greimas (1966)⁷, Labov e Waletzky partem da oração, ancorando-se, portanto, em um conceito gramatical, o que lhes garante, já de princípio, uma certa objetividade na análise. A par dos critérios gramaticais acima aludidos, os Autores operam fundamentalmente com a noção de seqüência cronológica dos acontecimentos narrados (critério utilizado, por exemplo, para a classificação das orações que compõem a narrativa), e com as funções comunicativas do discurso narrativo (critério utilizado, por exemplo, para a identificação das seções que

compõem a narrativa). É preciso destacar o vínculo que une esses três critérios operacionais mencionados e os faz convergir para o último deles. Na verdade, a identificação da oração (ou de um certo tipo de oração, como se verá mais adiante) como unidade narrativa, o que permite que a análise se apóie num conceito gramatical, é decorrência do fato de ser ela a unidade lingüística mínima utilizada como recurso básico para a expressão das funções da narrativa⁸. Assim também, a noção de seqüência cronológica procede de uma das funções da narrativa⁹: é estreitamente vinculada à visão da narrativa como discurso que repete na expressão verbal a ordem real dos acontecimentos a que se refere. A utilização da noção de seqüência cronológica nestes termos é inovadora, e a conceituação da narrativa a partir de suas funções no processo da comunicação é também inovadora.¹⁰

A narrativa se define, assim, como entidade formal e funcional. Formal, na medida em que se identifica como discurso constituído à base de padrões recorrentes, característicos, discriminados desde o nível da oração, passando por unidades maiores até o nível da narrativa simples completa. Funcional, na medida em que esses padrões são identificados a partir das funções que o discurso narrativo cumpre na situação da comunicação: uma "função referencial", uma vez que uma de suas finalidades é recapitular experiências passadas, com a particularidade de que a seqüência das orações narrativas se organiza de maneira semelhante (mimética) à seqüência temporal dos acontecimentos vividos pelo personagem-narrador; e uma "função avaliativa", desde que, normalmente, o relato da experiência passada revela o empenho pessoal do narrador no sentido de valorizar os fatos narrados de forma a demonstrar ou acentuar o seu caráter "narrável". (Explicando melhor: a função avaliativa da narrativa tem a ver com o interesse pessoal do narrador em justificar, implicitamente, a própria ocorrência de seu discurso narrativo, de corresponder, enfim, à

expectativa que ele próprio criou ou supõe ter criado em seu interlocutor de que ocorreria um relato de uma experiência realmente interessante. Para tanto procura realçar determinados aspectos dos fatos narrados, lançando mão de recursos variados.)¹¹

Considerando-se a narrativa a partir da conceituação funcional apresentada pelos Autores, é preciso enfatizar que, sob o ponto de vista de sua função referencial, ela não é uma maneira qualquer de recapitular acontecimentos passados, mas se define pela especificidade de "recapitular experiências na mesma ordem dos eventos originais"¹². Para exemplificar, consideremos a narrativa 9 de nosso corpus (v. Apêndice) onde temos uma seqüência de quatro orações que se referem a uma série de quatro eventos sucessivos:

- (1) g "ele (o mandi) ficô pulano assim (na vara),
 h eu toquei a mão com tudo a força assim
 i e apertei assim
 j e furô (a minha mão)."

Formulações lingüísticas podem-se revelar meios perfeitamente lógicos e aceitáveis para a representação da seqüência de acontecimentos, mas se não satisfazem a referida condição de retratarem, na própria seqüência da expressão verbal, a ordem de ocorrência dos eventos reais narrados, não constituem uma narrativa. Os eventos da narrativa acima citados poderiam, por exemplo, ser apresentados como se segue, numa estrutura subordinada:

- (1') j eu furei a mão
 i apertando um mandi
 h após ter tocado a mão nele com toda a força
 g visto que ele estava pulando na vara;

ou numa série de orações independentes que expressam os mesmos fatos, mas não na ordem em que eles se sucederam:

- (1'') j Eu furei a mão num mandi.
 i Eu estava apertando o mandi assim.
 h Eu tinha acabado de agarrá-lo com força.
 g Ele tinha estado pulando na vara.

As duas versões não constituem narrativas nos termos da conceituação de Labov e Waletzky, segundo a qual, na narrativa, "as orações são caracteristicamente ordenadas em seqüência temporal", de tal forma que se sua ordem é invertida, "a seqüência cronológica inferida da interpretação semântica original é alterada".¹³ É fácil verificar que a seqüência das orações é relevante em (1): invertendo-se a sua ordem, a interpretação semântica original dos fatos não se mantém:

- (1''') j (o mandi) furô (a minha mão);
 h eu toquei a mão nele com tudo a força,
 i e apertei assim;
 g ele ficô pulano assim (na vara).

(Na primeira versão (1) o ato de apertar o peixe é causa do ferimento na mão; na versão (1''') seria uma consequência, uma "vingança" contra o mandi.) Já no que diz respeito às versões (1') e (1'') não se dá o mesmo: qualquer inversão na ordem das subordinadas não traz alteração para a interpretação semântica original; e as orações independentes que por suas formas verbais complexas são capazes de indicar a anterioridade de eventos passados em relação a outros eventos igualmente passados, também podem ser deslocadas sem prejuízo da interpretação semântica.

Na definição da narrativa, Labov e Waletzky, combinando os critérios formal e funcional, partem de uma entidade lingüística formalmente caracterizada -a oração¹⁴ e, relacionando-a com a função referencial que toda narrativa deve cumprir, identificam a unidade narrativa básica como a oração que recapitula a experiência na mesma ordem dos even-

tos originais. Ora, como ficou demonstrado mais acima, nem to do tipo de oração é relevante em relação a esse aspecto: vimos que as subordinadas não têm essa característica. Daí se conclui que as unidades narrativas básicas são orações não subordinadas; são orações independentes, portanto.

A análise da narrativa inicia-se, assim, pelo isolamento das orações independentes - menores unidades -- mais discriminadas no discurso narrativo. Todavia, conforme se constatou em (1''), algumas independentes também não apresentam a mencionada propriedade de expressar eventos passados na ordem em que ocorreram. Opera-se, então, com os conceitos de "juntura temporal" ("temporal juncture") e "conjunto de deslocamento" ("displacement set"), estabelecidos a partir da noção de seqüência temporal. Esses conceitos são muito importantes para a caracterização formal da narrativa: neles se fundam os critérios a partir dos quais se distinguem e se classificam os diferentes tipos de orações independentes que podem ocorrer num discurso narrativo, permitindo a identificação da unidade fundamental da narrativa - a oração narrativa - conforme passamos a esclarecer.

Isoladas as orações independentes que compõem o discurso narrativo, elas devem ser testadas quanto à sua mobilidade possível, umas em relação às outras, considerando-se que só é potencialmente viável a mudança que não acarreta alteração na interpretação semântica original dos fatos narrados. Essa operação corresponde à identificação das juntas temporais do discurso, isto é, dos pontos onde a ordem das orações é rígida já que qualquer mudança prejudicaria a interpretação adequada dos eventos expressos.¹⁵

Efetuada essa operação, para cada oração poderá ser definido um "conjunto de deslocamento" que abrangerá todas as orações, à esquerda ou à direita, com as quais essa oração é intercambiável.

O que se observará é que poderão ser encontradas orações com um "conjunto de deslocamento" equivalente a toda a extensão do discurso narrativo. São as chamadas orações livres.

Contrariamente, assinalar-se-á a ocorrência de um tipo de oração que acusa um "conjunto de deslocamento" nulo ou mínimo, na medida em que tal oração, em termos de seqüência temporal, ordena-se rigidamente em relação a uma oração anterior e a uma seguinte, ou é intercambiável dentro de um conjunto pequeno de orações, que por sua vez mantém o caráter de ordenação temporal rígida em relação às unidades da esquerda e da direita. Trata-se justamente da oração narrativa, a unidade fundamental da narrativa.

A oração livre caracteriza-se por não ser confinada por nenhuma juntura: seu conjunto de deslocamento recobre toda a narrativa, incluindo, portanto, orações ordenadas em seqüência temporal, isto é, orações narrativas. Por outro lado, a oração narrativa tem como peculiaridade a impossibilidade de ser deslocada para além de uma juntura temporal sem alterar a interpretação semântica original dos fatos narrados. Daí se depreende, pois, que a oração narrativa não abrangge, em seu conjunto de deslocamento, orações em seqüência temporal.

Como se pode perceber, a oração narrativa é a célula fundamental da narrativa porque é justamente através dela que se expressa a sucessão dos eventos estreitamente ordenados. Tanto é fundamental a oração narrativa que uma narrativa mínima poderia ser definida como uma seqüência de duas orações narrativas, ou seja, duas orações em seqüência temporal. Em outras palavras: uma narrativa mínima é "a que contém uma única juntura temporal".¹⁶

Esse critério nos permitiria identificar como narrativa a seguinte seqüência verbal (v. Apêndice, narrativa 4):

- (2) 0^d 0 "Uma vez, uma vaca lá em casa teve bezerrinho
0^e 0 e pegou-me." 17

Percebe-se que há juntura temporal entre as duas orações, condição suficiente e necessária para a identificação de uma narrativa.¹⁸

Além dos dois tipos de oração acima caracterizados, pode ocorrer ainda, no discurso narrativo, a oração restritiva. Em oposição à oração narrativa, a restritiva possui um conjunto de deslocamento amplo e ordenado, isto é, contém orações alinhadas em seqüência temporal. Por outro lado, a distinção entre oração livre e oração restritiva faz-se com base na extensão de seus respectivos campos de mobilidade: se o conjunto de deslocamento ordenado de uma oração "é igual à narrativa como um todo a oração é livre; se não, a oração é restritiva."¹⁹

Como se pode inferir pelas observações acima, uma narrativa se constitui necessariamente mas não exclusivamente de orações narrativas. A título de exemplificação, aplicaremos em uma narrativa de nosso corpus (v. Apêndice, narrativa 1) as etapas de análise que acabamos de expor.

- (3) (E como foi essa crise cardíaca que o senhor teve?)
- | | | |
|-------------------|---|------------|
| 0 ^a 17 | "Essa crise me deu dia 21 de abril | 1 (a-r)L |
| 1 ^b 16 | há dois anos passado. | 2 (a-r)L |
| 2 ^c 15 | Foi de domingo. | 3 (a-r)L |
| 3 ^d 0 | Me deu uma dor assim no vazio do estômago, mas
violentamente | 4 (a-d)N |
| 0 ^e 0 | e veio no coração aquela dor | 5 (e)N |
| 0 ^f 1 | e já não vi mais nada | 6 (f-g)N |
| 1 ^g 0 | desmaiei | 7 (f-g)N |
| 0 ^h 0 | e caí. | 8 (h)N |
| 0 ⁱ 0 | Ali me acudiram | 9 (i)N |
| 0 ^j 1 | e já foram...o meu genro foi buscá o médi-
co. | 10 (j-k)N |

10 ^k 0	Era uma hora da tarde, depois do almoço.	11 (a-k)R	
0 ^l 2	E quando eu voltei, e conheci que eu tava na minha cama, era no outro dia.	12 (l-n)N	
1 ^m 1	(Estava) tomando soro,	13 (l-n)N) C
2 ⁿ 0	(estava) tomando transfusão de sangue e injeção.	14 (l-n)N	
0 ^o 0	Ali num pude mais trabalhã ...	15 (o)N	
0 ^p 2	Agora tô bom!	16 (p-r)N) C
1 ^q 1	Agora faiz seis meses que não tenho mais problema.	17 (p-r)N	
2 ^r 0	Mas (estou) num regime, num tratamento, coisa bárbara!"	18 (p-r)N) C

As orações independentes foram nomeadas por letras do alfabeto, em sua ordem de ocorrência no discurso.

A respeito do isolamento dessas orações algumas observações são necessárias. Em períodos compostos identificam-se como orações independentes as principais e as coordenadas: em l, por exemplo, ocorrem quatro orações, mas esse conjunto recebe uma única letra, correspondendo à oração principal, com a qual as três subordinadas compõem uma unidade. Já em m (e de modo semelhante em n), somos levados a identificar uma oração independente, mesmo sem a ocorrência da forma verbal finita, que na verdade está subentendida: "(eu estava) tomando soro". É conveniente observar que a realização oral do informante sugere essa segmentação, quer pela pausa que faz entre l e m, quer pelo esquema melódico que concretiza marcando fronteira entre as duas seqüências. Quanto a r, somos levados a identificá-la como oração, também considerando uma forma verbal implícita: "Mas, (estou) num regime, etc." Como se trata de discurso oral, é perfeitamente normal a ocorrência de orações truncadas, interrompidas ou com elementos subentendidos. Também é típico do discurso oral a correção da expressão: é o que ocorre em j onde a forma verbal foram é deixada de lado e substituída por "o meu genro foi...".

Em casos como esse, só levamos em conta a feição definitiva que o falante quis dar a sua expressão.

Isoladas as orações independentes, elas são testadas quanto a sua mobilidade possível.²⁰ Os números à esquerda da letra indicam os deslocamentos possíveis para trás, e os números à direita, os deslocamentos para a frente. A soma desses índices indica a extensão do conjunto de deslocamento da oração, cujos limites estão explicitados, entre parênteses, na frente de cada oração. Assim, por exemplo, o conjunto de deslocamento da oração a é igual a 17 orações, e abrange todas as orações de a, inclusive, a r, inclusive; já o conjunto de deslocamento de e recobre unicamente a própria oração e.

A primeira juntura temporal ocorre no discurso entre as orações d e e; d é a primeira oração narrativa (N) e é aí que começa a seqüência essencial e característica da narrativa. De acordo com sua definição, a oração narrativa acusa um esquema rígido de ordenação em relação às orações vizinhas e apresenta um conjunto de deslocamento que não inclui orações ordenadas. É o que se pode observar nas orações narrativas de nosso exemplo, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r através das quais a sucessão dos acontecimentos é expressa. Se alterarmos a ordem das orações e e f, por exemplo, já terá sido corrompida a fidelidade à cronologia original dos fatos narrados pois a dor no coração efetivamente foi anterior e não posterior à perda dos sentidos. O conjunto das orações narrativas do discurso constitui o esqueleto da narrativa.

Entre essas orações narrativas, observa-se a ocorrência de campos de mobilidade idênticos (cf. f e g; l, m e n; p, q e r). Diz-se, nesse caso, que se trata de "orações coordenadas" (C)²¹, intercambiáveis entre si sem alteração da interpretação semântica dos fatos narrados: em f e g, por exemplo, ocorre a exposição de eventos simultâneos, se não

complementares, daí serem f e g perfeitamente permutáveis entre si (mas ordenadas em relação às orações vizinhas).

As orações p, q e r merecem uma observação particular: a juntura temporal que ocorre entre elas e a oração o não nos parece identificar-se totalmente com aquela que se estabelece entre as orações narrativas anteriores. Antes, a juntura em questão refere-se à ordenação de unidades inteiras da narrativa e toca no problema da enunciação. Explicando melhor: as orações finais p, q e r constituem toda uma seção da narrativa que só ocorre depois da exposição de todos os eventos da experiência passada, estabelecendo-se, pois, uma juntura entre esta seção que relata a experiência propriamente dita e aquela que indica o fecho da fala do narrador. A juntura marcaria aí uma fronteira entre o tempo do narrado e o tempo da enunciação.

As três primeiras orações do discurso, a, b e c, identificam-se como orações livres (L): não são confinadas por nenhuma juntura temporal; seu conjunto de deslocamento recobre, portanto, toda a narrativa, incluindo orações narrativas. Essa mobilidade extrema das orações citadas não prejudica a interpretação semântica dos fatos relatados. Com efeito, as orações a, b e c contêm informações a respeito da localização temporal da crise cardíaca e se tais dados fossem fornecidos ou no final ou em qualquer ponto da narrativa, isto em nada alteraria a informação adequada sobre os acontecimentos narrados.

A oração restritiva também está exemplificada nessa narrativa. A oração k é restritiva (R): possui um conjunto de deslocamento amplo e ordenado, mas não tão extenso quanto o das orações livres, o que vale dizer que não recobre toda a narrativa e que em algum ponto a oração restritiva esbarra em uma juntura temporal. A oração k, semelhantemente às orações livres iniciais, expressa um dado temporal. Essa informação poderia ocorrer em qualquer ponto da narrativa anterior a k. Não poderia, no entanto, figurar além da juntura k/l, pois em l já

ocorre um novo dado de tempo, configurando um novo contexto para a seqüência dos acontecimentos.

A figura 1 dá uma visão de conjunto dos tipos de oração da narrativa analisada, mostrando os conjuntos de deslocamento de cada oração e as juncturas temporais.

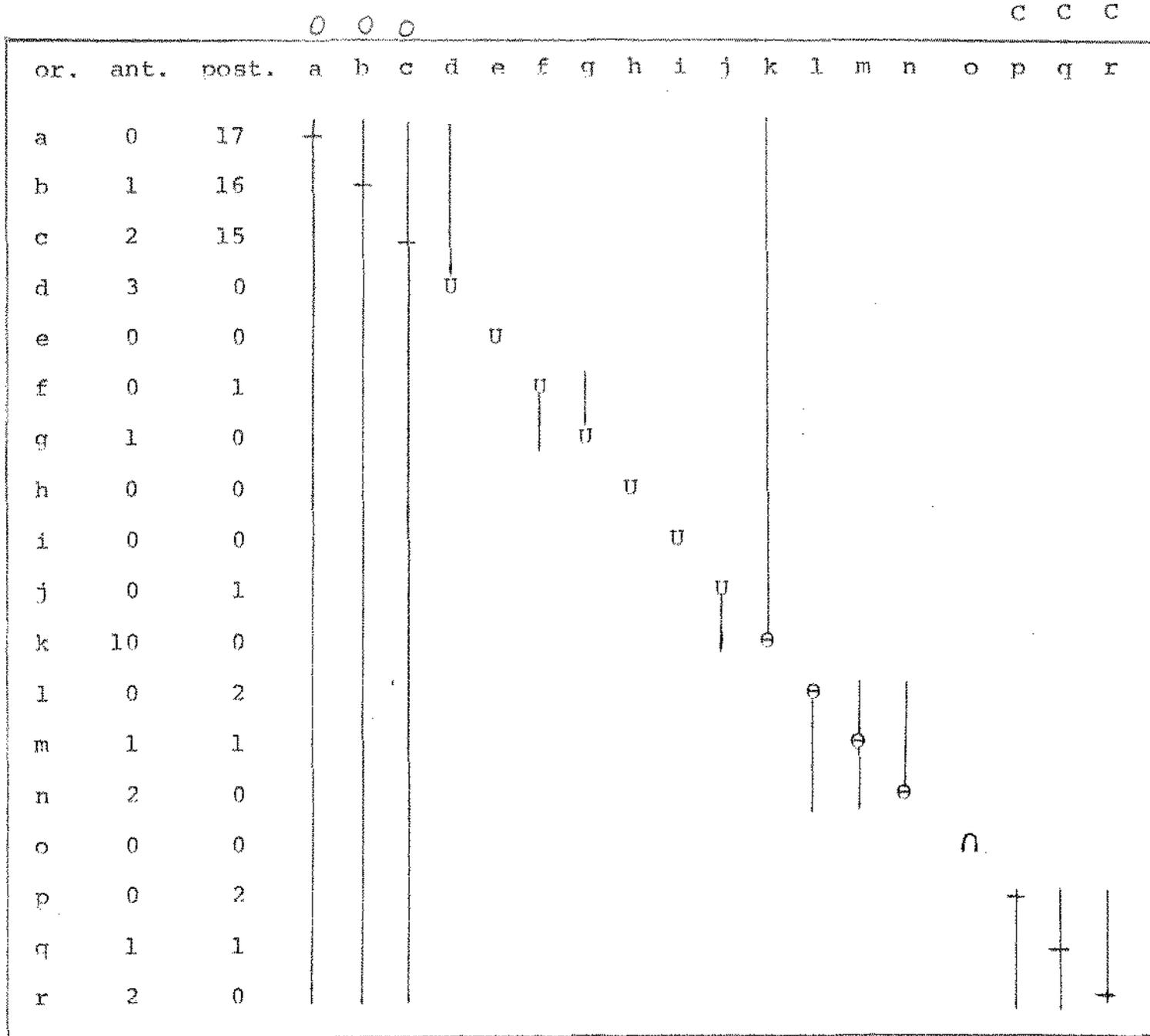
Passando para um nível superior ao da oração e discutindo a estrutura da narrativa como um todo, Labov e Waletzky distinguem as seguintes unidades que integrariam uma narrativa bem formada²²:

1. Sumário ou resumo ("abstract")
2. Orientação ("orientation")
3. Complicação ("complication" ou "complicating action")
4. Avaliação ("evaluation")
5. Resolução ou resultado ("resolution" ou "result")
6. Coda ("coda").

A caracterização de cada uma dessas seções faz-se, basicamente, a partir de três aspectos: pela função que a seção desempenha na narrativa, pela sua localização típica na seqüência do discurso narrativo e pelo tipo de oração de que se constitui.

O sumário ou resumo, primeira dessas unidades e de ocorrência facultativa, seria constituído de umas poucas orações (uma ou duas, em geral)²³ que sintetizam a experiência que vai ser narrada, desempenhando, portanto, basicamente, função referencial.

O resumo, quando ocorre, aparece no início da narrativa e, ao lado da função referencial que cumpre ao recapitular eventos do passado, atua também como um recurso para despertar o interesse do ouvinte para o discurso que vai se seguir. Para alcançar tal objetivo, o sumário contém freqüentemente orações que apontam para a razão de ser do relato, acentuando bem o ponto de interesse da narrativa. Nesse sentido, o resumo assume uma colaboração bastante "avaliativa", sendo freqüente ne-



- | = conjunto de deslocamento da oração
- O = orientação
- U = complicação
- ∧ = resolução
- C = coda
- ⊖ = avaliação

Figura 1

le a ocorrência de enfáticos juízos de valor, de frases exclamativas e de expressões "emotivas" no sentido de Jakobson.

O exame de alguns casos concretos pode confirmar essas afirmações. Observe-se, por exemplo, o resumo "avaliativo" com que um adolescente inicia sua narrativa (v. Apêndice, narrativa 9):

- (4) (Você nunca se machucou com ferrão de peixe?)
- a "Já (me machuquei), c'um mandi.
 - b Ficô grudado na minha mão assim.
 - c Mai dõí! Nossa!
 - d Queima!"

Na narrativa 25 (v. Apêndice), a narradora, adulta, sintetiza a sua experiência acentuando a "comicidade" da situação que viveu:

- (5) a "Ah, outro dia eu preguei uma peça na Marinilda.
b Ah, foi gozadíssimo!"

Já um outro adolescente abre seu relato com um resumo bastante seco, essencialmente referencial (oração a), e em seguida começa a exposição mais completa dos eventos que viveu (v. narrativa 10, em Apêndice):

- (6) (Como foi essa briga com seu irmão?)
- a "Nóis lá brigamo por causa de 5 cruzero, sabe?
 - b Eu tinha 5 cruzero.
 - c E ele falô que era dele..."

Esta narrativa poderia perfeitamente ter começado na oração b o que demonstra que o resumo não é indispensável, uma vez que é somente o anúncio do assunto que reaparecerá de forma desenvolvida na seqüência do discurso.

Labov e Waletzky não precisam o tipo de oração que costuma constituir o resumo. A análise de nosso corpus leva-nos a constatar que essa seção se constitui tipicamente de orações livres. Encontramos um único caso (narrativa 19) de

ocorrência de oração narrativa e de oração restritiva em resumo. Trata-se, excepcionalmente, de um sumário em que se expressam eventos ordenados. Neste sentido, assume a configuração de uma mini-narrativa que poderia, eventualmente, constituir a totalidade da resposta do informante à pergunta do investigador. Com efeito, aparentemente, esse resumo teria, preliminarmente, funcionado como tal. O interesse renovado do ouvinte e o estímulo que a lembrança agradável teria provocado no próprio narrador te-lo-iam levado a retomar o relato apresentando-o de forma mais estendida. A retomada do discurso se faz pela repetição de uma das orações da mini-narrativa; acrescentam-se pormenores relativos aos eventos narrados e prolonga-se o relato de modo a abarcar fatos subsequentes que a narrativa preliminar não faria supor.

Dado o caráter facultativo do resumo, seria interessante observar o grau de ocorrência dessa seção nas narrativas que examinamos: 90% das narrativas apresentam o sumário (os 10% que carecem dessa seção são relatos produzidos por informantes do sexo masculino (adultos e jovens), de nível sócio-econômico desfavorecido). A alta porcentagem de ocorrência do sumário parece contrariar observação de José Augusto Carvalho (1975) segundo o qual tal seção ocorreria "muito raramente"²⁴.

A orientação, constituída sobretudo de orações livres, presta-se a fornecer ao ouvinte informações sobre personagens, lugar, tempo e situação relativos aos fatos narrados, cumprindo, portanto função referencial. Labov e Waletzky observam que, embora ocorra com grande freqüência nas narrativas, a orientação não é uma seção obrigatória. Em geral, essa unidade aparece no início do relato (após o sumário, se este ocorre²⁵), como uma seção bem distinta. Todavia, dados de orientação podem também ocorrer dispersos no corpo da narrativa, incorporados a outras seções, quer integrando orações narrativas, quer constituindo orações livres ou restritivas

que podem, inclusive estar cumprindo função avaliativa pelo simples fato de suspenderem o desenrolar da ação narrativa o que vem a ser uma forma de dar destaque a determinados momentos dessa ação.

Na narrativa 21 (v. Apêndice), por exemplo, a orientação, bastante desenvolvida, ocorre como uma seção perfeitamente distinta (de b a g) constituída de orações livres, situando-se após o resumo (oração a) e antes do início da ação narrativa propriamente dita, o que tem lugar na oração h:

- (7) (Na escola você já aprontou alguma brincadeira para alguém?)
- a "Ah, (aprontei) só uma vez que eu fui expulsa três dias.
- b Ah, era uma substituta
- c e todo mundo detestava essa mulher, sabe?
- d Foi na 2a. série.
- e Ninguém gostava (dela)
- f e ela era muito chata, sabe?
- g Dá aula de matemática, matemát... eu acho que é.
- h Bom, eu sei que então a professora entrou na classe..."

A orientação pode fornecer informações bem precisas, como a que ocorre na narrativa 1 já focalizada atrás, rica em dados sobre o tempo em que se situaram os eventos narrados. Nesse exemplo ocorre uma seção inicial de orientação (constituída pelas orações livres a, b, e c) e uma oração com dados de orientação (a restritiva k) inserida entre orações narrativas, introduzida na parte da narrativa em que se faz a exposição da seqüência dos eventos propriamente dita:

- (8) (E como foi a crise cardíaca que o senhor teve?)
- a "Essa crise me deu dia 21 de abril

b há dois anos passado.

c Foi de domingo.

.....

k Era uma hora da tarde, depois do almoço..."

Na mesma narrativa, um dado de orientação, ainda quanto ao tempo, aparece inserido numa oração que também informa sobre o desenvolvimento da ação (grifamos):

(9) "....."

l E quando eu voltei, e conheci que eu tava na mi
nha cama, era no outro dia..."

Tanto oração k como a oração l, ao lado da função referencial que desempenham ao fornecer informações sobre circunstâncias temporais da experiência narrada, cumprem sobretudo função avaliativa na medida em que: a) suspendem a ação narrativa num momento crucial criando um efeito de duração prolongada da crise que acometeu o narrador-personagem, e criando ainda uma forte expectativa com relação à resolução do impasse; e b) acentuam, expressamente, a longa duração do estado de inconsciência da personagem.

Como a orientação é uma seção facultativa, interessamo-nos em observar o seu grau de ocorrência no corpus que examinamos: 83% das narrativas apresentam seção de orientação em dimensão que vai de 8 a 21 orações, representando de 3% a 33% da extensão total das narrativas em questão. Uma ressalva importante faz-se necessária: todas as narrativas que constituem esses 17% carentes de uma seção de orientação, na verdade não deixam de apresentar dados de orientação: só que o fazem de forma esparsa, integrando tais informações em orações (narrativas, ou restritivas ou livres) que constituem outras seções da narrativa. (Veja-se, por exemplo, a narrativa 12 (v. Apêndice). A ação narrativa inicia-se logo na primeira oração (a) do discurso, sem estar precedida de uma seção de orientação. As unidades c, d e j, todavia, são ora-

ções de orientação identificadas como seção de avaliação pela função avaliativa que cumprem - por sua localização suspendem o desenrolar da ação de que resultam um efeito de prolongamento do tempo em que o narrador-personagem dispensou sua boa vontade aos outros protagonistas, e ainda uma grande expectativa quanto à seqüência da ação. Há ainda dados de orientação (sobre personagens, lugar e tempo dos fatos narrados) nas orações narrativas a, k e q, as quais fundamentalmente expressam o desenvolvimento da ação sendo por isso identificadas como componentes das seções de complicação (a) e resolução (k, q). Em suma, todas as narrativas do corpus apresentam orientação, do ponto de vista de sua definição funcional. Se em 17% das narrativas não se identificou uma seção de orientação, formalmente caracterizada, será antes por uma limitação do método de análise, ou da forma de expressão dos resultados dessa análise que não prevê, por exemplo, um recurso para se acusar a intersecção ou superposição de seções da narrativa.

Uma última observação sobre a orientação: verificamos que narradores adultos fornecem dados bastante precisos sobre tempo (cf. narrativa 1, orações: a, b, c, k, l, q; narrativa 2, orações: k, q; narrativa 6, orações b, j, k; narrativa 8, orações: c, h; narrativa 26, orações d, aa; narrativa 29, orações h, w, aa, mm; narrativa 30, orações: b, c) e local (cf. narrativa 3, orações b, gg, rr; narrativa 5, orações: b, f; narrativa 6, orações: b, c, h; narrativa 28, orações: g, i, j, l, u, tt, uu; narrativa 30, orações: h, i, j) relativos à experiência relatada. O mesmo não ocorre com muita freqüência entre os adolescentes: suas narrativas são omissas quanto a esses dados (cf. narrativas 9, 10, 12, 14, 16) ou fornecem indicações vagas (cf. narrativa 11, orações u: "era de noite"; v: "no otro dia"; aa: "otro dia, a uma hora"; narrativa 13, orações: i: "no memo dia"; p: "no otro dia"; narrativa 15, orações: c: "faiz tempo"; d: "eu era pe-

queno ainda"; narrativa 17, oração c: "um dia"; narrativa 18, orações: c e g: "no otro dia"; h: "chegô ã tarde, ela falô."). Sob esse aspecto, sobressaem-se entre os relatos dos jovens, as narrativas 19 (cf. orações: g, l, hh,) 20 (cf. orações a, n, t, u), 21 (cf. orações: a, d, x), 22 (cf. oração c), 23 (cf. orações: m, n, o, p, q) e 24 (cf. orações: j, r, fff, uuu) cujos dados de orientação são fornecidos com certa precisão. É interessante observar que esses narradores jovens, mais precisos quanto à orientação, são todos do sexo feminino, sendo 33% do nível sócio-econômico 2 e 66% do nível sócio-econômico 1 (aliás, nesse nível a produção de orientações precisas ocorre em 100% das narrativas, isto é, os narradores de tipo JF1 produziram exclusivamente orientação do tipo mais preciso.).

Precedida ou não das seções facultativas iniciais (resumo e orientação), a seção de complicação ou ação de complicação compreende orações narrativas que levam a cabo a função referencial de expressar uma seqüência de eventos na mesma ordem em que eles se deram. Desnecessário lembrar que a expressão ordenada dos acontecimentos passados é que constitui a parte fundamental do discurso narrativo.

A título de exemplo vejamos a narrativa 10 (v. Apêndice). Aí a complicação vai de c a i, constituindo, em termos de extensão, um segmento significativo do discurso (abarca 44% da totalidade das orações). A complicação é precedida de um breve resumo (oração a) e de uma sucinta orientação (oração b):

(10)

- a "Nois lâ brigamo por causa de 5 cruzero, sabe?
- b Eu tinha 5 cruzero
- c e ele falô que era dele
- d e eu falei que num era
- e e ele comecô a teimã... teimã comigo.
- f Pegô e emburrô eu.
- g Quando ele emburrô eu, eu passei a mão na...num pedaço de pau

h e fui nele .

g Daí ele deu um murro ni mim."

A complicação vai até, digamos, o clímax do relato. A continuação dos eventos será expressa por uma outra seção, o resultado ou a resolução, constituída igualmente de orações narrativas (uma ou mais de uma oração). A resolução, portanto, assim como a complicação, cumpre a função referencial de expressar a seqüência dos eventos passados, na mesma ordem em que ocorreram. A diferença entre as duas seções está em que a complicação expressa a seqüência dos eventos até um ponto alto e a resolução desfaz o clímax e define o desenlace dos acontecimentos.

Segundo Labov e Waletzky, para a identificação dos limites entre complicação e resolução pode ser necessário recorrer-se a critérios semânticos que, reconhecem os Autores, são "freqüentemente difíceis de aplicar e raramente consistentes".²⁶ Geralmente, entretanto, continuam os Autores, é possível isolar-se a resolução da complicação por um traço estrutural: a ocorrência de uma seção de avaliação marcando a separação entre as duas mencionadas seções. Através de recursos variados, o narrador indica a importância de um dado evento em relação aos demais, "ênfatizando o ponto onde a ação de complicação atinge um máximo: o limite entre a complicação e a resolução".²⁷ Na narrativa 10, por exemplo, a complicação que transcrevemos mais acima, é seguida de duas orações de avaliação (j e k) que chamam a atenção para o ponto culminante da briga: o momento em que o narrador-personagem, atingido e sentindo-se em apuros ante a provável e desagradável perspectiva de continuar apanhando e a aparente incapacidade de responder com a mesma arma, reage ruidosamente, chorando e gritando, o que, se por um lado expressa a dor sentida pelo murro recebido, por outro lado constitui um recurso (meio humilhante, mas quase sempre eficaz) para acabar com a briga. Trata-se de ações avaliativas que corresponderiam, grosso modo, a aprecia-

ções do narrador sobre o momento, do tipo: "Eu fiz um escândalo", "Estava doendo muito", "Ele ia me arrebentar", "Eu estava em perigo", "Alguém precisava me salvar"... Os recursos avaliativos que dão ênfase a essa passagem do relato seriam: uma certa retenção da ação nesse momento, na medida em que as orações j e k, coordenadas, expressam atividades simultâneas; uma certa insistência enfática sobre o item lexical "chorar" que aparece três vezes nesse contexto; e uma certa força expressiva que advém do próprio uso do mencionado item lexical em referência a um rapazinho que, pela idade e pelo sexo, segundo as expectativas de nosso meio cultural, não deveria chorar. Após essas orações avaliativas segue-se a resolução, que traz o desenlace dos acontecimentos (orações l, m, n, o, p):

(11)

- j "e eu comecei a chorã é é...chorã sabe?
- k Então... chorã e começã (comecei) a gritã
- l veio lã, veio lã o vizinho
- m e apartô a briga.
- n Depois entramo pra dentro, né
- o e a minha mãe rateô com ele,
- p rateô comigo."

Labov e Waletzky assinalam que, "em muitas narrativas, a seção de avaliação está fundida com a resolução, isto é, uma mesma oração narrativa enfatiza a importância do resultado, e o expressa".²⁸

Por outro lado, observamos em muitos relatos a ocorrência de mais de uma seção de avaliação, enfatizando mais de um ponto no desenvolvimento da ação. Conseqüentemente, a estrutura do discurso acusa o que poderíamos chamar de sub-ciclos narrativos: a ação de complicação avança até um ponto alto, estruturalmente indicado pela ocorrência de uma avaliação;

segue-se, desfazendo o clímax, uma resolução que, ganhando força, cresce de forma a criar outro ponto alto, devidamente assinalado por nova avaliação; outra resolução ocorre expressando o desenlace dos eventos, podendo, eventualmente, haver uma continuidade da narrativa por repetições do esquema aqui delineado.

Observe-se, como exemplo, a narrativa 4 (v. Apêndice):

(12)

- 3^d0 "A vaca, uma vez uma vaca lã em casa teve um bezerrinho
 0^e0 e pegou-me
 0^f0 e eu me assubi num pê de coco
 0^g0 e a vaca ficõ debaxo
 0^h6 e vai,
 1ⁱ5 vai,
 2^j4 e vai,
 3^k3 vai: bom!
 4^l2 e vai,
 5^m1 vai, de cria nova e tal,
 6ⁿ0 e vai
 0^o3 e pai (falô): Meu fio, assobe mais pra cima.
 9^p7 E a vaca ficava rasgano o pê do coco, do co- quero assim na ponta da faca, é... é... do chi fre, bããã
 10^q6 e olhava
 11^r5 e faz: mōōōō, mōōō!
 3^s3 Eu falei: E d'agora? Eu tō escansado, o pê de coco é liso, né! E agora v'a descê, agora, hein?
 13^t15 Ih! Mai passei apurado, viu?
 5^u7 As perna jã tava tremendo, os braço, tudo...
 6^v0 Se eu caí ela me pega! ...e daí?
 0^w0 Aí, pa...depois e...esse irmão meu que mataro ele em Pernambuco, ele falô: Não, pai, vamo lã

perto daquela vaca.

0^x0 Pegaro cada um um porrete de pau

0^y0 e tocaro na ponta da vaca

0^z1 e vai

1^{aa}0 vai

0^{bb}0 e ainda pôis o pai p'a corrê...

0^{cc}0 Na hora que ela correu atrais de pai eu descí de cá

0^{dd}0 me assubi no pé de manga

0^{ee}0 a vaca vortô otra veiz...

0^{ff}0 e passô tempo!

0^{gg}0^o pai falô: Meu fio, fica aí...(riso)

0^{hh}1 Eu passei quase umas treis, quatro hora...en-
cangado que nem macaco! ..."

Depois de três orações de resumo (a, b, c) inicia-se a complicação em d indo até g. A ação de complicação é então interrompida pela ocorrência de sete orações coordenadas (h, i, j, k, l, m, n) que funcionam como uma seção avaliativa na medida em que suspendem a ação e enfatizam a longa duração da situação tragi-cômica em que se encontrava o narrador, e criam um certo suspense quanto aos acontecimentos que se sucederão. Segue-se uma oração de resolução (o) que na verdade expressa uma ação paliativa e não o desenlace final dos acontecimentos. Nova seção avaliativa constituída de orações restritivas e coordenadas (p, q, r, s, t, u, v) impede o avanço da ação e acentua o perigo e a longa duração da situação difícil do narrador. Seguem-se três orações de resolução (w, x, y) que expressam as medidas tomadas para espantar o animal. Nova interrupção avaliativa (pelas coordenadas z e aa) acentua a dificuldade da empresa e a investida da vaca contra outra vítima. Segue-se, então, a resolução final (orações de bb a hh).

A avaliação, que vem sendo mencionada de passagem, requer uma conceituação mais precisa. Em termos funcionais e

semânticos, "a avaliação é a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à narrativa enfatizando a importância relativa de algumas unidades em comparação com outras."²⁹ Desta forma, a avaliação, ressalta o (s) ponto(s) de interesse do relato (o perigoso, o grave, o inusitado, o engraçado, etc. da experiência, ou a coragem, a esperteza, a força, a frieza, etc. do narrador-personagem) que justifica(m) a própria ocorrência do discurso narrativo e cuja demonstração constitui um dos propósitos do narrador.

Os recursos avaliativos variam desde a declaração mais explícita do narrador a respeito de seus sentimentos em relação ao que narra até a manifestação de ênfase mais sutil; desde a interrupção cabal da seqüência de ações para a exteriorização do ponto de vista do narrador até a integração mais íntima da avaliação na seqüência dos eventos, quer pela introdução de recursos enfáticos dentro da oração narrativa, quer pela utilização da oração narrativa como um todo como elemento de avaliação na medida em que expresse uma ação avaliativa. Vale lembrar que, dados de orientação, que em si próprios não teriam força avaliativa, desempenham muitas vezes função de avaliação porque, pela sua localização, suspendem a ação narrativa dando destaque ao último evento narrado cuja duração sofre um efeito de prolongamento, e/ou criando suspense quanto à então retardada continuidade dos acontecimentos. A narrativa II fornece uma exemplificação variada de recursos avaliativos (no segmento que transcrevemos assinalamos a mobilidade de cada oração e grifamos os recursos avaliativos usados):

(13)

- 5^f1 "Aí ele (um homem) me tacô uma melancia
 6^g0 Além de tacã uma melancia na minha cabeça,
ainda xingô
 0^h0 Ah! ... eu saí correndo!

- 0ⁱ1 Ele, na hora que ele tocô otra ele me xingô de fia d'uma puta.
- 9^j18 Eu num sei: xingã eu de fia d'uma puta, pode ser maior tenho que pelo menos...dexã por isso mesmo eu num dexo, não
- 1^k0 Aí taquei uma pedra na cabeça dele também.
- 0^l0 Aí rachô a cabeça dele.
- 0^m0 Ele foi lá buscô o revolve
- 0ⁿ0 e foi lá em casa prá matã eu
- 0^o0 mas...ele correu atrás de mim
- 0^p0 mas num pegô, não!
- 0^q0 Aí, depois foi lá chamô a polícia.
- 0^r0 A polícia foi lá em casa
- 0^s0 buscô eu.
- 0^t1 Fui lá embaxo, eu com a minha mãe.
- 3^u0 Era de noite, já.
- 0^v0 Aí depois que nóis foi lá embaxo, aí no otro dia, ele falô... a polícia falô pra ele assim que era pra ele i ... por que motivo ele...
- 0^w0 Aí eu falei: Ele que mexeu comigo.
- 0^x0 Aí ele falô: Não! Eu tava brincando com ele.
- 0^y0 Aí a polícia falô: Isso não é de brincã, não, tocã melancia na cabeca dos otros!
- 0^z0 Aí eu falei: Ah... Não! eu não quentei desaforo foi dele xingã eu de fia d'uma puta!
- 0^{aa}0 Aí depois a polícia mandô ele i lá otro dia, a uma hora.
- 0^{bb}0 E eu num fui mais, não, ele num mandô eu i mais! ..."

As oito orações assinaladas procuram acentuar a gravidade da ofensa e o perigo de que foi alvo o narrador, bem como procuram apresentá-lo sob uma luz favorável destacando seus

brios, sua coragem e sua esperteza. A avaliação mais explícita ocorre na oração livre j: o narrador interrompe a seqüência dos eventos para expor seus sentimentos a respeito da situação. Além do auto-engrandecimento, o narrador consegue o efeito de criar uma certa expectativa quanto à seqüência dos acontecimentos. A oração restritiva u ilustra o caso de avaliação que destaca um certo acontecimento pela suspensão da ação: o dado de orientação temporal retarda o desenlace dos eventos na delegacia estimulando a curiosidade do ouvinte. As outras avaliações do exemplo aparecem todas em orações narrativas, e portanto, integradas à seqüência dos acontecimentos. Em y e z temos, como eventos do relato, falas de caráter avaliativo: num caso a avaliação se faz pela visão de uma terceira pessoa, que solidária ao narrador, critica o procedimento de seu adversário; no outro caso o narrador se auto-promove. Em q temos a introdução de recursos avaliativos na oração narrativa: os intensificadores (além de ... ainda ...) que acentuam a dimensão da ofensa. A oração narrativa n apresenta uma ação avaliativa que enfatiza o risco corrido pelo narrador. Em p e bb temos a negação de eventos que poderiam ocorrer, de forma a destacar, respectivamente, a esperteza (p) e a inocência (bb) do narrador.

Pela exemplificação apresentada, constata-se que a avaliação pode ser expressa por orações livres, restritivas ou narrativas, ocorrendo em diversos pontos da narrativa. Ela será formalmente reconhecida nos casos de suspensão da ação, isto é, quando é expressa por orações livres, restritivas ou narrativas coordenadas. Nos demais casos, a identificação da avaliação faz-se tão somente por critérios semânticos.

A penetração tão grande de elementos avaliativos por toda a narrativa leva Labov a identificar a "seção de avaliação" que, suspendendo a ação, marca estruturalmente a separação entre complicação e resolução, como um foco que concentra, mas não esgota os recursos avaliativos da narrativa.

A avaliação da narrativa formaria "uma estrutura secundária que está concentrada na seção de avaliação mas pode ser encontrada em várias formas através da narrativa".³⁰ Assim, ao analisarmos as narrativas de nosso corpus identificamos como "seção avaliativa" (θ) as avaliações formalmente reconhecidas (isto é, constituídas de orações livres, restritivas ou narrativas coordenadas³¹ que, ocorrendo em meio ao desenvolvimento da seqüência de eventos suspendem a ação marcando momentos de clímax) e assinalamos (com o sinal +) a presença de elementos avaliativos em orações integrantes de outras seções da narrativa.

Todas as narrativas de nosso corpus apresentam seção de avaliação (em dimensão que varia de 1 a 42 orações, ocupando de 6% a 56% da extensão total da narrativa), o que confirma a afirmação de Labov e Waletzky de que uma narrativa sem avaliação seria "anormal".³² Queremos acentuar que 60% das narrativas que examinamos apresentam mais de uma seção de avaliação.

Finalmente, as narrativas costumam apresentar a coda, unidade que funciona como fecho do discurso narrativo. Destaque-se, de início, que a coda não expressa nenhum evento necessário para a descrição da experiência passada. Freqüentemente expressa a avaliação do narrador em relação a algum aspecto ou à totalidade da experiência narrada, como ocorre nos exemplos abaixo, extraídos, respectivamente, das narrativas 4, 26 e 30 (v. Apêndice)³³:

(14) ii "Êêê... é fogo!"

(15) bb "E nunca fiz nada melhor na minha vida, viu!"

(16) vv "E foi mesmo por milagre de Deus é que ele nasceu senão não nascia, viu."

Essa avaliação final do narrador pode extrapolar

a realidade da experiência narrada e assumir um caráter mais geral, como ocorre, por exemplo, na coda da narrativa 2:

- (17) ee "Ih! mai tem muito elemento...tem bom
ff mai tem muito ruim, né?"

Freqüentemente, também, a coda traz observações a respeito de personagens e lugares envolvidos na experiência relatada, focalizando-os não mais na situação em que se encontram durante o desenrolar dos eventos passados, mas na situação em que se encontram no momento correspondente ao presente da enunciação. Nesse sentido, muitas vezes o narrador acompanha, até esse presente, os efeitos prolongados que os eventos passados teriam provocado em tais personagens. Vejam-se, a propósito, as codas das narrativas 14 e 29 (v. APÊNDICE)³⁴, respectivamente:

- (18) v "Agora, agora ele é grandão!
w Eu sô magrinho,
x num como nada!"

- (19) jjj "Agora que eu tô boa de pressão, mas naquele tempo, nossa mãe!
kkk Ai, até hoje num posso vê aquela mulher, viu."

Observe-se que esse tipo de coda traz o discurso ao presente, marcando nitidamente, através de dêiticos in diciais³⁵, a separação entre o tempo dos eventos que foram relatados e o momento da enunciação. Para o mesmo efeito, outras codas utilizam também dêiticos anafóricos³⁵ como ocorre, por exemplo, nas narrativas 6 e 21:

- (20) q "Que eu me lembro é só isso aí."
(21) y "(É) só isso."

Na medida em que não expressa nenhum evento necessário para a descrição da experiência passada, conforme já assinalamos, e na medida em que marca um certo deslocamento

do narrador em relação a esses eventos - (distanciamento claramente expresso pelos dêiticos anafóricos e indiciais, ou implícitos nos "balanços finais" de caráter avaliativo (cf. ex. (14), (15) e (16)), que revelam uma visão dos fatos narrados, a partir do presente) -, a coda indica ao ouvinte que a seqüência de tais eventos já foi completamente relatada. Está aí sua função fundamental. "Pode-se dizer que uma boa coda proporciona mais que uma solução mecânica para o problema seqüencial: ela deixa o ouvinte com um sentimento de satisfação e "completude" ("completeness"), de que os assuntos foram convenientemente terminados e explicados."³⁶

Curiosamente, encontramos nas narrativas que examinamos um número significativo de codas que retomam ou introduzem dados de orientação (que a essa altura seriam irrelevantes e dispensáveis). É o caso da coda da narrativa 12, por exemplo³⁷:

- (22) o "Mais apanhava da minha mãe só, que do meu
pai, ele nunca bateu ni nóis.
p Meu pai ele gostava de brincá co nóis, jo-
gã terrão, essas coisa,
q mais batê ele nunca batia não.
r Ele num nonhava nem a mão ni nóis."

Essa insistência extemporânea em fornecer dados de orientação parece atuar no sentido de "completar" o relato já que o próprio narrador não estaria plenamente convencido da eficiência do segmento anterior de seu discurso em termos de provocar no ouvinte o mencionado sentimento de satisfação.

Ao marcar o final da narrativa a coda assinala, ipso facto, a devolução da palavra ao interlocutor. Ou seja, pela coda o narrador indica também que já encerrou sua fala e que seu ouvinte pode retomar a palavra. Nesse sentido, a coda cumpre função fática, nos termos de Jakobson³⁸.

Até aqui a coda foi caracterizada por suas funções

e sua localização no discurso narrativo. Resta examinar o tipo de oração que a constitui. Labov e Waletzky afirmam (1967) que "todas as codas são separadas da resolução por juntura temporal"³⁹. Todavia, posteriormente, Labov (1972) retifica essa visão, mencionando a ocorrência de orações livres na coda⁴⁰. Com efeito, nas codas das narrativas que examinamos encontramos, no geral, orações livres. Constatamos a ocorrência de juntura temporal entre resolução e coda somente nos casos em que esta seção estabelece uma ponte entre a experiência passada e o momento da enunciação, expressando efeitos dos eventos passados, que se prolongam até o presente vivido pelo narrador e o ouvinte (v. exemplos nas narrativas 1, 3, 15, 16, 19, 23, 28, 29).

Apesar de ser uma seção facultativa, a coda teve um índice de ocorrência bastante alto nas narrativas que examinamos: 80%. (Todavia, entre as seções facultativas da narrativa foi a que acusou menor ocorrência em nosso corpus.) Nossos dados indicam que a ausência da coda foi mais frequente entre os jovens que entre os adultos, e entre os falantes do sexo masculino que entre os do sexo feminino: dos 20% de narrativas que não apresentam coda, 17% correspondem a narrativas de jovens, e igual cifra corresponde à produção de narradores do sexo masculino. Esses dados sugerem uma correlação entre a ausência de coda e a baixa idade, e o sexo masculino do narrador. Ressalte-se que entre as narrativas sem coda a única produzida por adulto é a de um adulto do sexo masculino, e a única produzida por narrador do sexo feminino é a de uma jovem.

Segundo Labov e Waletzky, uma narrativa bem formada apresenta as seis seções que acabamos de identificar: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda, nesta ordem de ocorrência. Por outro lado, que seções apresentaria uma narrativa mínima? Labov e Waletzky sugerem que a narrativa mais simples consistiria apenas na complicação⁴¹,

embora admitam que "freqüentemente encontramos narrativas mínimas que têm resolução e complicação ("He hit me hard and I hit him back.")⁴². Esta última alternativa parece-nos mais aceitável e válida como regra geral. Com efeito, numa seqüência de dois eventos (que constitui uma narrativa mínima), o primeiro será visto como complicação na medida em que desenrola um desenrolar da ação e o segundo, porque último, será o resultado, a finalização dessa ação. Distingue-se assim, por critérios semânticos, a resolução, da complicação. A complicação e a resolução, que de resto são da mesma natureza como procuramos evidenciar anteriormente, identificam-se, pois, como as seções básicas da narrativa. Todavia, se teoricamente é possível a ocorrência de uma narrativa formada exclusivamente de complicação e resolução, concretamente, em nosso corpus não encontramos uma única narrativa com esta constituição. O relato que mais se afastou da constituição da narrativa bem formada nos termos de Labov e Waletzky (isto é, com todas as seções) apresentou quatro das seis seções esperadas: orientação, complicação, avaliação, e resolução.

Examinando nosso corpus com relação à ocorrência de narrativas com todas as seções ou sem todas elas - que chamaríamos impropriamente de narrativas "completas" ou "incompletas", respectivamente, constatamos que: os adultos produziram mais narrativas "completas" que "incompletas" e sua produção de narrativas "completas" superou a dos jovens; da mesma forma, os narradores do sexo feminino produziram mais narrativas "completas" que "incompletas" e sua produção de narrativas "completas" ultrapassou a dos narradores do sexo masculino; um quadro semelhante ou mesmo mais acentuado pôde ser observado considerando-se a distinção dos narradores quanto ao nível sócio-econômico, sobressaindo-se os falantes do nível 1 em relação aos do nível 2 quanto à maior produção de narrativas bem formadas. (cf. Quadro 1, em Apêndice). Os dados sugerem que a idade, o sexo e o nível sócio-econômico do falante seriam fa-

tores relevantes para a produção de narrativas bem formadas.

Finalizando, queremos apontar alguns problemas com que nos defrontamos na aplicação da proposta de análise de Labov e Waletzky às narrativas de nosso corpus. Basicamente as dificuldades de análise convergem para o fato de que a expectativa de operar com uma análise totalmente formal frustra-se na medida em que os critérios formais propostos por Labov e Waletzky esbarram em critérios semânticos que dependem em certo grau da subjetividade do analista. A identificação das orações independentes, por exemplo, apóia-se, muitas vezes, numa "contribuição" do analista na medida em que o discurso oral, matéria da análise, apresenta, tipicamente, elipses, frases truncadas, termos subentendidos, lacunas a serem preenchidas pelo ouvinte, com base, naturalmente, na sua interpretação do discurso. É também freqüente no discurso oral a ocorrência de certos elementos frasais que poderíamos considerar expletivos na medida em que não são indispensáveis para a expressão do sentido básico da frase em que ocorrem, e que funcionam sobretudo como elementos de apoio da enunciação. É o caso de expressões como "viu?", "sabe?", "acho que...", "penso que...", "lembro que...", que por seu caráter marginal foram deixadas de lado quando identificamos as orações independentes da narrativa. Não levamos em conta, também, os "ensaios" de expressão, freqüentes em discurso oral; para efeitos de isolamento das orações independentes só consideramos a versão "corrigida" ou "final" da frase em questão.

Com relação à identificação das seções, assinalamos que não raro ocorre em um mesmo ponto da narrativa o que poderíamos chamar de superposição de funções, ou intersecção de seções, o que não transparece totalmente na análise efetuada. Já assinalamos anteriormente, por exemplo, a ocorrência de narrativas sem uma seção de orientação formalmente reconhecida, que no entanto apresentam, dispersos em

outras seções, elementos que cumprem função de orientação. Seria o caso de se apontar, de alguma forma, a presença desses dados de orientação fora de sua seção específica, assim como assinalamos o caráter "avaliativo" de unidades narrativas situadas fora da "seção" de avaliação propriamente dita.

Em suma: apesar da base formal em que se assenta a análise proposta por Labov e Waletzky, torna-se inevitável a utilização de critérios semânticos na abordagem do material narrativo, o que sacrifica um pouco o pretendido formalismo do método. Por outro lado, apesar de dar conta de muitos aspectos da narrativa, a abordagem aqui considerada não apreende toda a riqueza do discurso narrativo (limitação que parece partilhar com toda tentativa de redução de um objeto a um modelo).

NOTAS

1. W. Labov e J. Waletzky - "Narrative analysis: oral versions of personal experience." In J. Jelm (ed.) - Essays on the verbal and the visual arts.
W. Labov - "The transformation of experience in narrative syntax". In: Language in the Inner City.
2. W. Labov e J. Waletzky - op. cit., p. 12
3. Para Teun A. van Dijk: "(...) the terms "narrative discourse" or "narrative" do not exclusively refer to literary kinds of narrative, such as manifested in short stories, novels or the like, nor to such narratives as myths, folktales, epics and so on. For several reasons both structural (their complexity) and functional (their pragmatic conditions) such narratives will be called artificial (...). Artificial narrative (...) have a "constructed" nature and occur in specific "story-telling contexts. (...) Natural narratives (grifamos) are those narratives which occur in our normal, everyday conversation, in which we tell each other our personal experiences." ("Action, Action Description, and Narrative". New Literary History, vol. VI, p. 274-85).
4. Labov e Waletzky focalizaram relatos de informantes americanos. Os autores utilizaram dados de entrevistas rea-

lizadas no curso de quatro estudos sobre o inglês da América. As narrativas aparecem nesse material porque, justamente, provocar relatos de experiências pessoais emocionantes vividas pelos informantes foi uma técnica empregada pelos investigadores para obter linguagem espontânea na situação de entrevista.

5. Confirmando o ponto de vista de Labov e Waletzky, Teun A. van Dijk também considera que "insight into artificial narratives must be based on a thorough analysis of natural narratives", e concretiza essa possibilidade de trabalho comparando os dois tipos de narrativas e apontando propriedades da narrativa artificial, a partir das características estruturais e funcionais elementares da narrativa natural, tais como foram identificadas por Labov e Waletzky. (op. cit. p.274, 291-3).
Também José Augusto Carvalho, em dissertação de mestrado apresentada junto ao IEL - UNICAMP, em 1975, estendeu para a ficção literária o modelo de análise de Labov e Waletzky, quando examinou algumas "seções" da narrativa, mais precisamente, a avaliação e a coda, com base em um corpus que ao lado de narrativas "naturais" inclui contos de Machado de Assis e Rubem Braga. (Análise de alguns componentes da narrativa).
6. A. Dundes - "Introduction to the second edition". In: V. Propp - Morphology of the folktale, p. xi.
7. Tomachevski, que também opera com uma unidade semântica, o motivo-identificado como menor partícula temática da narrativa - faz, todavia, uma aproximação entre esse elemento e a oração, ao afirmar, de passagem: "Au fond chaque proposition possède son propre motif". ("Thématique". In: T. Todorov (org. e trad.) - Théorie de la littérature; textes de formalistes russes, p. 268). Entretanto, o A. não dá maior ênfase a essa associação oração/motivo, nem a explora como fundamento para a identificação dos motivos.
8. Labov e Waletzky - op. cit., p. 13
9. Idem, ibidem, p. 20
10. A noção de ordenação cronológica (ordem das funções) em Bremond, por exemplo, está unicamente relacionada com as possibilidades lógicas de arranjo dos acontecimentos numa seqüência narrativa. Já em Labov e Waletzky, embora o critério da lógica seja utilizado algumas vezes para se definir a localização cronológica de um evento em relação a outros na seqüência dos acontecimentos narrados (e consequentemente a possibilidade de mobilidade da oração que o expressa na seqüência do discurso narrativo), o que pesa,

fundamentalmente, para essa definição é a suposição de que a expressão verbal mantém uma correspondência estrita com a ordem real dos eventos narrados.

11. Fazendo uma aproximação entre as funções da linguagem propostas por Roman Jakobson ("Linguística e Poética". In: Linguística e comunicação. p. 118-62) e as duas funções da narrativa mencionadas por Labov e Waletzky, verificamos que, por um lado, o significado de "função referencial" na concepção dos Autores americanos é recoberto pelo conceito que na doutrina do Linguista russo recebe a mesma denominação, e por outro lado, a "função avaliativa" da narrativa aproxima-se essencialmente do que Jakobson denomina de "função emotiva" (correspondente à projeção do eu no discurso). Convém destacar a importância da função avaliativa da narrativa. Labov e Waletzky não hesitam em dizer que a narrativa que cumpre somente a função referencial é "anormal": ela pode ser considerada vazia ou sem um ponto de interesse" (Narrative analysis: oral versions... p. 13).
12. Labov e Waletzky, op. cit., p. 21
13. Labov - "The transformation of experience...". p. 360
14. Estamos usando o termo "oração" como correspondente do inglês "clause". A oração é entendida aqui no sentido corrente de frase elementar livre ou dependente constituída à base de sujeito e predicado.
15. "The temporal juncture is semantically equivalent to the temporal conjunction then" (Labov e Waletzky, op. cit. p.30). Assim, duas orações, a e b, separadas por junctura temporal, ordenam-se: a, então (em seguida) b.
16. Labov - "The transformation of..." p. 361.
17. Os números à esquerda e à direita da letra que identifica a oração indicam, respectivamente, os deslocamentos possíveis para trás e para frente. No caso, ambas as orações têm deslocamento 0 (zero) tanto para trás como para a frente.
18. Esse critério não estabelece o limite superior da narrativa, ou seja, não permite definir as fronteiras da narrativa. A estruturação geral da narrativa em seções é que fornecerá instrumentos para essa definição.
19. Labov e Waletzky - op. cit., p. 27.
20. O teste de mobilidade da oração deve incluir um procedimen-

to para ajustar referências anafóricas. (cf. Labov e Waletzky, op. cit., p. 24).

21. Cf. Labov e Waletzky - op. cit., p. 23.
22. A menção ao sumário como primeira seção da narrativa não ocorre no trabalho conjunto de Labov e Waletzky, só aparecendo na produção posterior de Labov.
23. Os sumários das narrativas que examinamos são constituídos predominantemente por uma oração, mas chegam a apresentar até seis orações; essas dimensões representam uma ocupação que varia de 3% a 24% da extensão total das narrativas em questão.
24. José Augusto Carvalho - Análise de alguns componentes da narrativa, p. 34.
25. Encontramos um único caso de orientação precedendo o sumário. Trata-se da narrativa 18 que se inicia por uma caracterização de uma personagem do relato, caracterização, aliás, marcadamente avaliativa. Só então a narradora resume sua experiência.
26. Labov e Waletzky, op. cit., p. 33.
27. Idem, Ibidem, p.35.
28. Idem, Ibidem, p. 35.
29. Idem, Ibidem, p. 37.
30. Labov - "The transformation of..." - p. 369.
31. Labov e Waletzky mencionam, nomeadamente, a ocorrência de multicoordenadas como uma avaliação formalmente reconhecida. Em nossa análise, consideramos também como tal a ocorrência de duas coordenadas quando os critérios semânticos nos confirmam o caráter avaliativo das orações, ou seja, quando tais orações, além da relativa suspensão da ação, situam-se em momento de clímax do relato e/ou envolvem elementos enfáticos que intensificam algum aspecto da narrativa. (Às vezes a coordenação entre duas orações dá-se por uma correção ou repetição que o informante faz só para dar uma feição definitiva a seu discurso ou para contemporizar enquanto organiza suas idéias. Trata-se, portanto, de um problema propriamente de enunciação. Não consideramos essas coordenadas como avaliativas). É preciso reconhecer que o critério formal se anôia, assim, em critérios semânticos.

32. Labov e Waletzky - op. cit., p. 13.
33. Observem-se, ainda, a propósito, as codas das narrativas: 8 (orações g e k); 15 (oração x); 17 (oração j); 23 (oração gg) e 24 (oração bbbb).
34. Outros exemplos encontram-se nas narrativas: 1 (orações p, q, r); 3 (oração uu); 7 (orações z, aa, bb, cc, dd, ee, ff, gg); 8 (oração k); 15 (oração y); 16 (orações cc, dd, ee); 19 (orações gg, hh); 23 (oração ff); 24 (oração bbbb); 28 (orações tt, uu, vv, ww);.
35. Cf. Ducrot e Todorov - Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage, p. 405-6.
36. Labov - "The transformation..." - p. 366, nota 8.
37. Observem-se ainda, a propósito, as codas das narrativas 17 (orações k, l, m, n); 20 (orações z, aa, bb); 22 (orações w, x, y, z); 27 (orações u, v); 28 (orações tt, uu, vv, ww) e 29 (oração iii).
38. R. Jakobson, op. cit.
39. Labov e Waletzky, op. cit. p. 40.
40. Labov - "The transformation...", p. 365.
41. "The simplest possible narrative would consist of the single line of the complication, without a clear resolution (...)" (Labov e Waletzky, op. cit., p.41).
"Only (...) the complicating action is essential if we are to recognize a narrative (...)" (Labov; op. cit., p. 370).
42. Labov e Waletzky, op. cit., p.41.

2. OS TEMPOS VERBAIS E OS COMPONENTES DA NARRATIVA

No capítulo precedente caracterizamos a narrativa, segundo Labov e Waletzky, a partir de seus componentes estruturais de dois níveis, a saber, suas unidades maiores - as seções, de cuja integração ordenada resulta o discurso narrativo como um todo - e suas unidades mínimas - as orações independentes, de cuja organização segundo características formais e funcionais específicas derivam as mencionadas seções. Interessamo-nos, agora, restringir o âmbito de nossa observação fazendo-a incidir sobre um dos constituintes da oração independente - o verbo. Longe de intentarmos um enfoque das formas verbais de per si, isoladamente, o que pretendemos, ao contrário, é focalizá-las como elementos integrantes e caracterizadores do discurso narrativo em seus diferentes níveis hierárquicos - a oração independente, as seções da narrativa, e a narrativa como um todo. Mais precisamente, nosso intento é focalizar as formas verbais observando particularmente a distribuição dos chamados "tempos verbais" através do discurso narrativo e extrair daí eventuais relações sistemáticas, vale dizer, caracterizadoras dos diferentes constituintes da narrativa e da narrativa em si. Tais inferências representariam, ao lado dos constituintes da narrativa já apontados, um elemento a mais para a definição do próprio discurso narrativo.

Uma investigação a respeito dos tempos verbais peculiares ao discurso narrativo aproxima-se da linha do pensamento de Weinrich (1974) segundo o qual podem-se observar "de determinadas afinidades" entre certos tempos verbais e "certas situações comunicativas". É o mencionado Autor que afirma: "Há Tempo de comentar e há Tempo de narrar. Do mesmo modo, há tempos gramaticais do comentar e tempos gramaticais do narrar."¹ Nesse sentido, ainda segundo Weinrich, os tempos verbais da narração funcionam e devem ser entendidos "como sinais linguísticos a partir dos quais o conteúdo da comunicação linguística [em que ocorrem] (...) deve ser entendido como relato."² Baseado no critério da concordância dos tempos no eixo

sintagmático ("consecutio temporum"), e tomando como ponto de referência inicialmente o francês e a seguir outras línguas (alemão, espanhol, inglês), Weinrich distingue no sistema verbal dois grupos temporais complementares: o grupo I (de que é representativo o presente) que estaria identificado com o "comentar", por ser dominante nas situações de comunicação em que "o mundo não é narrado e sim comentado"³; e o grupo II (de que são representantes o imperfeito e o perfeito) que estaria associado ao "narrar", por ser dominante nas situações comunicativas em que o mundo é relatado.

Na mesma direção orienta-se o trabalho (anterior, de resto) de Benveniste (1966) sobre "Les relations de temps dans le verbe français", diferindo, todavia, da investigação do Autor alemão, no que diz respeito à análise e à interpretação, como o acentua o próprio Weinrich. Benveniste divide o sistema verbal do francês moderno em dois sub-sistemas de tempos, "distintos e complementares", que estariam associados, respectivamente, a dois diferentes planos de enunciação: o do relato histórico ("récit historique") e o do discurso ("discours"). Esses dois planos de enunciação se delimitariam em traços positivos e negativos em termos de tempos verbais: de um lado, a enunciação histórica admitindo o aoristo (que seria, aliás, seu tempo típico, fundamental), o imperfeito, o mais-que-perfeito, e, acessoriamente o prospectivo, e excluindo o presente, o perfeito e o futuro (simples e composto); e de outro lado, o discurso admitindo todos os tempos, e excluindo o aoristo (simples e composto).

Voltaremos, oportunamente, a tratar desses dois trabalhos mencionados. Por ora, queremos reter que se trata de descrições que associam determinados tempos verbais a determinados tipos de discurso, valorizando, portanto, a direção que tomamos na presente investigação. Por outro lado, que remos acentuar que, tanto Benveniste como Weinrich, distinguindo uma tipologia de discurso com base no emprego de tem-

pos específicos, procedem a uma segmentação do sistema verbal como um todo em dois grupos temporais complementares. Não se coloca em nossa mira um objetivo tão amplo. Pretendemos, simplesmente, apontar os tempos verbais peculiares à narrativa tal como se pode depreender do corpus que examinamos. Nada impede, naturalmente, que tal identificação forneça subsídios a investigações mais amplas que procurem dar conta de todo o sistema de tempos verbais do português, considerando sua distribuição em tipos de discurso ou em situações de comunicação diferentes.

O verbo é um elemento importante na narrativa - daí nosso interesse pelo estudo de uma categoria verbal - na medida em que expressa as ações (praticadas ou sofridas por um sujeito), os estados ou os fenômenos, que constituem a essência dos eventos vividos pelo narrador e que se tornam objeto de seu discurso. Acresce que o verbo está diretamente ligado à expressão da temporalidade e da ordenação cronológica dos eventos o que, por sua vez, constitui um aspecto relevante para a própria definição da narrativa. Labov e Waletzky referem-se ao verbo da oração narrativa como o "núcleo narrativo" ("narrative head") dessa oração, designação que por si só revela a importância desse elemento na estrutura narrativa⁴. Todavia os Autores não se estendem muito a respeito do verbo no discurso narrativo: detendo sua atenção sobretudo no âmbito da oração narrativa, identificam a constituição das formas verbais básicas que podem ou poderiam funcionar como núcleos narrativos e procuram explicar, funcionalmente, a ocorrência de algumas formas, núcleos narrativos ou não, que escapariam a esse rol principal.

Fundamentalmente, as considerações de Labov e Waletzky a respeito do verbo na narrativa, tendo em vista o corpus que examinaram, podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

- "O verbo finito de uma oração narrativa, que carrega o marcador de tempo da oração, é o núcleo narrativo dessa oração".⁵

- A sintaxe da narrativa é fundamentalmente simples. A simplicidade da "estrutura auxiliar das narrativas é o ponto mais notável".⁶ "Os tipos de formas e categorias gramaticais que podem funcionar como núcleos narrativos são extremamente limitados. As principais formas são o "simple past" e o "simple present". De regra, nenhum modal aparece; (...) é possível que could possa funcionar como núcleo narrativo", embora nenhum exemplo concreto tenha sido encontrado no material examinado. "O "progressive" ("past" e possivelmente "present") aparece ocasionalmente como uma unidade narrativa".⁷

- "Em geral, o "present perfect" não aparece em narrativa. O "past perfect" (...) não funciona como núcleo narrativo". Pode, todavia, ocorrer em oração restritiva, referindo-se a oração em questão, "a um evento desenvolvido na narrativa, e não a algum evento que precede a narrativa inteira". Pode ainda o "past perfect" ocorrer numa seqüência de orações responsáveis pela descrição de uma série de eventos que se ordenam em bloco anteriormente à unidade narrativa precedente."⁸

"É mais ou menos comum encontrar muitas orações com "past progressive" na seção de orientação - delineando o tipo de coisa que estava

acontecendo antes de ocorrer o primeiro evento da narrativa ou durante o episódio inteiro".⁹

Ocorrem, ocasionalmente, "quasimodals" como "start, begin, keep, used to, want", com a tuação "plenamente avaliativa".¹⁰ Da mesma forma, "futures", "modals", "imperatives" funcionam como elementos avaliativos.¹¹

Levando-se em conta que a narrativa é definida como o discurso que recapitula "a experiência passada fazendo corresponder uma seqüência verbal de orações a uma seqüência de eventos que efetivamente ocorreram"¹² (grifamos), tem-se uma certa expectativa de que esse discurso apresente senão unicamente, pelo menos fundamentalmente tempos do passado. Com efeito, observe-se, por exemplo, uma "narrativa mínima" como a que já apresentamos no capítulo anterior:

- (2) 0^d "Uma vez, uma vaca lã em casa teve bezerrinho
0^e e pegou-me."

Trata-se de um segmento de uma das narrativas de nosso corpus (v. Apêndice, narrativa 4) onde se constata a ocorrência exclusiva do perfeito do indicativo, o que demonstra ser teoricamente possível ter-se uma narrativa que use somente esse tempo verbal. Todavia, a observação dessa mesma narrativa em sua íntegra, bem como o exame dos demais relatos do corpus evidenciará que o discurso narrativo costuma apresentar, alternativamente, outras formas de passado, e ainda formas de presente, variação que caberia explicar.

Na abordagem do corpus para a verificação da distribuição dos tempos verbais na narrativa, consideramos as formas verbais das orações independentes - que constituem as unidades mínimas do discurso narrativo. O levantamento dessas

formas fez-se por seção da narrativa. Assim, por exemplo, encontramos, na narrativa 1 (v. Apêndice):

- na orientação: "deu"
"hã"
"foi";
- na complicação: "deu"
"veio"
"vi"
"desmaiei"
"caí"
"acudiram"
"foi buscã";
- na avaliação: "era"
"era"
"(estava) tomando"
"(estava) tomando";
- na resolução: "pude(...) trabalhã";
- na coda: "tô"
"faz"
"(estou)".

Este levantamento, tomado como exemplo, aponta-nos um problema inicial: ao lado das formas verbais simples ocorrem certas seqüências constituídas por uma forma finita e uma forma nominal. Torna-se necessário definir como tratar essas seqüências verbais.

Eunice Pontes (1973) constatou que uma consulta a nossas gramáticas nos levará a perceber que as seqüências verbais do português não têm recebido tratamento homogêneo por parte de seus analistas. Desde a terminologia adotada para designar tais formas transparece o desacordo quanto ao estatuto a elas atribuído: locuções verbais? conjugações perifrásticas?

tempos compostos? A algumas dessas seqüências tem-se atribuído um estatuto especial que lhes confere o direito de serem reconhecidas como integrantes da conjugação regular do verbo, figurando aí, com designações próprias, ao lado das formas simples. Os critérios sobre os quais se assentaria esta discriminação, nem sempre muito explícitos e nem sempre aplicados coerentemente, variam conforme os gramáticos, daí variar, naturalmente, o rol das seqüências verbais selecionadas.

Eunice Pontes encontrou, assim, entre muitos dos nossos gramáticos, a distinção entre tempos compostos (seqüências verbais que fariam parte da conjugação normal, ao lado das formas simples) e as conjugações perifrásticas (- que constituiriam cada uma sua conjugação inteira -), não registrando concordância absoluta entre os autores quanto aos elementos arrolados sob cada uma dessas rubricas. As justificativas desta distinção, em geral não explicitadas pelos gramáticos, e só seriamente questionadas por Said Ali, não são convincentes, segundo a Autora, que prefere abandonar as designações tempos compostos e conjugações perifrásticas adotando unicamente a denominação geral de locução verbal para se referir às seqüências verbais que compõem uma unidade constituída à base de um verbo auxiliar em forma finita e um ou mais de um verbo principal em forma nominal.

Pontes estudou especificamente o comportamento sintático de certas seqüências verbais constituídas de formas consideradas pelos gramáticos tradicionais como "auxiliares" "modais", "causativos", "sensitivos", "acurativos" seguidas de infinitivo. Examinando tais seqüências a partir de critérios sintáticos capazes de identificar uma verdadeira relação de auxiliaridade (que circunscreveria a locução verbal a uma única oração), Eunice Pontes demonstrou que, na verdade não temos nas mencionadas seqüências um auxiliar e um verbo principal, senão dois verbos principais, dos quais o que está no infinitivo pertence a uma oração que funciona ou como comple-

mento ou como sujeito do primeiro verbo, conforme o caso. Do trabalho de Pontes fica também a constatação de que ter, nas combinações com formas de participio passado, constituiria o protótipo do auxiliar em português.

Também Lúcia M. Pinheiro Lobato (1975) focalizou o tratamento das seqüências verbais por nossa gramática tradicional quando fez uma retrospectiva a respeito da noção de verbo auxiliar em vários autores¹³, apresentando um quadro de suas divergências quanto à identificação dos auxiliares em português.

Os critérios utilizados por Pontes para testar a relação de auxiliaridade nas seqüências verbais que examinou aproximam-se dos que Lobato propõe para a identificação dos auxiliares em português. Lobato discute vários critérios e seleciona uma hierarquia de oito deles a que se submeteriam as seqüências verbais a fim de se determinar se ocorreria nelas ou não uma relação de auxiliaridade. Das seqüências verbais em relação de auxiliaridade exige-se:

1. unidade semântica no sentido de que só se pode ter um sujeito para os dois verbos em junção sintagmática;
2. carência de imperativo;
3. impossibilidade de se desdobrar em construções completivas (oração principal + oração subordinada introduzida por conjunção integrante que ou se);
4. comportamento como um todo sob a incidência de um circunstante temporal (isto é, qualquer que seja a posição do circunstante incidirá sempre sobre o conjunto em auxiliação);
5. admitir a apassivação do suposto auxiliado, "havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva"¹⁴;
6. possibilidade de combinação do suposto auxiliar com qualquer tipo de sujeito;

7. admitir somente uma negação para o conjunto verbal;
8. admitir a colocação dos clíticos lhe, lhes antes do suposto auxiliado, o que evidencia tratar-se de uma só oração.¹⁵

Aplicando todos esses testes de auxiliaridade, Lobato constata que ser, ter, haver e estar, que compõem perífrases de participio passado e gerúndio, são os únicos verbos portugueses que se submetem a todas as exigências colocadas por esse critério, sendo por isso reconhecidos como os verdadeiros auxiliares em português.¹⁶

Levando em conta os resultados dessas duas investigações e os critérios de auxiliaridade propostos por esta última Autora, ao procedermos^{ao} levantamento das formas verbais nas narrativas, consideramos como efetivas perífrases verbais, equiparáveis às formas simples, aquelas constituídas por um auxiliar (ser, ter, haver, estar) seguido de um verbo principal (no participio passado ou no gerúndio).

Defrontamo-nos ainda com um outro problema: dentre as perífrases acima mencionadas, algumas são tradicionalmente rotuladas com designações específicas de tempos verbais, outras não. Lembra-nos Mattoso Câmara: "A tradição gramatical portuguesa é separar (...) dois modelos de composição, que são especificamente chamados "tempos compostos": 1) a locução do verbo ser, em todas as suas formas flexionais, e um participio perfeito que, sob o nome de "voz passiva", é apresentada como uma contraparte da conjugação flexional ativa; 2) as locuções de alguns tempos do verbo ter [e correspondentemente, do haver, em registros mais formais] com um participio perfeito nominalmente invariável, que são incorporadas à série de tempos de formas flexionadas unas. Às demais construções é que se consideram propriamente "conjugações perifrásticas".¹⁷ Mattoso Câmara, endossando posição já expressa por Said Ali¹⁸, critica essa distinção, e observa que a incorporação de "tempos compostos" com o auxiliar ter na conjugação fle

xional "simples" apóia-se num "critério que rompe a estruturação morfológica das expressões verbais". Quanto às construções de ser + particípio passado, considera que "a chamada "voz passiva" em português não tem caracterização morfológica", já que repete o "padrão oracional de verbo ser em ligação entre um sujeito e um seu predicado". E finaliza, sugerindo que: "As conjugações perifrásticas devem ser entendidas (...) como processo de composição morfológica na base de uma locução, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior. Podemos classificá-las em função da forma nominal que utilizam: particípio perfeito, gerúndio, infinitivo (sic)."¹⁹

Com efeito, parece-nos que esse tratamento diferenciado para as seqüências verbais em relação de auxiliaridade é discutível e merece ser re-estudado. Não vamos, todavia, discutir a questão aqui. Evitando a terminologia tradicional, adotamos um critério uniforme para a designação de todas as seqüências verbais consideradas: elas são identificadas pela sua própria composição, a partir do tempo verbal em que ocorre o auxiliar (T= ter; H= haver; S= ser; E= estar), mencionada a forma nominal (em -DO = particípio passado, ou em -NDO = gerúndio) que o segue. Assim, por exemplo, seqüências verbais como "tinha feito" e "estava fazendo" são designadas, respectivamente, como: imperfeito T + DO e imperfeito E + NDO.

A primeira constatação a que chegamos com relação às formas verbais encontradas nas orações independentes das narrativas analisadas é a de que há um nítido predomínio das formas simples em detrimento das perífrases verbais, confirmando-se, portando, na produção de narradores brasileiros, a simplicidade da estrutura verbal da narrativa, apontada por Labov e Waletzky a partir da observação de relatos de falantes americanos. Com efeito, das 882 formas verbais levantadas, 843, ou seja, 95,5% são formas simples, contra 39, ou seja, 4,4% de construções perifrásticas. Acentue-se que em

30% das narrativas do corpus a porcentagem de ocorrência das formas simples é de 100%, em 53,3% dos relatos essa ocorrência é de 98% a 90%, e nos restantes 16,6% a incidência das formas simples é da ordem de 89% a 85%. Entre as seções da narrativa é a orientação a que apresenta o maior índice de ocorrência de perífrases verbais. A complicação e a resolução, seções essenciais da narrativa, apresentam uma ocorrência reduzidíssima dessas formas. (cf. QUADRO 2, em Apêndice).

A simplicidade verbal manifesta-se ainda em termos da reduzida variedade das formas atestadas. De todo o sistema verbal do português só ocorreram, na ordem de frequência em que citamos, basicamente: formas simples no perfeito, no imperfeito e no presente do indicativo; ocasionalmente, ainda no indicativo: perífrases de imperfeito E + NDO, de perfeito T + DO, de perfeito S + DO; e excepcionalmente, também no modo indicativo: perífrases de imperfeito H + DO (duas vezes) e de futuro do pretérito S + DO (uma vez). Acreditamos que uma conversação ordinária apresente uma estrutura verbal muito mais complexa.

É bem verdade que uma simples menção aos tipos de formas verbais pode dar uma visão simplificada dos fatos. É preciso lembrar, por exemplo, que não é muito raro uma forma desempenhar papéis que não lhe são específicos, como o uso do presente com valor de passado em:

(23) ff "Palei: Ó, o caminhão tá preso lá na delegacia; farta o documento do caminhão e o meu.

gg Aí eles diz: Dixa isso por lá". (v. narrativa 3, em Apêndice);

ou do presente com valor de futuro em:

(24) hh "Vai fazê um ano ..." (v. narrativa 19, em Apêndice);

e que é bastante freqüente uma forma verbal atualizar mais de

uma categoria, como ocorre em:

- (25) i "A Marlene estava dando aula" (v. narrativa 7, em Apêndice),

onde "estava dando" tanto indica passado (tempo) quanto duração (aspecto).

Neste sentido, procuramos não só identificar as formas verbais mais freqüentes em cada seção da narrativa como também detectar suas significações básicas relacionando-as com as funções da seção em questão para melhor compreender sua ocorrência aí.

No sumário ou resumo, primeira seção da narrativa, encontramos: o perfeito, o imperfeito e o presente do indicativo. Com 74% de ocorrência (dos quais 72% correspondem a formas simples e 2% a uma forma perifrástica) o perfeito predomina sobre o presente, que apresenta uma incidência de 14%, e sobre o imperfeito que ocorre em uma porcentagem de 12% (dos quais 10% são relativos a formas simples e 2% a uma perífrase). (cf. QUADRO 3, em Apêndice). Para destacar a acentuada freqüência do perfeito queremos lembrar que em 70,3% dos sumários examinados ele ocorre com exclusividade.

É conveniente relembrar que o resumo é a seção da narrativa que sintetiza a experiência passada que constitui o objeto do discurso narrativo. O perfeito, prestando-se a expressar um fato singular, ocorrido e consumado num certo momento ou num período definido do passado, revela-se totalmente adequado a esta seção narrativa, constituindo-se, na verdade, em sua forma verbal típica. Maciçamente, as formas de perfeito que ocorrem no resumo aparecem com a significação básica que mencionamos acima. Vejam-se alguns exemplos²⁰:

- (26) a "Mais assim, negócio de brigã memo assim, em escola eu só briguei uma vez também, por causa que um moleque jogô sopa no zóio do meu irmão." (v. narrativa 12).

(27) a "Ah, outro dia eu prequei uma peça na Marinilda."
(v. Narrativa 25).

(28) a "Nóis lá brigamo por causa de 5 cruzeiro, sabe?"
(v. narrativa 10).

A única ocorrência de perfeito em perífrase com particípio passado (perfeito S + DO) também apresenta essa significação:

(29) a "Eu fui preso uma vez ... "detido". (v. narrativa 5).

Por uma questão de contigüidade, o sumário está diretamente ligado à pergunta-estímulo colocada pelo entrevistador, e muitas vezes sua primeira (e freqüentemente única) oração repete a forma verbal (no perfeito) empregada nessa pergunta. (É o caso do exemplo (27) acima).

Algumas vezes o resumo se apresenta em forma um pouco mais extensa, assumindo feições de uma mini-narrativa, contendo elementos de orientação e de avaliação. Nestas condições acusam-se ocorrências de imperfeito e de presente, adequados à expressão de tais elementos como se verá oportunamente. Vejam-se, a propósito, os exemplos²¹:

(30) a "Ladrão, uma veiz lá no Hirói... mas eu acho que num era bem ladrão, sabe, -

b era um cara safado, por lá." (v. narrativa 28).

(31) c "Mai dói! Nossa!

d Queima!" (v. narrativa 9).

Entre os sumários examinados há um que na verdade não apresenta propriamente um resumo da experiência a ser narrada, mas faz uma breve referência a ela, com um certo distanciamento, efeito obtido pelo uso de uma forma verbal no presen

te e de um pronome em função anafórica:

(32) a "Tem uma outra, esse..." (v. narrativa 6).

Concluindo, reconhecemos no perfeito o tempo típico do sumário: adequado, por sua significação básica, a concretizar a função desta seção da narrativa, ele, efetivamente, aparece aí em frequência nitidamente superior às do presente e imperfeito com que concorre.

Na orientação, seção onde se fornecem dados sobre personagens, lugar, tempo e situação relativos aos eventos narrados, o imperfeito é predominante. Sua porcentagem de ocorrência é de 73,1% contra 17,2% do presente e 9,6% do perfeito. (cf. QUADRO 3, em Apêndice). Ressalte-se que em 52% das orientações do corpus o imperfeito ocorre com exclusividade.

Por encerrar a idéia de continuidade, de uma duração do processo verbal no passado, o pretérito imperfeito presta-se muito bem à descrição de personagens ou de objetos, de situações comportamentais, de locais e do quadro temporal relativos aos eventos passados focalizados na narrativa, já que esses elementos implicam um aspecto mais, ou menos durativo.

Quando se trata da enunciação de características de personagens ou objetos a duração torna-se mais difusa, mais imprecisos seus limites:

- (33) b "Eu era uma menina.
 c Eu era uma menina, mas uma menina!
 d Eu tinha 14 pra 15 anos
 e mas aparentava 12 ou 13, viu, porque eu era magrinha!
 f Naquele tempo eu pesava 42 quilos..." (v. narrativa 26).

(34) e "A Marlene H. era professora,
f ainda era estudante" (v. narrativa 7).

(35) d "E o caminhão que eu trabalhava com ele era
um furgão de puxá carne" (v. narrativa 3).²²

Algumas vezes a caracterização de personagens resulta da descrição de suas atitudes habituais passadas, usando-se nestes casos um imperfeito de aspecto freqüentativo. Isso ocorre exemplarmente na narrativa 29 (v. Apêndice), em que o caráter das personagens se delinea a partir da descrição de uma longa seqüência de ações habituais que as envolve (orações: de i a s), e ocorre ainda nos exemplos abaixo:

(36) a "Ah, minha mãe, qualquer coisinha ela batia
mesmo". (v. narrativa 18).

(37) c "E ela num gostava de..., ela num dava o café
das 3 horas pra gente, o café da tarde".
(v. narrativa 23).²³

Quando se trata da descrição de situações ou comportamentos das personagens, no quadro dos quais se desenvolve a ação narrativa, a duração do processo verbal:

a) pode corresponder ao desenrolar de toda a ação (- a descrição estará então inscrita quase sempre em uma oração livre -),

b) ou pode se encontrar de certa forma circunscrita no sentido de que, ainda que não tenha seu começo delimitado, tem seu final mais ou menos demarcado no início da ação narrativa ou em um determinado ponto desta ação (tal descrição estará, então, tipicamente inscrita em orações restritivas).

Em ambos os casos ocorre sobretudo o imperfeito do estar combinado com um gerúndio (imperfeito E +NDO), ocorrendo

também o imperfeito em formas verbais simples. Observem-se os exemplos abaixo: os três primeiros ilustram o caso a²⁴, e o último o caso b²⁵:

(38) e "Então eu e um colega meu tava gostando da mesma menina." (v. narrativa 13).

(39) g "Ah, a gente tava numa serra assim, né." (v. narrativa 15).

(40) e "Eu tava pescando". (v. narrativa 9).

(41) a "Outra vez também, tinha um homi lá.

b Eu tava sentado, né.

c Tava uns cara jogando bola

d e eu (tava) sentado." (v. narrativa 11)²⁶

Ocorre também na orientação o imperfeito em perífrase com o participio passado (imperfeito T + DO), indicando um fato passado anterior a um outro fato também passado. Essa anterioridade pode ser relativa a toda a ação narrativa propriamente dita ou pode se situar em relação a um dado evento no desenrolar desta ação, como ocorre, respectivamente nos dois exemplos abaixo:

(42) g "e eu havia convidado a Marlene para dar aula de português." (v. narrativa 7).²⁷

(43) w "Então, quando foi aquele dia, eu tinha acabado de arrumã tudo a cozinha." (v. narrativa 29)²⁸.

O presente não é de todo estranho à orientação. Quando as características que identificam as personagens ou a situação não são restritas ao passado mas se estendem até a

atualidade da enunciação usa-se o presente para a expressão do processo verbal. É um presente de aspecto durativo.

- (44) c "Sabe como é que foi, você conhece ela, é a Ofélia.
 d Oce conhece, nê, conhece, ela é professora ali do Instituto.
 e Ela mora lá embaxo perto da... ali quase perto da Casa da Criança, sabe, ali pra cima." (v. narrativa 29).
- (45) b "Eu fui buscá o Beto, não... A Isa, namorada do Beto, você conhece a Isa? ela estuda lá na Faculdade.
 c Faz Psicologia.
 d Ela namora o Beto, meu irmão." (v. narrativa 24).²⁹

Usa-se ainda o presente na orientação quando se procura enfatizar o contraste entre características que existiram no passado e características que as substituem no presente. Observem-se os exemplos:

- (46) e "Mas aparentava 12 ou 13, viu porque eu era ma-grinha!
 f Naquele tempo eu pesava 42 quilos...
 g Agora peso 50." (v. narrativa 26).
- (47) a "Também (briguei) otra veiz com o João aí em cima quando ele era mais velho ... era do meu tamanho assim.
 b Agora ele é grande;
 c (é) da minha idade
 d mas (é) grandão. (v. narrativa 14) ³⁰

O perfeito não tem grande incidência na orientação. É usado quando o narrador apresenta dados temporais bem precisos, como ocorre em ³¹:

(48) a "Essa crise me deu dia 21 de abril.
c Foi de domingo." (v. narrativa 1).

(49) d "Foi na 2a. série." (v. narrativa 21).

Por indicar um "passado difuso" - para retomar uma expressão de Castilho (1967) - apto, portanto, para representar a duração no passado, o imperfeito presta-se com eficiência para apresentar e descrever personagens e situações envolvidas na narrativa ³². Poderíamos dizer que é o principal tempo da orientação. Segue-se-lhe o presente, ocorrendo nos casos que apontamos. A ocorrência do perfeito na orientação já é mais esporádica.

Tendo em vista que a complicação e a resolução são da mesma natureza, como já foi colocado no capítulo anterior, abordaremos estas duas seções conjuntamente no que diz respeito ao enfoque dos tempos verbais que nelas ocorrem.

O perfeito predomina quase absoluto na complicação e na resolução: sua ocorrência atinge a porcentagem de 96,5% enquanto que o imperfeito e o presente aparecem com uma frequência de 2,5% e 0,9%, respectivamente (cf. QUADRO 3, em Apêndice). Considere-se ainda que em 19 das 30 narrativas examinadas, ou seja, em 63,3% do corpus, a complicação e a resolução apresentam exclusivamente formas verbais no perfeito; e que apenas uma única narrativa do corpus apresenta, na complicação e na resolução, uma porcentagem de ocorrência do perfeito inferior a 75%.

É conveniente lembrar que a complicação e a resolução cumprem no discurso narrativo a função de expressar a sequência dos eventos passados na mesma ordem em que eles se deram, constituindo, assim, as seções narrativas fundamentais.

Ora, o pretérito perfeito, em sua significação básica, presta-se a expressar ações passadas, não habituais, consumadas, isto é, de ocorrência precisa num certo momento ou num período definido do passado. Ou, na expressão de Castilho (1967), o perfeito tem um "caráter preciso, determinado e conclusivo", sendo próprio dele "referir os fatos em sua realidade histórica pura e simples" retratando "(quase sempre) o processo em sua globalidade".³³ Uma vez que assinala a singularidade e o aspecto perfectivo das ações passadas que enuncia o perfeito presta-se muito bem para expressar a sucessão ordenada de ações singulares e consumadas que constitui a experiência relatada. A complicação e a resolução da narrativa de experiência pessoal constituem-se, assim, fundamentalmente, numa seqüência de orações expressando ações no pretérito perfeito. Veja-se, por exemplo, a seguinte seqüência de orações que forma as mencionadas seções na narrativa 9 do nosso corpus:

- (50) h "eu toquei a mão (no mandi) com tudo a força
 assim
 i e apertei assim
 j e furô.
 l Daí eu puxei ele
 m e ele saiu."

Atesta-se, basicamente, uma constituição similar na complicação e resolução de todas as outras narrativas do corpus. Ocasionalmente, encontram-se aí algumas ocorrências de perfeito em acepções que escapam à significação básica desse tempo verbal, e também, ainda ocasionalmente, ocorrem algumas formas de imperfeito e de presente.

No que diz respeito a essa variação de função do perfeito, encontramos algumas ocorrências em que, em substituição ao aspecto perfectivo mais comum a esse tempo verbal, constatamos a expressão de uma certa duração do processo verbal.

Os exemplos encontrados podem ser agrupados em dois casos distintos:

a) ocorrências em que a "noção temporal" do perfeito é "matizada pelo semantema do verbo ou por certos advérbios"³⁴, possibilidade já apontada por Castilho (1967). É o que ocorre nos exemplos abaixo em que os verbos "atéli-cos"³⁵ (- que indicam duração-) ficar e continuar, e os advérbios ali (= daí em diante) e mais atenuam o valor pontual do perfeito em favor de uma noção de duração³⁶:

(51) j "Aí, eu peguei...fui...fiquei lá na chuva".
(v. narrativa 18);

(52) uu "No otro dia continuei a trabaiã a mema coisa." (v. narrativa 3);

(53) o "Ali num pude mais trabalhã ... " (v. narrativa 1);

b) ocorrências em que o valor pontual do perfeito é substituído por uma noção de duração que implica simultaneidade em relação a outra ação e progressão, sendo tal aspecto decorrente não só da natureza semântica do verbo que está no perfeito (ir) mas também da contigüidade que tal verbo mantém com uma forma de gerúndio que, tipicamente, indica duração do processo:

(54) f "Ele (o guarda) foi apareano comigo, com uma vespa,
g e eu (fui) sempre olhano no espeio.
h E ele foi apareano, apareano, apareano
i mandõ eu encostã". (v. narrativa 3).³⁷

As formas de imperfeito que ocorrem na complicação e na resolução podem ser agrupadas em três tipos:

a) ocorrências em que a "peculiar imprecisão" do imper-

feito é atenuada na medida em que, por força dos adjuntos adverbiais que o acompanham, ele é capaz de indicar "um só fato preciso"³⁸, aproximando-se, neste sentido, da significação do perfeito. Vejam-se os exemplos:

- (55) p "Prestei declarações.
 q (Foi) coisa a toa aquilo.
 r 10, 20 minutos (depois) eu tava na rua." (v. narrativa 5).
- (56) z "Aí, quando me mostraram o dito cujo eu disse: Eu? namorar um velho? De jeito nenhum!
 aa Dali a 5 anos tava casada com o velho!..." (v. narrativa 26).
- (57) p "fiz a entrega, tudo,
 q ali pr'as sete e meia, sete hora eu vortava.
 r Vortei." (v. narrativa 2).

Observe-se que no último exemplo, o narrador retoma a oração em que usou o imperfeito, empregando desta vez o perfeito, o que, de certa forma, sugere equivalência entre ambos;

b) casos em que a ocorrência do imperfeito soa um pouco estranha na medida em que a ação expressa por ele ^{nao} implica nem o habitual nem o durativo, tratando-se, antes, de fato preciso, consumado, e que seria, portanto, enunciado com mais propriedade pelo perfeito. Na verdade, a expectativa do ouvinte é a de uma ocorrência de perfeito. Considere-se a passagem abaixo:

- (58) hhh "Mas o que eu corri!
 iii Eu ficava só... (riso). E a gente passava nu ma rua que tava um monte de molecada
 jjj e eles jogavam pedra na perua.
 kkk Só sei que nós fizemos...mas eu rodei tanto e eles atrás... (v. narrativa 24).

O que tem aspecto durativo no caso acima é a situação de perseguição da narradora pelos policiais e não propriamente as ações expressas no imperfeito. A ocorrência do imperfeito aí

Como já se observou na seção de orientação, é frequente a ocorrência do imperfeito E + NDO na descrição de situações ou comportamentos dos personagens, no quadro dos quais se desenvolve a ação narrativa. Expressa-se, assim, a duração da ação verbal simultânea à ocorrência de outros eventos. Veja-se, a propósito, o exemplo abaixo:

- (74) o "Mas então, eu tava descendo... sabe essa lombada que tem aqui, então eu tava descendo
 r e então eu tava contando pra ela: Ó, Isa, eu encontrei com eles no cruzamento, mas acho que eles... sabe, perto da caixa d'água.
 t Tava contando isso pra ela.
 v E a gente tava andando assim devagarzinho."
 (v. Narrativa 24).⁵¹

A avaliação do tipo b pode ainda trazer informações de caráter "retroativo", o que se dá quando o narrador, para esclarecer dado(s) evento(s) mencionado(s) no relato, descreve a situação que o(s) precedeu. Para indicar essa anterioridade de um fato passado em relação a outro(s) também passado(s), usa-se, comumente, o imperfeito T + DO, como ocorre no exemplo:

- (75) l "(Meu pai) tinha comprado (o carro)
 m e num tinha feito a revisão." (v. Narrativa 15)⁵²

Encontramos, entretanto, duas narrativas em que o perfeito foi usado nestes casos, equivalendo à forma perifrástica mencionada. Trata-se da narrativa 24 (orações q, nn, oo, pp) e da narrativa 2 abaixo focalizada:

- (75) u "Fui lá
 v e num tinha era ninguém.
 w Só tinha as ropa vêia, sapato vêio lá.
 x Óia, juntaro
 y e se mandaro.
 z Tiraro um dinheiro bão na firma, dinheiro adiantado

aa e se mandaro nem sei pra onde é que foi."
(v. Narrativa 2).

Já vimos anteriormente que o presente pode ser usado na descrição de personagens ou situações quando as características apontadas não se restringem ao passado mas se estendem até a atualidade da enunciação. Trata-se de um presente de aspecto durativo:

(77) o "sou fei
p continuo sendo." (v. Narrativa 26).⁵³

Mais raramente usado para expressar dados de orientação, o perfeito ocorre, todavia, em alguns casos, em formas simples e em combinação perifrástica (perfeito S + DO):

(78) n "Eu sempre fui feia (...),
q sempre fui,
r nunca fui bonita." (v. narrativa 26).⁵⁴

(79) ww "(...) E a Isa, a Isa já foi pega uma vez".
(v. Narrativa 24).

Encontramos ainda, neste tipo de avaliação, uma ocorrência de futuro do pretérito S + DO expressando um dado de orientação constituído por uma previsão de ato ainda não concretizado mas a ser realizado ainda no passado:

(80) j "e elas (as rãs) seriam consumidas no almoço, domingo." (v. Narrativa 6).

Finalmente, na avaliação de tipo c, em que o narrador expõe seu juízo sobre as experiências que viveu e que se tornam objeto de seu relato, encontramos ocorrências do perfeito, do presente e do imperfeito. O perfeito e o imperfeito, este em baixa freqüência, ocorrem quando a apreciação do narrador se restringe ao fato histórico da experiên-

cia relatada. Quando o narrador emite juízos que têm um alcance mais amplo, de caráter geral, ultrapassando a experiência narrada, é o presente que ocorre. Observem-se, a propósito, os exemplos abaixo:

- (81) bb "Me dero um prejuízo! ..." (v. Narrativa 2)⁵⁵
 (82) kk "Era bem dinheiro!" (v. Narrativa 3)⁵⁶
 (83) j "Eu num sei: xingã eu de fia d'uma puta, pode ser maior ou menor, tenho que pelo menos... dexã por isso mesmo eu num dexo, não." (v. Narrativa 11).⁵⁷

O narrador pode emitir o juízo de valor não como narrador, como nos exemplos anteriores, mas como personagem, inserindo tal juízo numa fala que integra a seqüência de atos da experiência relatada. Neste caso, é no perfeito que aparece o verbo *dicendi*:

- (84) s "Eu falei: E d'agora? Eu tô escansado, o pé de coco é liso, né. E agora p'a descê, agora, heim?" (v. Narrativa 4)

Pelas observações feitas sobre as formas verbais da avaliação constata-se que, diferentemente do que se verificou nas seções focalizadas anteriormente, no presente caso não é possível fazer uma identificação entre a seção e um tempo verbal determinado. Antes, conclui-se que, é justamente a variedade dos tempos verbais que caracteriza a avaliação, ^{que,} de resto, concretiza-se pela utilização de recursos expressivos bem variados.

Na coda, seção que encerra o discurso narrativo, encontramos formas (simples) do presente, do perfeito e do imperfeito do indicativo. Há um marcado predomínio do presente sobre os tempos do passado: sua ocorrência corresponde a 70,7% das formas verbais, contra 16,9% do perfeito e 12,3% do

imperfeito. Esse predomínio fica talvez mais patente se considerarmos os dados de outro ângulo: o presente ocorre em 75% das codas do corpus (numa porcentagem que varia de 50% a 100% das formas verbais da seção), sendo que em 45,8% delas ocorre com exclusividade.

Basicamente, as formas de presente das codas examinadas, expressando um fato atual em relação ao tempo da fala, cumprem a função de trazer o discurso para o momento da enunciação, assinalando uma ruptura com o passado -o tempo da experiência narrada. Consistem, portanto, em eficiente instrumento para concretizar a função da coda de indicar ao ouvinte que a seqüência de eventos que o narrador tinha a relatar já se completou. A ruptura com o passado torna-se mais acentuada quando as formas de presente são acompanhadas de dêiticos indiciais e anafóricos como nos exemplos abaixo:

(85) p "Agora tô bom! (...)
r Mas, (estou) num regime, num tratamento, coisa bárbara!" (v. Narrativa 1).

(86) q "Que eu me lembro é isso aí." (v. Narrativa 6)⁵⁸

Muitas das formas de presente encontradas não denotam um fato puramente momentâneo, coincidente com o "agora" da fala, mas se referem a um espaço de tempo mais amplo (que recobre, naturalmente, o momento da enunciação). É o que ocorre, por exemplo, na coda da narrativa 7; abaixo reproduzida, em que o hoje corresponde claramente a um período bem mais longo que vinte e quatro horas:

(87) z "Hoje, a gente... é muito fácil a gente assim, hoje, colocado como professor, como diretor, como pessoa madura, é muito fácil julgar os jovens(...)

cc É como hoje, quando a gente diz ao aluno de 49 anos: Olha, gente, cuidado que hoje vocês ainda estão aí; daqui a um ano, daqui a seis meses vocês estarão aqui."⁵⁹

É ainda (e tipicamente) o caso do presente que enuncia um fato de valor duradouro, permanente, ou assim considerado, como em:

(88) ee "Ih, mai tem muito elemento...tem bom
ff mai tem muito ruim, nê?" (v. narrativa 2)

(89) ee "Então é preciso ter cuidado.

ff E é assim mesmo.

gg Na vida é uma questão assim apenas de tempo: a gente está colocado aqui hoje, amanhã pode estar colocado lá." (v. Narrativa 7).⁶⁰

É também o caso do presente que expressa fatos habituais, como em:

(90) dd "Só vô em praia calminha...

ee Não nado muito fundo! ..." (v. Narrativa 16)

(91) y "A gente faz brincadeira assim,

z mas não é muito..." (v. Narrativa 25)⁶¹

É ainda o caso do presente que expressa um acúmulo de tempo contado a partir dos eventos passados (focalizados na narrativa), ou os efeitos prolongados desses eventos. Deve ser levado em conta que, para a expressão de tais noções, é relevante a contribuição de outros elementos da frase que claramente indicam contagem de tempo:

(92) q "Agora faz seis meses que não tenho mais problema." (cf. narrativa 1).

(93)kkk "Ai, até hoje num posso vê aquela mulher, viu." (v. narrativa 29)

(94) y "Com esse negócio da empregada então, a gente dá risada dela até hoje." (v. narrativa 15)⁶².

Semelhante ao caso anterior é o presente que expressa a futuridade implicando uma contagem de tempo que engloba o momento da fala, como ocorre em:

(95) hh "Vai fazê um ano..." (v. Narrativa 19).⁶³

Todos os presentes mencionados deslocam o momento da ação, do passado para o tempo da enunciação, estando aí o seu papel principal, relacionado com a função da coda de marcar o fim da narrativa propriamente dita, conforme já assinalamos.

Consideremos agora as ocorrências de perfeito na coda. Observamos que se trata de formas de perfeito que estabelecem um certo vínculo com o presente:

a) ou porque não expressam um fato totalmente consumado no passado, mas sim uma ação que se prolonga ou cujos efeitos avançam até o presente; ou um balanço sobre um espaço de tempo que se inicia no passado mas se estende de forma a incluir o momento da fala, como ocorre nos exemplos:

(96) cc "Daí depois daquela fiquei com um medo desgraçado viu." (v. narrativa 16);

(97) vv "Aí também ním me aborrecero mais." (v. narrativa 3);

(98) z "Ele já pegô um monte de cachorro na rua!..." (v. narrativa 22);

(99) bb "E nunca fiz nada melhor na minha vida, viu!" (v. narrativa 26)⁶⁴;

b) ou porque, expressando um fato consumado implicam uma visão avaliativa do narrador a partir do presente (- é o distanciamento temporal que lhe permite o julgamento dos eventos -), como ocorre em:

(100) cc "Mas, foi uma briguinha..." (v. narrativa 20);

- (101) vv "E foi mesmo por milagre de Deus é que ele nas
ceu senão não nascia, viu." (v. Narrativa 30).⁶⁵

Ocorre ainda, na coda, o imperfeito, naqueles casos, já mencionados no capítulo anterior, em que o narrador, para assegurar o sentimento de "satisfação" no ouvinte, repete ou introduz dados de orientação numa tentativa de "completar" o relato. Como se trata de uma caracterização de personagens ou situações relativos à experiência passada, o imperfeito parece aí em suas significações habituais de duração e reiteração:

- (102) u "Porque (=mas) eram todos! ... (problemáticos).
v Acho que tinha um ou dois só que eram melhores!...
(v. Narrativa 27).⁶⁶
- (103) o "Mais apanhava da minha mãe só, que do meu pai,
ele nunca bateu ni nóis.
p Meu pai, ele gostava de brincã co nóis, jogã ter-
rão, essas coisa.
q Mais batê ele num batia não.
r Ele num ponhava nem a mão ni nóis." (v. narrativa
va 12).

Encontramos um imperfeito indicando uma ação frequentativa que curiosamente não está claramente circunscrita ao passado mas parece extensiva ao presente. Todavia, parece decisiva para a obtenção de tal sentido a presença do adjunto adverbial da frase:

- (104)gg "Até hoje, Nossa, contavam uma mentira, Nossa
que tinham visto a empregada!" (v. Narrativa 23).

Observe-se que esta forma no imperfeito poderia ser substituída por um presente.

De quanto se observou sobre as formas verbais da coda, conclui-se que o presente é o tempo típico desta seção. Adequado para romper com o tempo da experiência passada indicando assim que o relato já se completou, o presente é, efetivamente o tempo mais freqüente na coda.

Percorridas todas as seções da narrativa observando a distribuição e o funcionamento dos tempos verbais, podemos agora reunir as conclusões a que esta trajetória nos levou.

Comparando os resultados de nossa observação com as constatações a que chegaram Labov e Waletzky a respeito da sintaxe narrativa do inglês, verificamos que se confirma a simplicidade atestada pelos Autores americanos, no sentido de que encontramos: a) uma variedade de estruturas verbais muito pequena em face da riqueza do sistema verbal português sob esse aspecto, b) uma distribuição relativamente sistemática dessas estruturas pelas diferentes seções da narrativa, e c) um nítido predomínio das formas simples sobre as combinações perifrásticas.

Basicamente, encontramos ocorrências do perfeito, do imperfeito e do presente do indicativo, aparecendo os dois primeiros em ocasionais combinações perifrásticas. O perfeito do indicativo pode ser considerado o tempo verbal básico ou característico da narrativa oral uma vez que é o tempo típico da complicação e da resolução, seções essenciais do discurso narrativo⁶⁷. É ainda o tempo típico do resumo, seção que sintetiza o relato. O imperfeito (e incluem-se aqui as perífrases de imperfeito E + NDO e imperfeito T + DO) pode ser identificado como o tempo característico da orientação. Já o presente é o tempo da coda, seção que marca o retorno do discurso para a perspectiva da atualidade da enunciação.

Seria oportuno retornar agora a Weinrich e Benveniste e verificar em que medida nossas observações confirmam suas colocações.

Inicialmente, consideremos que, à exceção do presente, todos os tempos verbais que encontramos nas narrativas analisadas integram o que Weinrich denomina "grupo temporal II", associado ao "narrar".⁶⁸ (Voltaremos a tratar do presente oportunamente).

Quanto à identificação que fizemos do perfeito como o tempo por excelência do discurso narrativo, verificamos que ela se contrapõe à afirmação de Weinrich segundo a qual "em espanhol e nas línguas românicas não existe o tempo principal do relato, mas o imperfeito e o perfeito constituem ambos juntos o tempo fundamental", ocorrendo numa frequência de mais ou menos 30%.⁶⁹ Nossos dados, efetivamente, não confirmam a afirmação de Weinrich, demonstrando, antes que o perfeito é quantitativamente dominante (cf. QUADRO 3) e qualitativamente mais apto a expressar a seqüência de eventos que constitui o segmento fundamental do discurso narrativo. É interessante notar, a propósito, que o próprio Weinrich explica a alternância perfeito/imperfeito na narrativa, como um jogo de realce utilizado pelo narrador, jogo em que o imperfeito é "o tempo do segundo plano", daí ser característico da "introdução" do relato (- correspondente à orientação, onde efetivamente encontramos o imperfeito como tempo típico -), e o perfeito é "o tempo do primeiro plano", daí ser característico do "núcleo narrativo" (- equivalente à complicação e à resolução, onde também encontramos o perfeito como tempo fundamental).⁷⁰ Parece-nos que, com estas colocações, Weinrich não deixa de reconhecer o grau de importância maior do perfeito em relação ao imperfeito no discurso narrativo.

Quanto à ocorrência do presente nas narrativas, inesperada de acordo com a distribuição dos tempos verbais proposta por Weinrich, é preciso considerar que: a) deixando de lado as ocorrências do presente histórico, equivalente, em última análise, a uma forma de passado (perfeito ou imperfeito), a incidência do presente na narrativa dá-se fundamental-

mente na coda, seção que pode ser considerada não propriamente narrativa já que, por definição, não expressa nenhum evento necessário para a descrição da experiência passada; b) levando em conta a visão de Weinrich segundo a qual os dois grupos temporais discriminados identificam situações comunicativas específicas (funcionando, portanto, os tempos verbais como sinais que permitem ao ouvinte identificar a situação comunicativa que se lhe apresenta e, por conseguinte, a atitude que deve tomar), verificamos haver uma harmonia entre a função da coda no discurso narrativo e a função do presente como tempo integrante do grupo temporal I. Esclarecendo: segundo Weinrich, a função do presente é assinalar "tua res agitur", determinando no interlocutor uma atitude tensa, já que se exige dele uma participação ativa, uma resposta verbal ou não.⁷¹ Ora, neste sentido, o presente revela-se perfeitamente adequado para cumprir a função da coda que é justamente assinalar ao ouvinte que o relato da experiência já está encerrado, cabendo-lhe, portanto, retomar a palavra, manifestar-se de alguma forma, o que, naturalmente, significa deixar a atitude relativamente passiva com que ouviu o relato e assumir uma atitude ativa.

Antes de observarmos os resultados de nossa investigação à luz do trabalho de Benveniste, que distribui os tempos verbais do francês em "dois sistemas distintos e complementares", um próprio do plano da enunciação histórica e outro peculiar ao plano do discurso⁷², algumas considerações parecem-nos oportunas:

a. O mencionado trabalho constitui uma descrição relativa ao francês, apoiada fundamentalmente num fato desta língua (- a expressão do passado através de duas formas - "il fit" e "il a fait" - o que é visto como uma redundância do sistema verbal -), fato este que não encontra um correlato perfeito no português.⁷³

b. A terminologia empregada por Benveniste pode gerar

algumas ambigüidades. O termo "discurso", no sentido em que é usado correntemente na literatura lingüística, e mesmo no sentido com que o próprio Benveniste o define - "toda enunciação supondo um locutor e um ouvinte, e no primeiro a intenção de influenciar o outro de alguma maneira"⁷⁴ - recobriria, a rigor, o que o Autor chama de "relato histórico" ("récit historique"). Por outro lado, um relato de eventos passados relativos ao locutor, conquanto retenha três elementos definitivos do relato histórico, a saber, relato, evento, passado ("recit", "évènement", "passé"⁷⁵), não é identificado com o plano da enunciação histórica e sim, por implicar a participação do locutor no relato, com o plano do discurso, o que, em certa medida, aponta mais uma ambigüidade da terminologia já que o relato da experiência pessoal constitui assim uma manifestação verbal que, rigorosamente, soma elementos dos dois diferentes planos de enunciação discriminados.

c) Embora Benveniste anuncie uma distribuição "complementar" dos tempos verbais do francês, sua descrição não apresenta uma rigorosa relação de complementaridade, já que, tempos como o imperfeito e o mais que perfeito participam dos dois sistemas temporais.

Feitas estas ressalvas, e considerando, portanto, que as narrativas que analisamos enquadram-se, na perspectiva de Benveniste, no que ele chama de plano do discurso, constatamos que os tempos verbais que encontramos, correspondem, efetivamente (tanto quanto é possível correlacionar as duas línguas em questão) aos que integram o sistema temporal francês deste plano de enunciação. Esta afirmação, todavia, não informa muito já que o plano do discurso admite "todos os tempos". É preciso considerar, ao lado desse traço positivo que define o plano do discurso quanto aos tempos verbais, o seu traço negativo a este respeito, a saber, que tal plano não admite o "aoristo", tempo típico do relato histórico, apresentando em seu lugar o "perfeito". O importante,

portanto, é saber se as narrativas que examinamos apresentam as formas do "perfeito" e deixam de apresentar o "aoristo". Consideremos que Benveniste chama de "aoristo" a forma "il fit", que se aproxima, pelo sentido, e se distingue, pelo uso, da forma "il a fait" que ele denomina "perfeito". Procurando um paralelo nos fatos do português quanto a esta dicotomia crucial na descrição de Benveniste, percebemos que em nossa língua não se encontra uma situação semelhante.⁷⁶ A nossa forma "ele fez" (que corresponderia ao francês "il fit"), a rigor, recobre os sentidos e os usos das duas formas francesas. A descrição de Benveniste, portanto, porque baseada fundamentalmente em uma distinção do sistema verbal francês que não se repete no português, parece-nos pouco pertinente para o enfoque de nossa realidade lingüística.

NOTAS:

1. H. Weinrich. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. p. 69.
2. Idem, Ibidem, p.67.
3. Idem, Ibidem, p.69.
4. "The finite verb of a narrative clause, which carries the tense marker of the clause, is the narrative head of that clause." (Labov e Waletzky, "Narrative analysis... p.28).
5. V. nota 4.
6. Labov. "The transformation... p.377.
7. Labov e Waletzky. op. cit., p. 28-9.
8. Idem, ibidem, p. 29.
9. Labov. op. cit., p. 364.
10. Idem, ibidem, p. 376.
11. Idem, ibidem, p. 387.
12. Labov e Waletzky. op. cit., p. 20.
13. A Autora focaliza a visão de Soares Barbosa, Said Ali, Mattoso Câmara, G.Chaves de Melo, E.Bechara e A.Gama Cury.
14. L.M.P.Lobato."Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade". p.50.
15. A Autora estabelece esse critério com base na verificação de que "os clíticos átonos em função de objeto indireto do português não podem ser levados de orações encaixadas para a matriz, passando por um "Módulo Oração".(L.M.P.Lobato,op.cit., p.73).

16. "A classe de auxiliares do português moderno fica assim de limitada a quatro elementos [ser, ter, haver, estar] que são realmente verbos em que se processou perda semântica e que apresentam com seu auxiliado unidade semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico), pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória (sic) e número restrito de elemento na classe, sem possibilidade de criação de outros membros por parte do falante.)." (L.M.P.Lobato. op. cit., p.77).

17. J.M.Câmara Jr. História e estrutura da língua portuguesa., p.164-5.

18. M.S.Ali. Dificuldades da línguas portuguesa, p.194; Gramática secundária da língua portuguesa. p.74; Gramática histórica da língua portuguesa. p.161.

19. J.M.Câmara Jr. op.cit., p.165,167.

20. Para outros exemplos, vejam-se as narrativas: 3 (orações: a, b); 4 (orações: a, b); 7 (orações: a, b, c); 8 (oração a); 13 (oração a); 14 (oração a); 15 (orações: a, b, f); 16 (oração a); 17 (oração a); 18 (oração d); 19 (orações: a, b, c); 20 (oração a); 21 (oração a); 22 (orações: a, b); 23 (oração a); 24 (oração a); 25 (orações a, b); 26 (oração a); 27 (oração a); 28 (oração c); 29 (oração a); 30 (oração a).

21. Outros exemplos nas narrativas: 29 (oração b); 15 (orações: c, d, e); 4 (oração c); 18 (orações b e c ocorrendo nesta última um imperfeito com valor de futuro do pretérito).

22. V. ainda narrativas: 6 (orações: d, e); 8 (orações b, c); 11 (oração e); 21 (orações b, c, e, f); 23 (orações d, f, g, h, i); 28 (oração d); 29 (orações f, g, x, z).

23. O imperfeito frequentativo ocorre ainda na orientação das narrativas 3 (oração e) e 27 (oração c).

24. Outros exemplos nas narrativas: 7 (oração h); 10 (oração b); 15 (oração g); 16 (oração b); 23 (oração b); 27 (oração b).

25. Ver outros exemplos nas narrativas: 3 (oração c); 7 (oração i); 9 (oração f); 12 (oração b); 14 (oração e); 24 (oração f); 25 (oração c); 28 (oração e); 29 (oração bb).

26. A situação descrita nas orações a e c parece durar até que ocorra o evento expresso na oração m; e o comportamento expresso em b e d permanece até que se dê o evento descrito em h.

27. Encontram-se outros exemplos nas narrativas: 13 (oração f) e 22 (oração c).

28. O fato expresso nessa oração antecede o que está descrito na oração rr.
29. Apresentam outros exemplos as narrativas: 17 (oração b); 21 (oração g) e 23 (oração e).
30. Outro exemplo na narrativa 13 (orações c,d).
31. Encontram-se outros exemplos nas narrativas: 6 (orações: b,c); 29 (oração h) e 30 (orações b,c).
Diferentemente destes casos, encontramos um perfeito que, pela natureza do lexema do verbo, indica ação prolongada. (v. narrativa 9, oração g). Veja-se, a propósito, o que nos afirma Castilho (1967): "A noção temporal do pretérito [perfeito] pode ser matizada pelo semantema do verbo (...). Se o verbo é atético, isto é, se indica duração, perde-se aquela impressão de unidade da ação." (A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. p.126).
32. O imperfeito, que caracteriza a orientação da narrativa oral de experiência pessoal, também aparece tradicionalmente nos contos infantis, lendas e fábulas, que costumam iniciar-se pela expressão "era uma vez..." pela qual se apresentam personagens (e/ou local) da narrativa situando-os vagamente no tempo.
33. A.T. Castilho. op. cit., p.125.
34. A.T. Castilho. op. cit., p.126.
35. Cf. A.T. Castilho. idem, ibidem.
36. Exemplos do mesmo tipo encontram-se nas narrativas 4 (oração g); 15 (oração u); 16 (oração aa); 19 (orações j, ee).
37. Encontra-se um outro exemplo na narrativa 24 (orações ff, gg).
38. Cf. C. Cunha : "Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele [o imperfeito] pode indicar até um só fato preciso. Assim: Duas horas depois do acontecido, ele partia." (Gramática do português contemporâneo. p. 311).
Cf. A.T. Castilho: "Quer-se por vezes delimitar a noção temporal contida no imperfeito, assinalando-lhe os contornos de modo a evitar sua peculiar imperecissão; é necessário em tais circunstâncias fazê-lo acompanhar de adjuntos adverbiais. (...) Os adjuntos adverbiais seccionam às vezes de modo brusco uma exposição - e temos assim o imperfeito de ruptura (...) bastante estudado no francês: (...) Un mois plus tard, elle signait le contract." (A sintaxe

do verbo e os tempos do passado em português. p.138-9).

39. Outros exemplos: narrativa 21 (oração q); narrativa 24 (oração ddd); narrativa 22 (oração v).
40. S. Ali. Gramática histórica da língua portuguesa. p.311.
41. Conforme já observamos no capítulo anterior, ao identificarmos as orações independentes do discurso narrativo não levamos em conta expressões expletivas, de apoio da enunciação (como: acho que, penso que, lembro que, etc.), que não correspondem ao fato principal do enunciado em que ocorrem e sim a eventos irrelevantes para a narrativa propriamente dita. No caso específico da oração i do exemplo (64), o "lembro que" não foi deixado de lado porque sua supressão não nos permitiria identificar a seqüência da frase como uma oração independente na medida em que a forma verbal aí ocorrente - ter dito - constitui uma estrutura tipicamente subordinada.
42. Para outros exemplos, v. narrativas: 2 (orações i, t, u); 3 (orações x, y, ii, jj); 7 (orações s, t); 17 (orações e, f, ,); 19 (orações s, u); 20 (orações j, l, t); 21 (orações l, n, o); 22 (orações k, l, n, q); 23 (orações o, p, q); 24 (orações s, kkk, lll, mmm, nnn, qqq, www, xxx, yvy, aaaa); 27 (orações l, m); 30 (orações nn, oo, pp).
43. Outros exemplos: narrativa 19 (oração n); narrativa 20 (oração v); narrativa 22 (orações m, t, u); narrativa 30 (oração m).
44. Outros exemplos nas narrativas: 10 (orações j, k); 19 (oração g); 20 (orações w, x); 26 (orações s, u); 29 (orações fff, ggg); 30 (oração k).
45. Outros exemplos nas narrativas: 2 (orações f); 16 (oração w).
46. Outros exemplos nas narrativas: 2 (orações e, h) e 4 (orações r, z, aa).
47. Outro exemplo na narrativa 24 (oração ooo).
48. V. outros exemplos nas narrativas: 3 (oração ss); 4 (orações p, q); 19 (orações p, q); 30 (orações aa, jj); Observe-se que, em grande parte dos casos, o aspecto frequentativo da ação é mais uma decorrência de outros elementos do contextos em que ocorre a forma verbal do que propriamente do imperfeito.

49. Algumas vezes, a ação verbal assume um aspecto frequentativo, mais por força de outros elementos da frase do que propriamente por influência do imperfeito. Vejam-se, a propósito, as narrativas 24 (oração l) e 28 (orações z, aa).

50. V. outros exemplos nas narrativas: 1 (orações k, l); 2 (orações c, d, j, s, v, w); 3 (orações qq, rr); 8 (orações g, h); 11 (oração u); 15 (oração k); 18 (oração f); 19 (oração e); 20 (orações u, y); 23 (orações n, u); 24 (orações i, k, hh, jj); 25 (orações k, o); 26 (orações m, t, v); 28 (orações i, n, x, y, bb, hh, mm, pp); 29 (orações dd, hh); 30 (orações h, i, j, r, s, z, bb, qq).

51. Outros exemplos nas narrativas: 1 (orações m, n); 4 (oração u); 17 (oração g); 18 (oração k); 19 (orações o, z); 24 (oração ppp).

52. Outros exemplos: narrativa 7 (oração u); 24 (orações p, mm).

53. Outros exemplos nas narrativas: 13 (oração l); 19 (oração t); 24 (orações j, ii, kk, qq, rr, yy); 29 (orações nn, oo).

54. Outro exemplo na narrativa 19 (oração l).

55. Para outros exemplos v. narrativas: 4 (oração t); 5 (orações m, q); 9 (oração k); 12 (oração l); 19 (oração f); 20 (orações n, o, p); 23 (orações cc, dd); 24 (orações eee, hhh); 25 (oração q); 29 (orações t, u, v, pp, xx); 30 (oração d). O perfeito que ocorre na oração zzz da narrativa 24, por força do advérbio que o acompanha não se refere a um fato preciso da experiência narrada mas tem um alcance muito mais amplo.

56. Outros exemplos nas narrativas: 16 (oração q); 28 (oração r); 30 (orações q, n, o, tt).

57. Outros exemplos nas narrativas: 16 (orações r, s); 20 (oração k); 24 (orações m, n, ll, zz, vvy). Encontramos duas ocorrências de presente que não expressam esse julgamento de alcance amplo atestado nos casos que mencionamos. Uma encontra-se na oração v da narrativa 4, em que temos um presente equivalente a um futuro do pretérito, referindo-se à situação precisa vivida pelo narrador; a outra está na oração vy da narrativa 29, em que o narrador, apesar de se situar na perspectiva do presente volta sua ótica para o fato do passado sobre o qual expressa sua apreciação.

58. Outros exemplos nas narrativas: 7 (oração hh); 21 (oração y); 24 (oração bbbb).

59. V. outros exemplos nas narrativas: 7 (orações bb, cc, dd); 8 (oração k); 14 (orações: v, w); 16 (oração bb); 17 (orações j, k, l, m, n); 20 (orações z, aa, bb); 22 (orações x, y);

- 28 (orações tt, uu, vv); 29 (oração jjj).
60. Outro exemplo na narrativa 4 (oração ii).
61. V. ainda, como exemplos: narrativa 14 (oração x); narrativa 22 (oração w).
62. V. outro exemplo na narrativa 19 (oração gg).
63. Na narrativa 7 (oração aa) temos também um presente indicando futuramente.
64. Outro exemplo na narrativa 28 (oração ww).
65. V. outros exemplos nas narrativas: 15 (oração x); 23 (orações ee, gg).
66. Outro exemplo na narrativa 29 (oração iii).
67. Um dado complementar confirma a identificação do perfeito como tempo fundamental da narrativa. Deixando de lado as seções e descendo ao nível das orações independentes reconhecemos no perfeito o tempo característico da oração narrativa, célula básica do discurso narrativo. O perfeito ocorre nas orações narrativas do corpus na significativa frequência de 88,8%.
68. H. Weinrich. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. p. 52, 66-71, 194-5.
69. Idem, *ibidem*, p. 97.
70. Idem, *ibidem*, p. 207.
72. É. Benveniste. "Les relations de temps dans le verbe français." In: Problèmes de linguistique générale. p. 238.
71. H. Weinrich. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. p. 69-70.
73. Paiva Boleo já chamou a atenção para o fato de que a "substituição do perfeito simples pelo composto ou perifrástico" e ao "gradual desaparecimento daquele nas línguas germânicas e românicas, especialmente na francesa" contrapõe-se o "fenômeno inverso" que ocorre no português: "a conservação, em toda a sua vitalidade desse mesmo tempo" e a diferença nítida de significação entre a forma simples e a composta". (O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas. p. 124).
74. É. Benveniste. *op.cit.*, p. 242.
75. Idem, *ibidem*, p. 239.
76. V. nota 73.

C O N C L U S Ã O

O presente trabalho, perseguindo os objetivos expostos na Introdução, procurou analisar a distribuição e o comportamento dos tempos verbais na narrativa oral de experiência pessoal. Procurou ainda, na medida do possível, relacionar as características sociais dos narradores com certas peculiaridades estruturais de seu discurso narrativo. Focalizando relatos de narradores brasileiros, prestou-se também a testar a resistência do modelo de análise adotado para a abordagem do corpus, modelo este elaborado por Labov e Waletzky a partir de narrativas produzidas por falantes norte-americanos.

Os resultados da investigação foram sendo expostos no decorrer do próprio desenvolvimento desta dissertação. Agora, resta-nos somente retomá-los em conjunto e resumidamente.

De uma maneira geral, podemos afirmar que o modelo de análise proposto por Labov e Waletzky revelou-se suficientemente adequado para dar conta das narrativas que analisamos, o que não deixa de constituir uma prova de sua generalidade. Pudemos perceber todavia, algumas limitações do modelo. A superposição ou o acúmulo de funções de diferentes seções em um mesmo segmento do discurso narrativo não transparece totalmente na análise proposta que, basicamente, considera a narrativa como uma seqüência de seções estanques. Por outro lado, a necessidade de se recorrer a critérios semânticos em algumas etapas do trabalho de abordagem das narrativas introduz um certo grau de subjetividade na análise.

Com relação ao enfoque sociolinguístico que empreendemos na investigação, podemos constatar que a produção de narrativas "bem formadas" ou não (isto é, com ou sem todas

as seções previstas por Labov e Waletzky) pode ser correlacionada com a idade, o sexo e o nível sócio-econômico dos narradores. Nossos dados demonstraram que os falantes adultos mais do que os jovens, os de sexo feminino mais do que os de sexo masculino, e os de nível sócio-econômico favorecido mais do que os de nível sócio-econômico desfavorecido revelaram-se narradores mais hábeis no sentido de mais capazes de produzirem narrativas bem formadas (cf. QUADRO 1, em Apêndice). A diferença entre as narrativas bem formadas e as "incompletas" verificou-se com relação à presença ou ausência do resumo, da orientação e da coda, seções evidentemente facultativas.

O estudo dos tempos verbais, exposto no segundo capítulo, levou-nos a constatar a grande simplicidade do discurso narrativo sob esse aspecto. Atestamos a ocorrência de uma pequena variedade de estruturas verbais, consistindo em formas simples predominantemente, distribuídas de maneira relativamente sistemática pelas diferentes seções da narrativa, o que nos permitiu identificar o perfeito como o tempo típico da complicação e da resolução, o imperfeito como o tempo característico da orientação e o presente como o tempo da coda. O perfeito alcança especial destaque no discurso narrativo, pela sua alta frequência (cf. QUADRO 3, em Apêndice) e pelo fato de ser característico da complicação e da resolução, seções narrativas essenciais. Isso nos leva a considerá-lo como o tempo verbal fundamental da narrativa oral, constituindo-se em traço lingüístico que deve ser incorporado à própria definição dessa modalidade de discurso.

Diante da simplicidade dos resultados que ora apresentamos, restam-nos a esperança de termos eventualmente tocado em pontos merecedores de discussão e o consolo de termos reunido um corpus que poderá sempre se prestar a outros e novos estudos.

APÊNDICE

A. QUADROS

B. ANTOLOGIA DAS NARRATIVAS ORAIS ESTUDADAS

QUADRO 1 - PRODUÇÃO DE NARRATIVAS COM TODAS AS SECÕES OU COM AUSÊNCIA DE UMA OU MAIS DE UMA SECÃO.

NARRATIVAS	IDADE		SEXO		NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO	
	A	J	M	F	1	2
"COMPLETAS"	71,4%	56,2%	50%	78,5%	86,6%	40%
"INCOMPLET."	28,5%	43,7%	50%	21,4%	13,3%	60%

QUADRO 2 - OCORRÊNCIA DE FORMAS VERBAIS SIMPLES E PERIFRÁSTICAS

	FORMAS SIMPLES		FORMAS PERIFRÁSTICAS	
	nº de ocorrências	% de ocorrênc.	nº de ocorrências	% de ocorrên.
SUMÁRIO	48	96%	2	4%
ORIENTAÇÃO	78	83,8%	15	16,1%
COMPLICAÇÃO RESOLUÇÃO	437	99,3%	3	0,6%
AValiação	215	91,8%	19	8,1%
CODA	65	100%	-	-
TOTAL	843	95,5%	39	4,4%

	PERFEITO	IMPERFEITO	PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
SUMÁRIO	74%	12%	14%	-
ORIENTAÇÃO	9,6%	73,1%	17,2%	-
COMPLICAÇÃO E RESOLUÇÃO	96,5%	2,5%	0,9%	-
AVALIAÇÃO	45,2%	39,3%	14,9%	0,4%
CODA	16,9%	12,3%	70,7%	-
TOTAL	66,6%	20,9%	12,2%	0,1%

QUADRO 3 - OCORRÊNCIA DOS TEMPOS VERBAIS NAS NARRATIVAS.

B. ANTOLOGIA DAS NARRATIVAS ORAIS ESTUDADAS

CONVENÇÕES:

1. A sigla entre parênteses, à direita do título da narrativa, indica as características sociais do narrador (A = adulto; J = jovem; M = sexo masculino; F = sexo feminino; 1 = nível sócio-econômico favorecido; 2 = nível sócio-econômico desfavorecido).

2. A frase inicial entre parênteses corresponde à pergunta do entrevistador ou à descrição da situação que teria provocado a narrativa.

3. As orações independentes - unidades mínimas da narrativa - são numeradas (à direita) e nomeadas por letras do alfabeto (à esquerda), em sua ordem de ocorrência no discurso.

4. Para cada oração independente, indica-se, à esquerda:

a) a seção que integra (S = sumário; O = orientação; U = complicação; θ = avaliação; \cap = resolução; C = coda; o sinal + que eventualmente acompanha alguns desses símbolos indica a ocorrência de elementos avaliativos na oração em questão);

b) sua mobilidade possível: os números à esquerda da letra correspondente à oração indicam os deslocamentos possíveis para trás, e os números à direita, os deslocamentos possíveis para frente.

5. As palavras entre parênteses no corpo da narrativa correspondem a uma explicitação, sugerida pelo analista, de termos subentendidos no discurso do narrador.

6. Ainda expressões entre parênteses, em geral no final das orações, trazem informações de caráter extra-lingüístico a respeito de certas condições de produção dos referidos segmentos do discurso. Ex: (riso); (sussurando).

7. O sinal de interrogação precedido e seguido de reticências (...?...) indica uma lacuna na transcrição, provocada por ruído na gravação.

8. O sinal de interrogação "tout court" (?) indica dúvida na transcrição da palavra imediatamente anterior.

9. Na transcrição das narrativas, para captar certas particularidades de pronúncia dos narradores, que contribuem para a identificação do registro e do dialeto social em questão, fugimos muitas vezes à ortografia oficial, sem contudo optarmos por uma transcrição rigorosamente fonética que nos parece desnecessária, no caso.

- 1 -

"A crise cardíaca" (AM2)

(E como foi essa crise cardíaca que o senhor teve?)

O	0	a	17	"Essa crise me deu dia 21 de abril	1
O	1	b	16	há dois ano passado.	2
O	2	c	15	Foi de domingo.	3
U ⁺	3	d	0	Me deu uma dor assim no vazio do estômago, mas violentamente	4
U	0	e	0	e veio no coração aquela dor	5
U	0	f	1	e já não vi mais nada,	6
U	1	g	0	desmaiei	7
U	0	h	0	e caí.	8
U	0	i	0	Ali me acudiram	9
U	0	j	1	e já foram ... o meu genro foi buscã o médico.	10
e	10	k	0	Era uma hora da tarde, depois do almoço.	11
e	0	l	2	E quando eu voltei e conheci que eu tava na minha cama, era no outro dia.	12
e	1	m	1	(Estava) tomando soro,	13
e	2	n	0	(Estava) tomando transfusão de sangue e injeção.	14
O	0	o	0	Ali num pude mais trabalhã ...	15
C	0	p	2	Agora tô bom!	16
C	1	q	1	Agora faz seis meses que não tenho mais problema.	17
C ⁺	2	r	0	Mas, (estou) num regime, num tratamento, coisa bárbara!"	18

- 2 -

"O prejuízo com os pensionistas" (AM2)

(O Narrador discorria sobre companheiros de serviço, nem todos muito sérios: "Sempre tem algum espírito de porco pro meio ... (...). Negócio de firma, trabalha muita gente, estranha, de fora".)

- U 0^a 0 "Uma vez a firma, então, pediro pra mim dá pensão pr'uns empregado que eles era sortero, mas num era daqui. 1
- U 0^b 2 Eu, meio contrariado, comecei dá pensão . 2
- e 2^c 29 Tinha um de Santa Cruz e dois de São Paulo, inclusive um químico que é o fabricante, que é o que fabricava mortandela, esses produtos, eh, um tar de Vicente. 3
- e 3^d 28 Também era sortero. 4
- e 2^e 5 E eu vô... dá pensão, pensão, pensão. 5
- e 3^f 4 E eles foro atrasano. 6
- e 4^g 3 Chegava no meis, nê, eles dava um tanto de dinheiro. 7
- e 5^h 2 Diz: Uh! tô apertado, nóis vamo, no otro meis nóis acerta tudo e coisa. 8
- e 6ⁱ 1 E eles me levaro nessa conversa. 9
- e 9^j 22 Aí, num sábadó pra domingo, - e tinha um quarto grande no fundo do frigorífico, que ali era pr'os rapaiz sortero que num tivesse, que num tinha onde dormi, nê, então eles dormia ali naquele quarto, cama, tudo lá, 10
- n 1^k 0 Eu cheguei um domingo de, 4 horas da madrugada, 11
- n 0^l 0 abri o frigorífico pra pegá carne, pra fazê entrega nos açogue, 12

∩	0 ^m	0	eu vi (que) a porta tava meio aberta.	13
∩ ⁺	0 ⁿ	0	Pensei comigo: Isso aí é... com certeza argum bêbado por aí. Isso não tem impor- tância.	14
∩	0 ^o	0	Peguei o caminhão,	15
∩	0 ^p	0	fiz a entrega, tudo,	16
∩	0 ^q	1	ali pr'as sete e meia, sete hora eu vorta- va.	17
∩	1 ^r	0	Vortei.	18
e	0 ^s	4	A porta tava aberta a mema coisa.	19
e	1 ^t	1	Fui lá vê.	20
e	2 ^u	0	Fui lá.	21
e	0 ^v	6	e num tinha era ninguém.	22
e	1 ^w	5	Só tinha as ropa vêia, sapato vêio lá. (riso)	23
e	14 ^x	0	Ôia, juntaro	24
e	0 ^y	3	e se mandaro.	25
e	16 ^z	0	Tiraro um dinheiro bão na firma, dinheiro adiantado	26
e	0 ^{aa}	1	e se mandaro, nem sei pra onde é que foi.	27
e	27 ^{bb}	4	Me dero um prejuízo! ... até ...	28
∩	1 ^{cc}	0	Aí eu falei pra firma prá eles me pagá	29
∩	0 ^{dd}	2	Dissero: Ah! Eles também dero prejuízo pra nóis; fica desse jeito memo.	30
c ⁺	30 ^{ee}	1	Ih! Mai tem muito elemento... tem bom	31
c ⁺	31 ^{ff}	0	mai tem muito ruim, né?"	32

- 3 -

"O caso com o guarda de trânsito". (AM2)

(Mas o senhor sempre dirigiu sem carta e nunca nenhum guarda pegou?)

S	0	^a	47	Pegô!	1
S	1	^b	46	Ah, eu ia cruzando aqui a... Bom, eles me pegaro uma veiz, na (rua) Bandeirantes, ali.	2
O	2	^c	22	E eu ia lá na serraria pegã um pô de serra e levã no sítio.	3
O	3	^d	44	E o caminhão que eu trabalhava com ele era um furgão de puxã carne	4
O	4	^e	43	mas nóis puxava pô de serra nele na hora que tava vazio.	5
U	5	^f	2	Ele (o guarda) foi apareano comigo, com uma vespa,	6
U	6	^g	1	e eu (fui) sempre olhano no espeio	7
U	7	^h	0	E ele foi apareano, apareano, apareano,	8
U	0	ⁱ	0	mandô eu encostã.	9
U	0	^j	0	E eu encostei.	10
U	0	^k	0	Ele perguntô: De que firma que é esse carro aí?	11
U	0	^l	0	Eu falei: Irmãos Pellizon.	12
U	0	^m	0	Ele disse: Puxa carne, é?	13
U	0	ⁿ	0	Falei: Puxa carne.	14
U	0	^o	0	(Ele disse): Tã carregado?	15
U	0	^p	0	Falei: Não.	16
U	0	^q	0	Disse: Vamo vê o documento do caminhão.	17
U	0	^r	0	Falei: Ah! dexei no escritório.	18
U	0	^s	0	Ele olhô ni mim	19
U	0	^t	0	deu um ar de riso	20
U	0	^u	0	e disse: Vamo vê o vosso.	21
U ⁺	0	^v	0	Falei: Tamém dexei no escritório.	22
U ⁺	0	^w	0	Falei: Eu sô meio largado, larguei tudo lá.	23

e	0	x	1	Disse: É, então toca pra delegacia.	24
e	1	y	0	Prendeu o caminhão.	25
∩	0	z	0	Aí toquei ali	26
∩	0	aa	0	Ele disse: Agora cê vai buscã o documento do caminhão e o vosso.	27
∩	0	bb	1	Aí eu puxei o carro,	28
∩	1	cc	0	larguei o caminhão ali.	29
∩	0	dd	0	Chequei lá	30
∩	0	ee	1	avisei o guarda-livro.	31
∩	1	ff	0	Falei: Ô, o caminhão tã preso lá na delegacia; farta o documento do caminhão e o meu.	32
∩	0	gg	0	Aí eles diz: Deixa isso por lá.	33
∩	0	hh	0	Passado ali umas duas horas ninguém veio aí.	34
e	0	ii	2	Aí foi em dois guarda lá, lá na firma, no es- critório.	35
e	1	jj	1	Chegô, a murta já lavrada, 311 conto.	36
e	36	kk	11	Era bem dinheiro!	37
∩	1	ll	0	Aí um guarda perguntô: Cadê o motorista do caminhão?	38
∩	0	mm	0	Aí o Pedro falô: Ah, ele saiu com outro cami- nhão-gaiola, foi buscã boi.	39
∩	0	nn	0	(O guarda disse): Mas então ele tem documento?	40
∩ ⁺	0	oo	0	Disse: Ô! Claro! Nôis num ajusta... Ele que é relachado -	41
∩ ⁺	0	pp	0	Falô assim: Ele é muito relachado, sai, num pe ga documento do caminhão, nem dele.	42
e	8	qq	3	Eu num tava nada! ...	43
e	9	rr	2	Tava dentro do salão, da fábrica	44
e	9	ss	1	e em quando eu olhava o vitrô que dava certo prã vê lá no escritório.	45
∩	3	tt	0	Aí pagaro a murta, coisa e tal.	46
∩	0	uu	0	No otro dia continuei a trabaiã a mema coisa.	47
c ⁺	0	vv	0	Aí tamém num me aborreco mais."	48

- 4 -

" A vaca brava." (AM2)

(Nunca passou apuro com gado, não?)

S	0	^a	34	"Passei! ... sempre ...	1
S ⁺	1	^b	33	Uma veiz, uma vaca ... o negócio, o negócio entrô aqui dentro!	2
S ⁺	2	^c	32	Ô o buraco que tem aqui.	3
U	03	^d	0	A vaca, uma veiz uma vaca lã em casa teve bezerrinho	4
U	0	^e	0	e pegou-me	5
U	0	^f	0	e eu me assubi num pê de coco	6
U	0	^g	0	e a vaca ficô debaxo	7
e	0	^h	6	e vai,	8
e	1	ⁱ	5	vai,	9
e	2	^j	4	e vai,	10
e	3	^k	3	vai: boom!	11
e	4	^l	2	e vai,	12
e	5	^m	1	vai, de cria nova e tal,	13
e	6	ⁿ	0	e vai	14
U ⁺	0	^o	3	e pai (falô): Meu fio, assobe mais pra cima.	15
e	9	^p	7	E a vaca ficava rasgano o pê do coco, do co- quero assim na ponta da faca, é... é... do chifre, bãããã.	16
e	10	^q	6	e olhava	17
e	11	^r	5	e faz: mōōōō, mōōō!	18
e	3	^s	3	Eu falei: E d'agora? Eu tô escansado, o pê de coco é liso, nê. E agora p'a descê, ago- ra, hein?	19
e	13	^t	15	Ih! mai passei apurado, viu?	20
e	5	^u	7	As perna já tava tremendo, os braço, tudo...	21
e	6	^v	0	se eu caí no chão ela me pega!... e daí?...	22
U	0	^w	0	Aí, pa... depois e... esse irmão meu que ma- taro ele em Pernambuco, ele falô: Não, pai, va mo lã perto daquela vaca.	23

∩	0	x	0	Pegaro cada um um porrete de pau	24
∩	0	y	0	e tocaro na ponta da vaca,	25
e	0	z	1	e vai	26
e	1	aa	0	vai	27
∩ ⁺	0	bb	0	e ainda pôis o pai p'a corrê...	28
∩	0	cc	0	Na hora que ela correu atrais de pai eu des- ci de câ	29
∩	0	dd	0	me assubi no pê de manga;	30
∩	0	ee	0	a vaca vortô outra veiz ...	31
∩ ⁺	0	ff	0	E passô tempo!	32
∩ ⁺	0	gg	0	O pai falô: Meu fio, fica aí ... (riso)	33
∩ ⁺	0	hh	1	Eu passei quase umas treis, quatro hora ... encangado que nem macaco! ...	34
c ⁺	34	ii	0	Êêê, é fogo!"	35

- 5 -

" A detenção ". (AM1)

(Jã teve alguma briga? O senhor falou em prisão ...)

S ⁺	0	a	17	"Eu fui preso uma vez,..."detido".	1
U	1	b	0	Uma vez num cinema em Curitiba, eu quis furã uma fila de entradinha de cinema, tudo,	2
U	0	c	0	e o guarda num dexõ.	3
U	0	d	0	E então eu pedi pra um colega se ele me permitia que eu entrasse na frente dele.	4
U	0	e	0	Então ele permitiu.	5
U	0	f	0	Eu andei bem uns dez metros.	6
U	0	g	0	Quando eu fui comprã a... a entradinha lã, o guarda chegõ	7
U	0	h	0	e pediu ao bilheteiro que não vendesse prá mim nada.	8
U ⁺	0	i	0	Aí eu fiquei bravo.	9
U ⁺	0	j	0	Empurrei o guarda, tudo.	10
U ⁺	0	k	0	Queria me colocã no tintureiro	11
U ⁺	0	l	1	eu num entrei.	12
e	4	m	0	Foi um showzinho desses, sabe, um showzinho de 22 anos, tal.	13
∩	0	n	0	Acabei tendo que i na delegacia.	14
∩	0	o	0	Fui.	15
∩	0	p	1	Prestei declarações.	16
e	1	q	1	(Foi) coisa a toa aquilo,	17
∩	1	r	0	10, 20 minutos eu tava na rua."	18

- 6 -

"As rãs". (AMI)

(Você já pregou uma boa peça em alguém?)

S	0	^a	16	"Tem uma outra, esse ...	1
0	1	^b	15	Logo que eu terminei o curso eu fui traba-	
				lhã no Estado do Paraná.	2
0	2	^c	14	Eu estive em Maringã.	3
0	3	^d	13	E eu era muito amigo do delegado de polícia.	4
0	4	^e	12	E esse delegado de polícia, ele tinha a famí-	
				lia toda em Curitiba.	5
U	5	^f	0	E uma vez toda a família veio visitá-lo em	
				Maringã.	6
U ⁺	0	^g	0	E ele conseguiu, com muita dificuldade, uma	
				grande quantidade de rã, que ele adorava rã e a	
				família dele também gostava.	7
U	0	^h	0	Então ele mandou que essas ... mandou que	
				essas rãs fossem preparadas no restaurante	
				onde nós fazíamos nossas refeições	8
U ⁺	0	ⁱ	1	e o cozinheiro preparou direitinho tudo	9
0	2	^j	4	e elas seriam consumidas no almoço, domingo	10
∩	1	^k	0	e eu e um outro médico, também amigo do dele-	
				gado, resolvemos ali pelas 10 horas da manhã	
				do domingo, chegar no restaurante e mandar	
				apressar as rãs que nós não íamos almoçar	
				lá e ele que preparasse as rãs que nós íamos	
				almoçar numa fazenda e tal e tal...	11
∩ ⁺	0	^l	0	Ele preparou direitinho,	12
∩ ⁺	0	^m	0	nos deu a... o prato bem grande e tudo, bas-	
				tante gente,	13
∩	0	ⁿ	0	e nós fomos embora com as rãs.	14
∩ ⁺	0	^o	0	E na hora do almoço ele chegou e falou que	
				a gente já tinha levado as rãs tudo e que	
				não tinha nada!	15
∩ ⁺	0	^p	1	Quase fomos parã na cadeia (...?)	16
C	16	^q	0	Que eu me lembro é só isso aí."	17

- 7 -

"A bomba." (AM1)

(Você pregou alguma peça em alguém no seu tempo de estudante?)

S	0	^a	33	"Ah, preguei!	1
S ⁺	1	^b	32	Preguei muitas peças!	2
S ⁺	2	^c	31	Eu tenho um caso muito interessante, éé..., <u>co</u> mo diretor do Colégio Comercial.	3
S	3	^d	30	Como diretor do Colégio Comercial eu, ... em 1973, estourou uma bomba numa das salas de aula.	4
O	4	^e	29	A Marlene Holzhausen era professora;	5
O	5	^f	28	ainda era estudante	6
O	6	^g	27	e eu havia convidado a Marlene para dar aula de português.	7
O	7	^h	26	E a Marlene ... era véspera de São João, fes- tas juninas, mês de junho.	8
O	8	ⁱ	3	A Marlene estava dando aula	9
U ⁺	9	^j	0	e uma bomba estourou na sala de aula, nas imediações da sala de aula, que a menina saiu branca da sala	10
U	0	^k	1	e eu corri lá;	11
U	1	^l	0	mandaram me chamar como diretor do estabele- cimento.	12
U	0	^m	0	Tirei a Marlene	13
U ⁺	0	ⁿ	0	e o pessoal que me assistia, meu assisten- tes, o Pedro Leone, o Maurício Longhini, e umas professoras que vieram ali encaminharam a meni- na - Marlene era uma menina - para a sala dos professores pra dá a ela qualquer coisa que ela estava assustadíssima, tremendo!	14

- U⁺ 0^o 0 E eu, então, chamei a atenção da classe, violentamente, até! 15
- U 0^p 0 e mandei que todo mundo desocupasse a sala de aula prá vê quem... 16
- U 0^q 0 e um aluno argumentou que não havia sido ... que a bomba não tinha saído dentro deles que es tavam assistindo aula mesmo porque eles não podiam fazer aquilo. 17
- U 0^r 0 E eu, então, mandei que a classe saísse pro pátio, 18
- e 0^s 2 e fui investigã, 19
- e 1^t 1 fui investigar o que havia acontecido. 20
- e 20^u 13 Então, o estudante havia colocado uma bomba dentro d'um cigarro, num cano de água que passa, que está encostado na sala de aula. 21
- ∩⁺ 1^v 0 Eu tive a impressão que eu voltava há vinte anos atrás, no mesmo lugar, não é, só que a bomba não era a mesma, mas eu era... não estava na mesma posição: eu era o diretor naquele dia, há vinte anos atrás eu era o aluno que colocou a bomba dentro d'um cigarro Hollywood naquele lugar e quase matei de susto a Yolanda Yared que era a minha professora de português. 22
- ∩ 0^w 0 Quer dizê, eu depois voltei pra diretoria, 23
- ∩ 0^x 0 fechei a porta, 24
- ∩ 0^y 9 dei muita risada, imaginando que as coisas se repetem, se renovam. 25
- C⁺ 25^z 8 Hoje a gente ... é muito fácil a gente assim hoje colocado como professor, com diretor, como pessoa madura, é muito fácil julgar^{os} jovens. 26
- C⁺ 26^{aa} 7 Mas, na realidade a gente vai tentar restringir as atitudes dos jovens, reprimi muitas atitudes deles que a gente cometeu, a gente praticou. 27

C ⁺	27	bb ₆	É uma questão apenas de mudar de lado.	28
C ⁺	28	cc ₅	É como hoje, quando a gente diz ao aluno de 4º ano: Olha, gente, cuidado que hoje vocês ainda estão aí; daqui a um ano, daqui seis meses vocês estarão aqui.	29
C ⁺	29	dd ₄	(É) Como a gente fala pro 4º ano de Letras.	30
C ⁺	30	ee ₃	Então é preciso ter cuidado.	31
C ⁺	31	ff ₂	E é assim mesmo.	32
C ⁺	32	gg ₁	Na vida é uma questão assim apenas de tempo: a gente está colocado aqui hoje, amanhã pode estar colocado lá.	33
C	33	hh ₀	Então, são passagens assim"...	34

- 8 -

" Que lição! " (AM1)

(O Narrador relembra professoras do tempo do colégio, entre as quais d. Emery de quem "tinha as mais belas recordações!...")

S	0	^a	10	"Emery teve uma passagem comigo.	1
O	1	^b	9	Ela era professora de Biologia.	2
O	2	^c	8	Eu estava fazendo pré-normal, em 1950.	3
U	3	^d	0	E ela começou a falar nas leis de Mendel, problema de reprodução,	4
U	0	^e	0	e ... ela, quando falava em reprodução, ela deve ter citado algum nome assim, algumas expressões tipo ... de, relacionada com aparelho reprodutor tanto da mulher quanto do homem, não me lembro, eu não me lembro o que que foi, se ela mencionou assim... vamos dizer ... ovário ou qualquer coisa assim ... ou espermatozôide ... ou qualquer coisa assim que ela tenha se referido, coisas assim, bem científica.	5
U	0	^f	2	e eu comecei a rir.	6
ø	6	^g	4	Eu era muito mocinho.	7
e	7	^h	3	Devia ter uns 17 anos, 16, 17 anos,	8
∅	2	ⁱ	2	e eu me lembro dela ter dito o seguinte: Eu não sei se continuo a minha aula ou se espero o Trevisan amadurecê.	9
C ⁺	9	^j	1	E eu me lembro então, que ela foi tão, tão gentil no que ela quis dizê que depois ela... tão professora, tão maternal, tão amiga, que eu tenho a impressão que aquele dia eu amadureci realmente 10 anos naquele dia.	10

C⁺ 10^k 0 Ela não sabe o bem que ela me fez porque eu vivia, eu era um menino de família italiana, muito condicionado, puritano, né, então, pra mim, mencionar fatos como estes era excepcional, sair do meu mundo, meu mundo era um mundo fechado, um mundo em que não se podia cogitar dessas coisas."

- 9 -

" O ferrão do mandi. " (JM2)

(E nessas pescarias você nunca se machucou com ferrão de peixe?)

S	0	^a	12	"Já (me machuquei), c'um mandi.	1
S	1	^b	11	Ficô grudado na minha mão assim.	2
S ⁺	2	^c	10	Mai dõ! Nossa!	3
S ⁺	3	^d	9	Queima!	4
O	4	^e	8	Eu tava pescano	5
O	5	^f	5	e então ele tava na vara assim.	6
O	6	^g	0	Eu pus ... ele ficô pulando assim,	7
U ⁺	0	^h	0	eu toquei a mão com tudo a força assim	8
U	0	ⁱ	0	e apertei assim	9
U	0	^j	0	e furô	10
e	0	^k	2	Ah, ficô doendo!	11
∩	1	^l	0	Daf eu puxei ele	12
∩	0	^m	0	e ele saiu".	13

- 10 -

" A briga em família." (JM2)

(E como foi essa briga com seu irmão?)

S	0	a	15	"Nóis lâ brigamo por causa de 5 cruzero, sabe?	1
O	1	b	14	Eu tinha 5 cruzero	2
U	2	c	0	e ele falô que era dele	3
U	0	d	0	e eu falei que num era	4
U	0	e	0	e ele começô a teimã ... teimã comigo.	5
U	0	f	0	Pegô e empurrô eu.	6
U	0	g	0	Quando ele empurrô eu, eu passei a mão na... num pedaço de pau	7
U	0	h	0	e fui nele.	8
U	0	i	0	Daí ele deu um murro ni mim.	9
e	0	j	i	e eu comecei a chorã éê... chorã, sabe?	10
e	1	k	0	Então... chorã e começã (comecei) a gritã	11
∩	0	l	0	veio lâ, veio lâ o vizinho	12
∩	0	m	0	e apartô a briga.	13
∩	0	n	0	Depois entramo pra dentro, né	14
∩	0	o	0	e a minha mãe rateô com ele	15
∩	0	p	0	rateô comigo."	16

- 11 -

"A briga de melancia". (JM2)

(Você já passou por aperto, então?)

O	0	a	11	"Otra veiz, também, tinha um homi lá.	1
O	1	b	5	Eu tava sentado, nê.	2
O	2	c	9	Tava uns cara jogando bola	3
O	3	d	3	e eu (tava) sentado	4
O	4	e	23	e ele ... era costumado brincã.	5
U	5	f	1	Aí ele me tacô uma melancia.	6
U ⁺	6	g	0	Além de tacá uma melancia na minha cabe- ça, ainda xingô.	7
U	0	h	0	Ah! ... eu saí correndo!	8
U	0	i	1	Ele, na hora que ele tocô otra ele me xingô de fia d'uma puta.	9
ø	9	j	18	Eu num sei: xingã eu de fia d'uma puta, pode ser maior ou menor, tenho que pelo menos... dexã por isso mesmo eu num dexo, não.	10
∩	1	k	0	Aí toquei uma pedra na cabeça dele também.	11
∩	0	l	0	Aí rachô a cabeça dele.	12
∩	0	m	0	Ele foi lá buscô o revorve.	13
∩ ⁺	0	n	0	e foi lá em casa pra matã eu	14
∩	0	o	0	mas... ele correu atrás de mim	15
∩ ⁺	0	p	0	mas num pegô, não!	16
∩	0	q	0	Aí, depois foi lá chamô a polícia.	17
∩	0	r	0	A polícia foi lá em casa,	18
∩	0	s	0	buscô eu.	19
∩	0	t	1	Fui lá embaxo, eu com a minha mãe.	20
θ	3	u	0	Era de noite, já.	21
∩	0	v	0	Aí, depois que nōis foi lá embaxo, aí no otro dia, ele falô ... a polícia falô pra ele assim que era pra ele i... por que motivo ele... 22	22

- N 0^w 0 Aí eu falei: Ele que mexeu comigo. 23
 N 0^x 0 Aí ele falô: Não! Eu tava brincando com ele. 24
 N⁺ 0^y 0 Aí o polícia falô: Isso não é de brincã, não,
 tocã melancia na cabeça dos otros! 25
 N⁺ 0^z 0 Aí eu falei: Ah... Não! eu num gñentei desa-
 foro foi dele xingã eu de fia d'uma puta! 26
 N 0^{aa} 0 Aí depois a polícia mandô ele i lâ otro dia,
 ã uma hora. 27
 N⁺ 0^{bb} 0 E eu num fui mais, não, ele num mandô eu i
 mais..." 28

- 12 -

"Mais briga". (JM2)

(em continuação a outro relato)

S	0	^a	17	"Mais assim, negócio de brigã memo assim, em escola eu só briguei uma veiz também, por causa que um moleque jogô sopa no zôio do meu irmão.	1
O	1	^b	2	A sopa tava quente,	2
U	2	^c	0	ele jogô assim,	3
U ⁺	0	^d	0	queimô tudo assim nele, o olho dele.	4
U	0	^e	0	Aí meu pai mandô comprá um maço de...desse de barbante e um barde, êê...e um barde.	5
U	0	^f	0	Aí o meu irmão pegô e...(quando) nóis vinha vindo embora o meu irmão quis brigã com ele.	6
U	0	^g	0	Aí eu tive que brigã também - que ele era maior.	7
U	0	^h	0	Aí nóis brigamo.	8
e	0	ⁱ	2	Estragô tudo.	9
e	1	^j	1	O barbante perdeu tudo.	10
e	2	^k	0	Estragô tudo o balde.	11
e	0	^l	6	Teve que comprá otro.	12
∩	1	^m	0	Depois a gente chegô lá em casa	13
∩ ⁺	0	ⁿ	4	e ainda apanha, ainda ...	14
C	14	^o	3	Mais apanhava da minha mãe 'sô, que do meu pai, ele nunca bateu ni nóis.	15
C	15	^p	2	Meu pai, ele gostava de brincã co nóis, jogã terrão, essas coisa.	16
C	16	^q	1	Mais batê ele num batia não.	17
C ⁺	17	^r	0	Ele num ponhava nem a mão ni nóis."	18

- 13 -

"Apanhando..." (JMI)

(Você já brigou com algum amigo seu? Como é que foi?)

S	0	^a	18	"Uma vez eu ... (briguei) por causa de uma menina.	1
O	1	^b	17	Eu era pequeno e...	2
O ⁺	2	^c	16	Brigã por causa de mim eu num brigo mais não,	3
O ⁺	3	^d	15	mais se viê otro em cima da menina e a menina... não sei, eu saio e vô no otro (...?)	4
O	4	^e	14	Então eu e um colega meu tava gostando da mesma menina.	5
O	5	^f	13	E eu tinha ganhado a menina.	6
U	6	^g	0	Daí o cara veio por cima de mim quereno amolã eu.	7
U	0	^h	0	Eu fui e chamei ele pro pau.	8
U ⁺	0	ⁱ	6	Daí no memo dia ele fugiu,	9
U ⁺	1	^j	5	num quis.	10
e	10	^k	8	O cara era bem maior do que eu,	11
e	11	^l	7	não é bem maior,	12
e	12	^m	6	(era) da mesma idade,	13
e	13	ⁿ	5	(era) até mais novo	14
e	14	^o	4	mas era mais encorpado.	15
∩	5	^p	0	Daí no otro dia ele foi fazê educação física	16
∩	0	^q	0	e chamô eu prã brigã.	17
∩ ⁺	0	^r	0	Ele emprensô eu na parede	18
∩ ⁺	0	^s	0	mai deu cada murro! ..."	19

- 14 -

"Batendo..." (JMI)

(em continuação a outra narrativa)

S	0	^a	23	"Também (briguei) outra vez com o João aí em cima quando ele era mais velho...era do meu tamanho assim.	1
O	1	^b	22	Agora ele é grande;	2
O	2	^c	21	(é) da minha idade	3
O	3	^d	20	mas (é) grandão.	4
O	4	^e	2	E ele tava subindo ali	5
U	5	^f	0	e ele começô a xingã eu.	6
U ⁺	0	^g	0	Eu falei: Desce daí se ocê for homem.	7
U	0	^h	0	Daí ele desceu	8
U	0	ⁱ	0	e começamo a brigã.	9
U	0	^j	0	Ele falô...daí...ele...ele derrubô eu	10
e	0	^k	1	e eu derrubei ele.	11
e	1	^l	0	Deitado, eu derrubei ele!	12
∩ ⁺	0	^m	0	E aí no chão eu dei bastante murro nele.	13
∩ ⁺	0	ⁿ	0	Daí eu falei: Agora ocê vê se num provoca mais eu.	14
∩	0	^o	0	Eu tava indo embora ele meteu um chute por traís.	15
∩	0	^p	0	Daí e eu tava batendo nele ele falô: Manda os seus colega embora que nóis briga de verdade.	16
∩	0	^q	0	Daí eu mandei os meus colega embora	17
∩	0	^r	0	e falei: Então manda os seus também, nê.	18
∩	0	^s	0	E eu falei pra ele esperã eu aqui memo.	19
∩	0	^t	0	Daí ele veio,	20
∩ ⁺	0	^u	3	Aí, vixi! daí eu bati nele.	21
C ⁺	21	^v	2	Agora, agora ele é grandão! (riso)	22
C ⁺	22	^w	1	Eu sô magrinho,	23
C ⁺	23	^x	0	num como nada!"	24

- 15 -

"Acidente...divertido". (JMI)

(Você já passou algum perigo de vida?)

S	0	^a	24	"Ah, eu já, já (passei).	1
S	1	^b	23	Uma veiz capotô o carro, sabe,	2
S	2	^c	22	mais faiz tempo.	3
S	3	^d	21	Eu era...eu era pequeno ainda.	4
S ⁺	4	^e	20	Mas eu lembro direitinho como é que foi,sabe.	5
S ⁺	5	^f	19	Ficô meio marcado assim.	6
O	6	^g	18	Ah, a gente tava numa serra assim, nê,	7
U	7	^h	0	ela (a mãe) errô a estrada assim	8
U	0	ⁱ	0	e fomo parã numa estrada de terra	9
U	0	^j	3	e ela foi fazê a curva	10
e	10	^k	14	e a direção... o carro que o meu pai... era um carro usado,sabe.	11
e	11	^l	13	Tinha comprado	12
e	12	^m	12	e num tinha feito a revisão.	13
∩	3	ⁿ	0	E então no que ele fez a curva a direção num virô;	14
∩	0	^o	0	o carro foi reto.	15
∩	0	^p	0	(..?..) Quando ela freô o carro capotô assim	16
∩	0	^q	0	e parô perto do barranco.	17
∩	0	^r	2	Daí desceu eu, minha irmã que tava vendo mi- nha mãe dirigindo e o Nelson, nê.	18
∩	1	^s	1	Daí nós descemo.	19
∩	2	^t	0	Saímo pelo vidro de trás do carro.	20
∩ ⁺	0	^u	0	A empregada ainda ficô fazendo escândalo que num ia saí...	21
∩	0	^v	0	Daí eu dei uns tapa nela	22

- ∩ 0^w 0 e ela saiu. 23
- C+ 23^x 1 Foi divertido (...?...) 24
- C+ 1^y 0 Com esse negócio (?) da empregada então, a gente
dã risada dela até hoje." 25

- 16 -

"No mar" . (JM1)

(E você gosta de nadar? (...)) Você lembra de algum apuro que tenha passado em água?)

S	0	^a	30	"É... só teve um, né, porque...	1
O ⁺	1	^b	26	Entrei no...o mar tava meio bravo, né,	2
U ⁺	2	^c	2	então fui dã uma de "bão".	3
U ⁺	3	^d	1	O mar bravo (..?..), todo mundo com medo, eu falei: Ocê quẽ vê?	4
U ⁺	4	^e	0	e foi o herôî lã	5
U	0	^f	0	tiguidum, tiguidum, dei umas deiz braçada assim	6
U	0	^g	0	e veio uma onda	7
U	0	^h	0	e pam, eu mergulhei.	8
U	0	ⁱ	0	No que eu levantei assim, veio outra	9
U	0	^j	0	e catô de cheio.	10
U	0	^k	0	Daí eu levantei;	11
U	0	^l	0	veio otra,	12
U	0	^m	0	eu abaxei.	13
U	0	ⁿ	0	Levantei;	14
U	0	^o	0	veio otra,	15
U	0	^p	3	eu abaxei	16
e	9	^q	11	Mas (eram) umas puta (?) dumas ondas, né.	17
e	17 ^r		13	E o mar lã é bravo, pelo amor de Deus, lã pro lado de Caraguã, né.	18
e	18 ^s		12	Tem uma praia lã que é horrível.	19
e	3	^t	3	E eu fiquei lã naquele vai num vai,	20
e	4	^u	2	num conseguia saí d'água, né.	21
e	5	^v	1	Eu fiquei com medo de ficã porque a onda batia assim ocê afundava e ela levantava aque la agđona então ocê num... num dava pê pro cê.	22

e	6	^w	0	E eu fiquei lã afundando, nê...	23
∩	0	^x	0	Daí eu falei...eu bati o braço assim,	24
∩	0	^y	0	a onda bateu em cima de mim,	25
∩	0	^z	2	jogô bem na areia assi, êp,	26
∩	1	^{aa}	1	ficô bem na areia.	27
c	27	^{bb}	3	(São) Aquelas praias que têm aquela baixada assim, sabe, não é planinha, assim, é assim, ô, e a onda vem e quebra bem ali.	28
c ⁺	1	^{cc}	2	Daí depois daquela fiquei com um medo desgra- çado, viu.	29
c ⁺	2	^{dd}	1	Só vô em praia calminha...	30
c ⁺	3	^{ee}	0	Não nado muito fundo! ..."	31

- 17 -

"A briga com a vizinha". (JF2)

(E você já brigou com alguma menina?)

S ⁺	0	a	13	"Uh! se já (briguei)!"	1
0	1	b	12	Ela mora a par da minha casa, nê.	2
U ⁺	2	c	0	Nossa Senhora! Um dia ela brigô comigo, nê.	3
U ⁺	0	d	0	Aí eu peguei ela p'os cabelo,	4
e	0	e	2	bati,	5
e	1	f	1	sentei a mão nela;	6
e	3	g	7	a irmã dela (estava) vendo.	7
0	1	h	6	Daí ela tava gritando a mãe dela pra socorrê ela,	8
0 ⁺	2	i	5	e a irmã dela achô bom, nê.	9
C ⁺	9	j	4	Ah! fica enchendo as paciência da gente!	10
C	10	k	3	Ela chama Elza.	11
C ⁺	11	l	2	Ah! eu não gosto de menina chata!	12
C	12	m	1	Quase ninguém gosta dela.	13
C	13	n	0	Todo mundo fala mal dela."	14

- 18 -

"Briga com a mãe". (JF2)

(Você já apanhou de sua mãe?)

O ⁺	0	^a	17	"Ah, minha mãe, qualquer coisinha ela batia mesmo.	1
S	1	^b	16	A última, a última vez que ela brigô comigo, tava chovendo.	2
S	2	^c	15	E eu tinha que levantã no otro dia prá trabalhã.	3
S ⁺	3	^d	14	E eu fiquei lã na chuva, tomando chuva, molhadinha.	4
U	4	^e	2	Ah, sabe o que que foi, eu fui na casa de uma amiga	5
Ø	5	^f	12	e ela não gostava que eu fosse na casa daquela amiga.	6
∩ ⁺	6	^g	0	Daí eu peguei e fui.	7
∩	0	^h	0	Chegô ã tarde ela falô assim: Cê não vai entrã aqui porque não sei o que que tem, cê vai dormi fora, tal e tal.	8
∩	0	ⁱ	0	Bom, daí o Afonsinho, aquele (irmão) que mora com o meu avô foi na minha casa.	9
∩	0	^j	1	Aí, eu peguei...fui...fiquei lã na chuva.	10
e	1	^k	3	Daí eu tava chorando, nê...	11
∩	1	^l	0	Daí ela pegô foi dormi.	12
∩	0	^m	0	Daí ele falô assim: Vamo lã! Ocê pega as...	13
∩	0	ⁿ	0	Então eu falei: Cê vai lã, pega o meu uniforme, pega a chave do meu armário - por que lã na fábrica tinha chave, nê.	14

0	0	0	Dai eu peguei minha ropa	15
0	0	0	fui dormi no meu avô.	16
0	0	0	Levantei no otro dia	17
0	0	0	e fui trabalhã."	18

- 19 -

"O começo do namoro". (JF2)

(E como você conheceu seu namorado?)

S	0	^a	33	"Foi numa festa lá no sítio .	1
S	1	^b	0	Ele foi lá	2
S	0	^c	7	e eu fiquei conhecendo ele.	3
U	3	^d	3	Ah, ele foi lá	4
e	4	^e	5	e eu também estava lá .	5
e	5	^f	4	Eu num sei, foi tão rápido! ...	6
e	2	^g	3	Dentro de 15 minutos nós ficamos conhecendo:	7
∩	3	^h	0	ele me viu,	8
∩ ⁺	0	ⁱ	0	já chegô ni mim,	9
∩ ⁺	0	^j	0	já ficamo conhecendo.	10
∩	0	^k	0	Depois ele veio trazê nós aqui em Assis.	11
e	0	^l	5	Depois passô um meis, sabe.	12
∩	1	^m	0	Ele marcô encontro comigo.	13
e	0	ⁿ	3	Mas eu num saí, sabe?	14
e	3	^o	2	Tava chovendo.	15
e	4	^p	1	Ele vinha aqui procurá eu	16
e	5	^q	0	e eu num saía.	17
∩	0	^r	0	Depois um dia eu fui em Cândido Mota, sabe?	18
e	0	^s	2	Eu cheguei lá em Cândido Mota	19
e	19 ^t		14	e eu quase num conheço ninguém lá	20
e	2	^u	0	e eu cheguei lá.	21
∩	0	^v	0	E eu escutei uma pessoa falá: Ah, a Ditinha ali, né - que eles me chamam de Ditinha .	22
∩	0	^w	1	Falei: Ah, quem será que tá me chamando de Ditinha aí?	23
∩	1	^x	0	Mas num vi quem era, sabe?	24
∩	0	^y	1	Depois eu dei uma voltinha lá .	25
e	1	^z	1	Tava procurando um amigo meu que tava lá .	26
∩	1	^{aa}	0	Não encontrei .	27

∩	0	bb	0	A hora que eu vinha vindo embora eu vi ele, sabe?	28
∩ ⁺	0	cc	0	Mas num reconheci.	29
∩	0	dd	0	Ele (falou): Oi, Ditinha num me conhece mais?	30
∩	0	ee	0	Depois nóis ficamo.	31
∩	0	ff	0	E ele veio trazê nóis.	32
∩	0	gg	1	E tamo até hoje.	33
c	1	hh	0	Vai fazê um ano..."	34

- 20 -

"A briga com o namorado". (JF2)

(A informante discorria sobre o namorado)

S	0	^a	28	"Agora, teve um dia que nós brigamos, sabe,	
				e ele num veio, ficô quinze dias sem vim.	1
U	1	^b	0	Sabe o que que foi, ele ficô com ciúmes de	
				mim	2
U	0	^c	0	e eu não sei o que que foi ele puxou meu	
				cabelo, sabe?	3
U	0	^d	0	E eu achei ruim.	4
U	0	^e	0	Eu falei: Não belisca meu cabelo, né	5
U	0	^f	0	e xinguei ele .	6
U	0	^g	0	Ele achô ruim	7
U	0	^h	0	e me beliscô nê, de novo .	8
U	0	ⁱ	0	Eu falei assim: Ah!	9
e	0	^j	2	Eu xinguei ele de novo.	10
e	10	^k	18	Quando (você fica com raiva(?)) você xinga	
				de novo!	11
e	2	^l	0	Então eu peguei e xinguei .	12
∩	0	^m	0	Ele pegô e me deu um beliscão aqui e aqui, ô.	13
e	0	ⁿ	15	Ficô inchado o meu braço uma semana .	14
e	1	^o	14	Ficô roxo,	15
e	2	^p	13	ficô aquela coisa mais horrível,	16
∩ ⁺	3	^q	0	e eu até chorei de raiva, sabe, de nervo que	
				eu sô muito nervosa.	17
∩	0	^r	0	E ele ficô chateado,	18
∩	0	^s	0	pediu desculpa, sabe?	19
e	0	^t	2	Mas depois ele aproveitô essa briga, sabe,	
				prã num...e num... e ficô 15 dias sem vim.	20
e	22	^u	8	Ele era acostumado vim durante a semana e	
				sábado e domingo	21

Ø	2	^v	0	e ele num veio.	22
Ø	0	^w	6	Eu pensei que ele num vinha mais.	23
Ø	1	^x	5	Fiquei preocupada, sabe?	24
Ø	5	^y	4	Depois ele não era... É que ele queria fazê uma experiência comigo, vê se eu arrumava outro...	25
C	25	^z	3	E ele tem ciúme de mim por causa que eu sô novinha.	26
C	26	^{aa}	2	Eu tenho muito amigo aqui em Assis, sabe, muitos colegas que gostam de mim	27
C	27	^{bb}	1	e ele então fica com ciúmes....	28
C ⁺	28	^{cc}	0	Mas, foi uma briguinha..."	29

- 21 -

"A brincadeira com a professora". (JF1)

(Na escola você já aprontou alguma brincadeira para alguém?)

S	0	^a	24	"Ah, (aprantei) só uma vez que eu fui expulsa três dias.	1
O	1	^b	23	Ah, era uma substituta	2
O	2	^c	22	e todo mundo detestava essa mulher, sabe?	3
O	3	^d	21	Foi na 2a. série .	4
O	4	^e	20	Ninguém gostava (dela)	5
O ⁺	5	^f	19	e ela era muito chata, sabe?	6
O	6	^g	18	Dã aula de Matemática, Matemática... eu acho que é .	7
U	7	^h	1	Bom, eu sei que então a professora entrou na classe.	8
e	8	ⁱ	6	Todo mundo já sabia, nê, como que era a profes sora.	9
∧	1	^j	1	Então nós combinamos: todo mundo ia fazer a... aviãozinho de papel, sabe, e quando um falasse "já!" - tinha um lã encarregado de falar "já" - jogava no professor(a).	10
∧	2	^k	0	Aí então a gente pegô combinô	11
e	0	^l	3	e eu fiz um	12
e	0	^m	12	mas eu num ataquei, sabe?	13
e	2	ⁿ	1	e eu fiz um pra minha colega.	14
e	3	^o	0	Fiz um aviãozinho.	15
∧	0	^p	0	Aí, então, um falô: Já!	16
∧ ⁺	0	^q	0	Então, a gente olhava pra cima era sô pa- pelzinho branco pra tudo quanto é lado em cima da professora.	17
∧ ⁺	0	^r	0	E um caiu bem aqui na professora, sabe. Vixi! (...)	18

∩	0	^s	0	Daí ela ficou brava,	19
∩	0	^t	0	Chamou o diretor	20
∩ ⁺	0	^u	1	e eu fui suspensa, eu, a classe inteira menos uma menina e um seminarista - em vez de suspender a classe inteira, né?	21
∩	1	^v	0	eu fui suspensa .	22
∩ ⁺	0	^w	0	Sei que eu chorei porque eu não queria ser suspensa.	23
∩ ⁺	0	^x	1	Ah, depois eu adorei ficar em casa três dias (...?)	24
c	26	^y	0	(É) só isso."	25

- 22 -

"O vexame" . (JF1)

(O teu cachorro já te fêz passar por alguma situação difícil?)

S ⁺	0	^a	25	"Ah, fez! ... mil vezes!...	1
S ⁺	1	^b	24	Uma vez o Caio tava passeand...Ai! aquilo me deu uma raiva!	2
O	2	^c	23	Bom, eu tinha ido na casa do Caio quando, sabe, quando eu voltei da França que o Plutão tava na casa dele.	3
U	3	^d	0	Então, eu fui buscá o Plutão, parece... ou eu fui passeã com o Plutão e a Dafne...eu acho que eu fui passeã porque as casinha dele num tavam pronta e então tinha que ficã lá.	4
U	0	^e	0	O Caio pegô num pôs a coleira dele, sabe, direito,	5
U	0	^f	0	ele fugiu	6
U	0	^g	0	e ele foi na casa do vizinho,	7
U	0	^h	0	e pegô... um cachorrinho pequinês pôs a pata pra fora	8
U	0	ⁱ	0	ele pegô a pata do cachorro	9
U	0	^j	0	fez assim	10
e	0	^k	1	então rasgô, sabe	11
e	1	^l	0	rasgô assim	12
e	0	^m	13	eu num vi	13
e	3	ⁿ	0	mas me falaram que tinha rasgado, que eu num fui vê...	14
n ⁺	0	^o	1	Ah!,eu sei que a família inteira veio falã comigo, com o Caio.	15

∩ 1 ^P 0	e veio falã: porque tinha que dã um, por que que o cachorro fez isso e ia na polícia falã pra polícia que o cachorro pegô o cachorro dele	16
ø 0 ^q 4	e foi uma tal de choradera lá, mas uma choradera!	17
ø 1 ^r 3	Chorava lá por causa que o Plutão tinha pegô o cachorro	18
ø 2 ^s 2	e chorava na casa do cachorro!	19
ø 7 ^t 6	Foi a tal... Ai, mas eu nem fui vê!	20
ø 8 ^u 5	Num fui vê, viu.	21
∩ 2 ^v 4	Eu sei que, ai... eu num podia passã na frente daquela rua (...?)	22
C ⁺ 22 ^w 3	Ai, o Plutão sô faz vexame!	23
C ⁺ 23 ^x 2	O Plutão é o cachorro que dã mais vexame na escola! ...	24
C 24 ^y 1	Ele detesta cachorro!	25
C ⁺ 25 ^z 0	Ele já pegô um monte de cachorro na rua! ..."	26

"O susto na empregada". (JF1)

(Você já pregou alguma peça em alguém?)

S	0	^a	32	"(Já preguei) em casa, uma veiz.	1
O	1	^b	31	A gente tinha uma empregada, a Cida, que ela num gostava ...ela era...ela, sabe, ela tinha um gênio muito ruim.	2
O	2	^c	30	E ela num gostava de..., ela num dava café das 3 horas pra gente, o café da tarde.	3
O	3	^d	29	Então... a gente era em 6, nê,	4
O	4	^e	28	somos em 6,	5
O	5	^f	27	e tinha ainda o Tito e o Neno aqui, sabe, mais uns meninos, o Nando, o Valtinho, cê deve tê conhecido,	6
O	6	^g	26	não me lembro, o pai dele era...acho que era professor, agora não me lembro quase nada dele.	7
O	7	^h	25	Tinha o Nando, o Valtinho, a Elda, lá da esquina, a Elza, prima dela,	8
O	8	ⁱ	24	e era aquela turminha grande.	9
U	9	^j	0	E nós contamos pra minha mãe	10
U	0	^k	0	e minha mãe não acreditou na gente: ela pensava que a gente não gostava dela e então a gente ficava inventando.	11
U	0	^l	0	Então, nós pegamos resolvemos passã um susto na empregada.	12
U	0	^m	1	Então nós pegamos fomos lá no quartinho dela.	13
e	13	ⁿ	19	E tinha um guarda-roupa.	14
e	1	^o	2	Então uns se esconderam embaixo da máquina,	15

e	2	P	1	outros se esconderam dentro do guarda-roupa	16
e	3	q	0	e a gente desenhou umas caveira tudo, né, quase na hora dela i embora	17
∩	0	r	0	e ela entrô lá	18
∩	0	s	0	e fechô o quartinho	19
∩	0	t	0	e foi se trocã	20
e	0	u	4	e eu me lembro que tavam os meninos surpre- sos (?) (riso)	21
∩	1	v	0	e começava então ela assim (riso)	22
∩	0	w	0	e eles viram (riso)	23
∩	0	x	0	e ficaram assustados (risos)	24
∩	0	y	0	daí ninguém assustô, (riso)	25
∩	0	z	0	daí ela viu aquelas cavera,	26
∩ ⁺	0	aa	0	mas nem ligô,	27
∩	0	bb	0	foi embora.	28
e	0	cc	4	Mas nós ficamos tão frustrados!	29
e	1	dd	3	Nossa! Foi a nossa frustração, sabe, que a gente queria pregã o maior susto nela pra ela i embora, pra ela...mas ela nem ligô, não falô nada; fizemos armadilha, ela ar- rebentô o cordão(..?..), ela nem, nem per- cebeu que a gente tava no quarto!	30
c ⁺	2	ee	2	Acho que a única coisa que valeu foi os me- ninos tê visto ela trocã de ropa.	31
c ⁺	3	ff	1	Até hoje, Nossa, contavam uma mentira, Nossa, que tinham visto a empregada!	32
c ⁺	4	gg	0	Nossa, a gente ficô super- envergonhada, né!"	33

- 24 -

"Uma aventura no trânsito". (JF1)

(E com sua moto, você já passou algum apuro?
Me conta, como é que foi?)

S	0	^a	79	"Ah, já (passei), aqui perto de casa.	1
O	1	^b	78	Eu fui buscã o Beto, não... A Isa, namora- da do Beto, você conhece a Isa? ela estuda lá na Faculdade.	2
O	2	^c	77	Faz Psicologia.	3
O	3	^d	76	Ela namora o Beto, meu irmão.	4
U	4	^e	1	Ela telefonou em casa pedindo pro Beto i buscã-la,	5
O	5	^f	8	mas o Beto tava tomando banho, não sei se tava tomando banho ou jantando, um negócio assim	6
U	1	^g	0	e ele pediu pra mim i buscã-la.	7
U	0	^h	6	Daí eu fui.	8
e	8	ⁱ	71	E eu nem... não dirigia muito bem.	9
e	9	^j	70	Foi na..foi na...Deve fazê um...um meis mais ou menos.	10
e	10	^k	69	Eu ainda era muito insegura, sabe, na moto, assim, sabe.	11
e	11	^l	68	Nossa, eu via guarda, era batata, sabe: eu já começava...parecia que eu esquecia onde era o bregue, sabe, onde mudava de marcha, sabe.	12
e	12	^m	67	Depois eu fui...você vai aprendendo a se controlar.	13
e	13	ⁿ	66	Hoje eu não ligo muito, sabe	14
e	6	^o	10	Mas então, eu tava descendo...sabe essa lombada que tem aqui? então eu tava descendo	15

e	7	^p	64	e então aí eu tinha encontrado com a Isa	16
e	8	^q	0	e engraçado que quando eu fui buscá-la eu encontrei um carro de polícia, sabe, aque- le Veraneio.	17
e	0	^r	2	E então eu tava contando pra ela: Ô, Isa, eu encontrei com eles no cruzamento, mas acho que eles... - sabe, perto da caixa d'água -	18
e	1	^s	1	E eu falei: Mas eles num me viram - porque eu parei, tava esperando os carros passa- rem, e ele parô do meu lado mas, sabe, eu me controlei, tudo, fui, peguei a Isa.	19
e	2	^t	0	Tava contando isso pra ela	20
∩	0	^u	1	A Isa falô: Ah, mas ocê teve sorte, já pen- sô se... ocê tava parada ocê não ia podê atravessã mesmo.	21
e	13	^v	3	E a gente tava andando assim devagarzinho	22
∩	1	^w	0	e eu olhei pelo retrovisor	23
∩	0	^x	0	e eu vi que tinha uma luz muito alta assim, sabe	24
∩	0	^y	0	e a Isa falô: Pat, você acelera ou vai (...?) porque tem um carro querendo passã.	25
∩	0	^z	0	E eu acelerei	26
∩	0	^{aa}	0	E o carro acelerô.	27
∩	0	^{bb}	0	Eu falei: Mas ele é burro! Então porque que ele não passa?	28
∩	0	^{cc}	0	Aí, eu... eu dei passagem	29
∩	0	^{dd}	0	e ele num passô.	30
∩	0	^{ee}	0	Quando eu virei, daí eu senti que ele tava me fechando, sabe?	31
∩	0	^{ff}	1	Eu fui encostando a moto	32
∩	1	^{gg}	0	e ele (foi) me emprensando.	33
e	0	^{hh}	10	Daí, a hora que eu olhei era o Furioso -	34

- e 34 ii 45 - a gente chama de Furiosão porque é aque-
 le negócio enorme - 35
 e 2 jj 8 e...(era) o Barbosa! 36
 e 36 kk 43 Você sabe que o Barbosa é o guarda mais
 temido daqui de Assis, né. 37
 e 37 ll 42 A gente morre de medo dele! 38
 e 38 mm 41 E ele...o meu pai já tinha até falado com
 ele, sabe, 39
 e 39 nn 1 Falô assim: Olha Barbosa, se você ver os
 meus filhos aí, num liga que pra eles é
 uma necessidade isso aí 40
 e 40 oo 0 Meu pai inventou uns rolos e ele... 41
 e 0 pp 2 O Barbosa falô: Não, tudo bem, sô fala
 pra eles num andarem no centro. 42
 e 42 qq 37 Mas acho que...ele é um cara, sabe...acho
 que ele, sei lá, eu penso que esse cara
 deve sê meio complexado porque ele num per-
 doa mesmo, sabe. 43
 e 43 rr 36 Ele é um cara sem educação, sabe. 44
 ∩ 2 ss 0 Daí ele falô assim: Pâra aí, pâra que eu
 preciso falã com você. 45
 e 0 tt 8 Mas foi uma reação tão engraçada que acho
 que se eu tivesse visto...se na hora que
 eu tava dirigindo com a Isa na garupa e
 eu percebi que tinha uma luz alta e eu
 tivesse olhado prã trás é visto, eu não
 teria agido assim de modo algum. 46
 ∩ 1 uu 0 Então eu parei...eu fingi que ia parando 47
 ∩ 0 vv 1 e ele pegô e ele abriu a porta assim. 48
 e 48 ww 31 Na hora que ele viu que eu ia...E a Isa, a
 Isa já foi pega uma vez 49
 ∩⁺ 1 xx 1 e então ela falô: Patrícia pâra, pâra que
 é melhor 50

e	50	YY	29	e eu (...?) A Isa, ela dirige muito bem,	51
e	1	zz	28	então, sabe quando ocê tá assim, ocê não	
				sabe se ocê ouve a pessoa, se não?	52
∩ ⁺	2	aaa	1	Mas foi um negócio tão de repente,	53
∩	3	bbb	0	eu acelerei a moto	54
∩	0	ccc	0	e o Barbosa falô: Fecha ela.	55
∩ ⁺	0	ddd	1	Na hora que ele foi me fechã já num dava	
				tempo, sabe.	56
e	1	eee	23	Mas eu fiz cada coisa, até, Nossa, meu pai	
				me deu uma bronca porque...	57
∩ ⁺	1	fff	0	Essa rua do cemitério eu passei sem parã	
				porque daí, sabe quando tá aquele negócio	
				na cabeça: Não! ele num pode me pegã! Se	
				ele me pegã... de jeito nenhum, né.	58
∩	0	ggg	0	Daí eles ligaram aquela sirene.	59
e	0	hhh	9	Mas, o que eu corri!	60
∩	1	iii	0	eu ficava só... (riso) E a gente passava nu-	
				ma rua que tava um monte de molecada	61
∩	0	jjj	0	e eles jogavam pedra na perua.	62
e	0	kkk	6	Sõ sei que nãs fizemos...mas eu rodei tan-	
				to e eles atrás...	63
e	1	lll	5	Mas acho que eles...porque se acontecesse	
				alguma coisa d'eu caí a culpa cai neles,	
				sabe, se eu me machucã alguma coisa, acho	
				que eles ficaram com medo porque eu fiz	
				cada uma que até hoje! ...	64
e	2	mmm	4	E eu não sei como eu consegui fazê...porque	
				mesmo...	65
e	3	nnn	3	eu dirigi bem porque eu ia controlando, por-	
				que ...qualquẽ pedra que bate no peneu da	
				moto você, a direção desvia.	66

- 0 4^{ooo} 2 Mas era... sabe essas ruas aqui cheia de buraco eu ia me equilibrando com o pé no chão porque num tinha jeito, 67
- e 5^{ppp} 1 eu tava correndo tanto que a moto, ela tava tonta, sabe. 68
- e 6^{qqq} 0 Olha, eu não sei como eu consegui! 69
- 0 0^{rrr} 0 Daí, daí o Perigoto...eu falei: Eu não quero pará aí, na casa, - que eu tava procurando uma garage. 70
- 0⁺ 0^{sss} 0 Mas, olha, eu não achei uma que tivesse aberta 71
- 0 0^{ttt} 0 Daí eu rodei. 72
- 0 0^{uuu} 2 Quando eu vi que eles tavam dois, eles tavam acho que uns dois quarteirões, um e meio de distância, daí eu falei: Ah, vai dá tempo, né. Vai dá tempo de entrã em casa. 73
- e 73^{vvv} 6 Sô sei que pra eu entrã nessa garage de casa, quem tá na garupa tem que descê, tem que me ajudã a empurrã porque eu não consigo... 74
- e 1^{www} 5 Mas, olha, num precisô de nada! 75
- e 2^{xxx} 4 Eu entrei...eu entrei feito louca. 76
- e 3^{yyy} 1 Eu entrei no jardim ainda! 77
- e 77^{zzz} 2 Nunca consegui fazê isso! (...?) 78
- e 5^{aaaa} 1 Deixei a moto certinha lá no jardim. 79
- c⁺ 79^{bbbb} 0 Ô, mas acho que se acontecesse isso de novo eu não sei se ia dá certo, porque olha..." 80

- 25 -

"A carta". (AF1)

(Jã pregou alguma peça em alguêm)

S 0^a 25 "Ah, outro dia eu preguei uma peça na Marinilda. 1
S⁺ 1^b 24 Ah, foi gozadíssimo! 2
O 2^c 1 A Marinilda estava ocupadíssima, não... A Vera
Sílvia estava mexendo nuns papéis velhos 3
U 3^d 0 e achô uma carta que a Marinilda me mandou dos
Estados Unidos quando ela estava lá, em 71. 4
U 0^e 0 Eu disse: Vera, eu vô fazê uma gozação com a
Marinilda. 5
U 0^f 0 A Vera pegô um envelope que tava no meio da
papelada dela, um envelope gozado assim mas não
usado. 6
U 0^g 0 Então, nós endereçamos pra Marinilda com esse en-
dereço daqui de casa, 7
U 0^h 0 do lado esquerdo pusemos lá: Mr. Grassman e o
endereço (...?...), Michigan de onde ela ficou. 8
U 0ⁱ 0 Pusemos um selo francês no envelope! (riso) 9
U 0^j 0 Chegamos na Faculdade. 10
e 0^k 2 A Marinilda tava ocupadíssima: telefone tocan-
do, interfone, e ela não sei o que... 11
∩ 1^l 0 Eu disse: Nilda, olha aqui, chegou...essa car-
ta foi lá em casa, foi lá pro meu endereço.
Aqui: é sua. 12
∩ 0^m 0 E ô, saímos. 13
∩ 0ⁿ 0 Dali a pouco voltamos lá. 14
e 0^o 7 A Marinilda estava assim...estupefata assim. 15
∩ 1^p 1 Disse: Nossa, d. Vanda, olha uma carta que eu
escrevi pra senhora em 71; me mandaram agora
dos Estados Unidos. (riso) 16

e	2	g	9	Ai, foi uma bola, viu!	17
∩	1	r	0	Eu comecei a olhá,	18
∩	0	s	0	disse: Ai, que engraçado, Marinilda, envelope da Varig!	19
∩	0	t	0	Ela disse: É...da Varig, não é?	20
∩	0	u	0	Mas olha aqui, eu disse, e esse nome? Quem é esse fulano?	21
∩	0	v	0	(Ela disse): Mas eu não sei quem é!	22
∩	0	w	0	Eu disse: Marinilda, é gozado: envelope da Varig, esse nome você não sabe quem é, selo francês?! ...	23
∩	0	x	2	Aí (foi) que ela percebeu a brincadeira...	24
c	24	y	1	A gente faz brincadeira assim,	25
c	25	z	0	mas não é muito..."	26

- 26 -

"Quem diria!" (AF1)

(E como a senhora conheceu o seu marido?)

S ⁺	0	a	27	"Ah, eu conheci de uma maneira gozadíssima!	1
O	1	b	26	Eu era uma menina.	2
O ⁺	2	c	25	Eu era uma menina, mas uma menina!	3
O	3	d	24	Eu tinha 14 pra 15 anos	4
O ⁺	4	e	23	mas aparentava 12 ou 13, viu, porque eu era magrinha!	5
O	5	f	22	Naquele tempo eu pesava 42 quilos...	6
O	6	g	21	Agora peso 50.	7
U	7	h	0	Mas houve uma quermesse aí	8
U	0	i	g	e eu recebi um correio elegante;	9
U	1	j	8	entre outros, recebi um, especial.	10
U	2	k	7	Quer dizer, recebi da meninada, tudo mal escrito, aquela coisa, (que) ocê sabia mais ou menos quem mandava,	11
U	3	l	6	então eu recebi e me lembro bem do correio elegante que dizia: "Como você é linda, Vanda"; e assinava: "Petrônio".	12
e	12	m	15	Eu não era linda coisa nenhuma!	13
e	13	n	14	Eu sempre fui feia,	14
e	14	o	13	sou feia,	15
e	15	p	12	continuo sendo	16
e	16	q	11	sempre fui,	17
e	17	r	10	nunca fui bonita,	18
e	6	s	3	Ah, mas aquilo me dexô envaidecida, nê, porque eu me achava horrorosa, entende?	19
e	19	t	8	Eu tinha um complexo de feiúra que nem sei	20
e	8	u	1	e aquilo me deixô assim envaidecida.	21
e	9	v	6	A letra, (era) uma letra assim já bem forte, uma letra bem personalizada, nê...	22

- \cap 1^w 0 Então eu fiquei procurando: Mas quem é? quem é?
 quem é? 23
- \cap 0^x 0 e custei pra sabê quem era. 24
- \cap 0^y 0 Até que me disseram: Ah, é o doutor Roseli; é
 um advogado novo aí na cidade; chegô agora; a
 família dele é daqui de Assis, mas num mora
 mais aqui e ele chegô há pouco tempo. 25
- \cap^+ 0^z 0 Aí quando me mostraram o dito cujo, eu disse:
 Eu? namorar um velho? De jeito nenhum! 26
- \cap^+ 0^{aa} 1 Dali a 5 anos tava casada com o velho!... 27
- c^+ 27^{bb} 0 E nunca fiz nada melhor na minha vida, viu!" 28

- 27 -

"A agressão do aluno". (AF1)

(A informante discorria sobre uma classe problemática que tivera. Perguntou-se então: Mas houve ca sos, desses alunos violentos agredirem você?)

S ⁺	0	^a	21	"Ô! (houve) ... fisicamente!	1
O	1	^b	20	Essa classe inclusive eu estava fazendo um traba... - que eu sempre dô muito trabalho, assim, de dia das mães - fazendo uma tã-bua de bife.	2
O	2	^c	19	E...eles emprestavam os... as ferramentas um pros outros.	3
U	3	^d	0	e um menino não quis emprestã pra um	4
U	0	^e	0	e ele veio falã comigo	5
U	0	^f	0	e eu falei: Olha, bem,ocê tem que emprestã porque na vida a gente tem que cedê uma coisa pro outro; fora, quando ocê saí da escola que ocê crescê, você tem que empres _{ta} , você tem que recebê também.	6
U	0	^g	0	E ele então disse que não emprestava	7
U	0	^h	0	e jogô uma...uma lima	8
U ⁺	0	ⁱ	0	e a lima passô aqui ni mim, sabe,	9
U ⁺	0	^j	0	e quase acertô num menino!	10
U	0	^k	0	Aí eu fui falã com ele pra éle num fazê aquilo.	11
e	0	^l	1	Ele me xingô dos maiores palavrões!	12
e	1	^m	0	(Fez) assim! perto de mim me xingando!	13
U ⁺	0	ⁿ	0	Eu tive vontade, na hora, sabe, de... de batê no menino.	14
U ⁺	0	^o	0	Mas daí uma coisa parece que daí me segurô	15

- \cap^+ 0^p 0 e eu falei: Não, eu preciso de ajudã esse meni-
no, nê. 16
- \cap 0^q 2 Aí eu mostrei pros outros que eu tinha força
sobre ele. 17
- \cap 1^r 0 Então eu sentei o menino na carteira dele, 18
- \cap 0^s 0 falei que não admitia que ele me xingasse e tall9
- \cap 0^t 2 e comecei um trabalho depois com esse. 20
- c^+ 20^u 1 Porque (=mas) eram todos! ... (problemáticos). 21
- c^+ 21^v 0 Acho que tinha um ou dois sô que eram melho-
res! ..." 22

- 28 -

"Um cara safado" . (AF2)

(E no tempo em que a Sra. morava no mato
nunca passou perigo, ou algum medo?(...)
Ladrão, não tinha....?)

S	0	^a	48	"Ladrão, uma vez lá no Hirói...mas eu acho que num era bem ladrão, sabe,	1
S ⁺	1	^b	47	era um cara safado, por lá.	2
S	2	^c	46	Quando soube que nóis tinha colhido ^o feijão, ven- dido, então ele foi pra abri a casa.	3
O	3	^d	45	Mas ele num era ladrão, porque a nossa casa num era de segurança, sabe	4
O	4	^e	27	e eu ouvi...essa Olga, que é a terceira filha minha tava mamando, que eu criei meus filhos tudo na maminha, num criei nenhum na mamera,	5
U	5	^f	1	e eu escutei aquele tropê (tropol).	6
U	6	^g	0	Passô aberano a janela do quarto dos menino.	7
U	0	^h	2	Falei: Ah, meu Deus do céu, quem será uma ho- ra dessa?	8
e	8	ⁱ	40	Nóis tinha um mandiocá desse lado aqui	9
∧	9	^j	0	e então veio dali, né.	10
∧	0	^k	0	Travessô.	11
∧	0	^l	0	Foi na porta da sala.	12
∧	0	^m	1	Chacoalhô,	13
e	13 ⁿ		35	mas a porta da sala era bem fechada.	14
∧ ⁺	1	^o	0	Falei: Ai, Benvindo (voz baixa)	15
∧ ⁺	0	^p	0	Aí eu comecei: Benvindo, Benvindo. (sussurando)	16
∧	0	^q	1	Ele (disse): Hum! (voz normal)	17
e	2	^r	0	Ah, meu Deus do céu, eu não queria que ele fizesse assim, né. (riso)	18
∧	0	^s	0	Aí eu falei assim: Tem gente pelejano pra abri a porta.	19

∩	0	t	0	Aí ele disse: O que? Quem tá abrindo aí?	20
∩	0	u	0	Foi na porta da cozinha.	21
∩	0	v	0	Eu falei: A porta da cozinha abre à toa.	22
∩	0	w	5	Falei pra ele: Abri, entra mesmo.	23
e	23 ^x		25	Nóis, cum...nem nada, nóis num tinha nada mesmo (de medo).	24
e	24 ^y		24	Naquele tempo nóis já conhecia a palavra de Deus,	25
e	25 ^z		23	já num ia muito na igreja porque num tinha igreja perto,	26
e	26 ^{aa}		22	mas sempre estudava a palavra de Deus.	27
e	27 ^{bb}		21	Ali tinha aquela fê, nê.	28
∩	5	cc	0	Num abriu não.	29
∩	0	dd	0	Aí nisso o Benvindo levantô depressa	30
∩	0	ee	0	e acho que ele escutô o baruido	31
∩	0	ff	0	e correu.	32
∩	0	gg	0	Nóis dois levantemo,	33
e	0	hh	11	tava uma chuvinha, um sereninho de chuva e a lua meia clarazinha.	34
∩	1	ii	0	Ele passô perto de uma cabrita que essa cabrita quando passava perto dela ela berrava, nê.	35
∩	0	jj	0	Nóis escutemo.	36
∩	0	kk	0	Falei: Bom, ele passô perto da cabrita.	37
∩	0	ll	1	Travessô, no otro lado da água,	38
e	38 ^{mm}		10	tinha muito cachorro,	39
∩	1	nn	0	os cachorro juntaro nele,	40
∩	0	oo	1	chegô em outra casa,	41
e	41 ^{pp}		7	um home tinha uma casa cum porão arto,	42
∩	1	qq	0	quando pegô a carabina pra i lá...pra vê o que que era ele correu porque a carabina diz que caiu fez um baruido, nê.	43

- A 0^{rr} 0 Ele (o homem) falô: Ai, que diacho! Eu queria
 pegã esse cara! 44
- A 0^{ss} 3 Mai ele correu...ele correu aquela vizinhan-
 ça intera! porque lá tem muito vizinho. 45
- C 45^{tt} 3 Pra falã a verdade, os vizinho lá é encostadinho
 co otro assim . 46
- C 46^{uu} 2 É iguar uma cidade, um povoado, sabe . 47
- C⁺ 47^{vv} 1 Lá é gostoso da gente morã por isso porque
 ali quarqué coisa...tem muito vizinho . 48
- C 3^{ww} 0 Mais depois dessa veiz num apareceu...ninguém
 mais foi na nossa casa." 49

- 29 -

"Que patroa?" (AF2)

(E a sra. nunca teve algum desentendimento com as patroas?)

S	0	^a	62	"Sô (teve) uma patroa aqui que eu num pude..., fiquei sô seis dia.	1
S ⁺	1	^b	61	Ela era bruta pra mim.	2
O	2	^c	60	Sabe como é que foi, você conhece, é a Ofélia.	3
O	3	^d	59	Ocê conhece, nê, conhece, ela é professora ali do Instituto.	4
O	4	^e	58	Ela mora lá embaxo perto da... ali quase perto da Casa das Crianças, sabe, ali pra cima.	5
O ⁺	5	^f	57	Essa Ofélia, quando eu entrei na casa dela... Toda vida eu fui... eu era assim acanhada pra trabalhã na casa dos otro...	6
O ⁺	6	^g	56	Gostava do serviço bem feito, mas sempre acanhada, sabe.	7
O	7	^h	55	E...ela...um dia, no último dia que eu saí... fiquei seis dia sô, nê.	8
O ⁺	8	ⁱ	54	Ela me tratava muito mal.	9
O	9	^j	0	Ela pegava as coisas	10
O	0	^k	0	dava fim naquilo	11
O	0	^l	0	me perguntava.	12
O	0	^m	0	Eu num sabia.	13
O	0	ⁿ	0	Ela ficava...falano aquelas coisa que num agradava, nê	14
O ⁺	0	^o	48	eu achava aquilo muito ruim, muito chato ela dizê aquilo pra mim.	15

- O 2^P0 Onde que foi, então? Foi pro inferno? - ela falava . 16
- O 0^q46 Ah, num sei se foi pro inferno - eu falava - com certeza foi porque eu num mexi, d. Ofélia. 17
- O 17^r45 Eu falava d. Ofélia pra ela. 18
- O⁺ 18^s44 Eu respeitava ela. 19
- e 19^t43 Quando foi o úrtimo dia eu me senti muito, sabe. 20
- e 20^u42 Eu chorei tanto aquele dia! 21
- e 21^v41 Nunca saí duma casa sentida igual aquela que até hoje eu sinto no meu coração, viu . 22
- O 22^w40 Então, quando foi aquele dia, eu tinha acabado de arrumã tudo a cozinha . 23
- O⁺ 23^x39 Ô, o fogão dela era um casco! 24
- U 24^y1 limpei tudo (...?) 25
- O⁺ 25^z37 Tudo que era de bem feito que eu achava que eu podia fazê eu lutava pra fazê pra ela, né . 26
- U 1^{aa}0 No começo...quando foi esse dia de domingo ela chamô a mãe dela pra fazê o armoço. 27
- O 0^{bb}10 A mãe dela tava fazeno o armoço 28
- U 1^{cc}0 e eu fui passã umas ropa, um lençol 29
- e 0^{dd}4 até no final, era um lençol de tergal que eu tava passano, sabe. 30
- ∩ 1^{ee}0 Quando eu tava terminano de passã o lençol ela chegô me tomô assim de arranco, sabe: Já vi tudo que ocê não sabe passã ropa tergal. (voz rude) 31
- ∩ 0^{ff}0 Eu falei: Pois é o que tem mais na minha casa é ropa de tergal. 32
- ∩ 0^{gg}0 Fica ocê sabeno - falei pra ela. 33
- ∩ 0^{hh}0 E calei, sabe. 34
- ∩ 0ⁱⁱ0 Aí entrei pra dentro 35

- 0 jj 0 e ainda ajudei ela torcê uma ropa que ela ta-
 va torceno que lá lava ropa até de domingo, né. 36
- 0 kk 0 Aí ela falô...aí a mãe dela falô assim pra
 mim: Oi, d.Lídia, mas a senhora como agđenta
 as coisa! A senhora é tão humilde. 37
- 0 ll 0 Eu falei assim: Mais do que Jesus sofreu! Ta-
 mêm posso sofrê. 38
- 0 mm 3 Aí quando foi mais tarde que eles tudo armoça-
 ro, eu arrumei a cozinha e tal. 39
- e 39ⁿⁿ23 Boa prá tratã ela é, viu. 40
- e 40^{oo}22 Isso eu num falo nunca dela. 41
- e 41^{pp}21 Eu me senti por causa da coisa que ela falou
 pra mim. 42
- 3 qq 0 Aí, quando foi ali...que eu tinha arrumado a
 cozinha, que a cozinha dela é lá pro fundo,
 ela falô assim: D. Lídia, tã terminano? 43
- 0 rr 0 Eu falei: Eu já...tô terminano, já lavei a... 44
- 0 ss 0 Ela falô assim: Já lavô a mesa? 45
- 0 tt 0 Eu falei: Já. Eu tô terminano de lavã o chão. 46
- 0 uu 0 Ela falô assim: Foi lavado igual ontem? 47
- 0 vv 0 Falei: Foi bem lavadinha ontem. Lavei muito bem. 48
- 0 ww 0 Ela falô: Sô se foi lambido. 49
- e 0 xx¹³ Aí eu me senti, viu. 50
- e 1 yy¹² Dela falã que eu lambi a mesa, parece que me
 deu uma facada assim no coração. 51
- 2 zz 0 Eu falei: Nunca mais trabaio pra essa mulher.
 Chega o que ela já fez pra mim nesses sêis
 dias! 52
- 0 aaa¹ Óia, menina, juntei...cabei de arrumã tudo. 53
- 1 bbb⁰ Dexei tudo limpinho. 54
- 0 ccc⁰ Ajuntei minhas coisinha que tava lá 55
- 0 ddd⁰ e ô.(palmada) (fui embora) 56
- 0 eee⁰ Cheguei em casa 57

e	0	fff	3	briguei som com essas menina o dia intero	58
e	1	ggg	2	e chorei o dia intero .	59
e	2	hhh	1	Quando eu vô oiã o meu corpo tava todo manchado, daqueles seis dia que eu tava passano nervosa com ela .	60
c	60	iii	0	Inda sofria pressão arta.	61
c ⁺	0	jjj	1	Agora que eu tô boa de pressão, mas naquele tempo, nossa mãe!	62
c ⁺	1	kkk	0	Ai, até hoje num posso vê aquela mulher, viu."63	

- 30 -

"Parto no sítio". (AF2)

(E não era difícil ter nenê no sítio? A sra.
nunca passou assim perigo?)

S ⁺	0	^a	47	"Bom, o Zezinho foi bem difícil.	1
O	1	^b	46	Meu Zezinho eu...comecei a passã mal dele nu- ma 4a. feira.	2
O	2	^c	45	Fui ganhã ele (sábado) às 5 hora da manhã.	3
Ø	3	^d	44	Mais foi por poder de Deus porque ele era... ele ficô muito criado, sabe.	4
U	4	^e	0	Tomei muito remédio...durante os nove meses eu tomei muito remédio	5
U	0	^f	0	e o menino cresceu muito	6
Ø	0	^g	30	e depois pra nascê tava difícil, sabe,	7
Ø	7	^h	40	e era muito longe da cidade:	8
Ø	8	ⁱ	39	pra dã a volta era 10 quilômeto,	9
Ø	9	^j	38	por baxo era uns triio (trilho) muito ruim pra passã no meio do mato.	10
Ø	4	^k	4	E então, e ali eu fiquei, sabe.	11
Ø	5	^l	3	Quando o menino coroô num tinha jeito de nascê por causa que num tinha mesmo distân- cia porque o menino, a cabeça era muito gran- de, sabe, muito criado o menino, um baita.	12
Ø	12	^m	45	Sô não pesô porque sabe, no sítio num tinha balança, né,	13
Ø	13	ⁿ	44	mas eu acho que o menino ia pesã uns cinco quilo de grande mesmo que tava,	14
Ø	14	^o	43	(era um) meninão mesmo, um baita, se não for cinco quilo prá lâ porque quando eles viram aquele meninão...	15

∩	3	P	4	Aí eu mandei chamã meu irmão, tô esquecendo,	16
∩	4	q	3	Aí eu mandei chamã meu irmão que morava do outro lado.	17
e	17	r	30	Meu irmão já tava crente.	18
e	18	s	29	Já orava muito bem, né.	19
∩	7	t	o	Mandei chamã ele.	20
∩	0	u	0	Ele chegô	21
∩	0	v	0	e disse pra mim: Que que ocê quê?	22
∩ ⁺	0	w	0	Eu disse: Eu quero que ocê ore a Deus porque eu agora tô nas mãos do Senhor que essa crian- ça num nasce, de maneira nenhuma, essa crian- ça num tem jeito de nascê.	23
∩ ⁺	0	x	0	Aí ele disse...eu falei: Ora por mim.	24
∩	0	y	3	Ele começô a orã.	25
e	1	z	8	Quando ele começô a orã, olha, eu já tava toda doída que eu num queria mais que a mu- lher me tocasse as mãos.	26
e	2	aa	7	Se punha qualquê coisa em cima de mim, um lençol, ou um cobertor quarquê coisa eu jo- gava tudo longe assim,	27
e	3	bb	6	num gñentava mais.	28
∩	3	cc	0	Aí quando foi no fim, na última hora eu dis- se pra ela: Dexa eu examinã?	29
∩	0	dd	0	Ela falô: Pode.	30
∩	0	ee	0	Aí me examinei	31
∩	0	ff	1	e eu vi a cabeça do menino muito por fora	32
e	1	gg	5	e...eu...e a...o parto era desse tamãizinho.	33
∩ ⁺	1	hh	0	Aí eu falei assim...aí me deu aquele calor, de repente, sabe, aquele calor, aquela locura	34
e	0	ii	2	e eu fui ajudando aqui	35
e	1	jj	1	e falava pra ela: Me ajuda, me ajuda.	36
e	2	kk	0	Ela foi ajudando.	37

- A⁺ 0 ll 0 Menina, aquilo foi assim "puf", igual uma
 garrafa! 38
- A 0 mm 0 Quando ele fez assim que deu aquele estoro,
 que a cabeça dele nasceu ele parô um pouqui-
 nho 39
- e 0 nn 2 depois voô fora. 40
- e 1 oo 1 Não parô nem um minuto, 41
- e 2 pp 0 ele voô fora. 42
- A 0 qq 0 Quando ele saiu aí o meu irmão disse: O que
 que é? 43
- A 0 rr 0 Ela disse, a mulher disse; É um menino! 44
- A⁺ 0 ss 3 (Ele) disse: Ô cachorrão, como você judia
 tanto da sua mãe desse jeito? 45
- e 45 tt 2 Mas que meninão (era)! 46
- A⁺ 1 uu 1 Ficaro tuô horroroso de vê o tamanho do
 menino, viu. 47
- C⁺ 47 vv 0 E foi mesmo por milagre de Deus é que ele
 nasceu senão não nascia, viu." 48

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALI, M.S. - Dificuldades da língua portuguesa. 4a. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1950.
2. ALI, M.S. - Gramática secundária da língua portuguesa. 6a. ed., São Paulo, Melhoramentos (1963).
3. ALI, M.S. - Gramática histórica da língua portuguesa. 3a. ed., (São Paulo) Melhoramentos (1964).
4. BENVENISTE, É. - "Les relations de temps dans le verbe français." In: Problèmes de linguistique générale. (Paris) Gallimard (1966) p. 237-50.
5. BOLEO, M. de P. - O Perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1936.
6. BREMOND, C. - "A mensagem narrativa". In: GENETTE, G. et alii. Literatura e Semiologia, pesquisas semiológicas. (Trad. de Célia Neves Dourado) Petrópolis, Vozes, 1972, p. 100-47.
7. BREMOND, C. - "La logique des possibles narratifs". Communications (Paris) 3, 1966, p.60-76.
8. CÂMARA Jr, J.M. - História e estrutura da língua portuguesa. 2a. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
9. CARVALHO, J.A. - Análise de alguns componentes da narrativa. Campinas, 1975, mimeogr. (dissert.mestr. Dep. Ling., IEL, UNICAMP).
10. CASTILHO, A.T. de. - A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. Marília, F.F.C.L. de Marília, 1967.
11. CUNHA, C. - Gramática do português contemporâneo. 2a. ed., Belo Horizonte, Edit. Bernardo Álvares S.A. (1971).
12. DUCROT, O. e TODOROV, T. - Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage. Paris, Seuil (1972).

13. GREIMAS, A.J. — "Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique." Communications. (Paris) 8, 1966, p. 28-59.
14. JAKOBSON, R. — "Lingüística e Poética". In: Lingüística e Comunicação. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes, 3a. ed., São Paulo, Cultrix (1970)p. 118-62.
15. LABOV, W. — "Narrative analysis". In: LABOV, W. et alii. A study of non-standard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York city. Philadelphia, The U.S. Regional Survey, 1968, vol. II, p.286-357 (Cooperative Research Project nº 3288).
16. LABOV, W. — "The transformation of experience in narrative syntax". In: Language in the Inner City. Philadelphia, Univ. of Pensylvania Press, 1972, p. 354-96.
17. LABOV, W. e WALETZKY, J. — "Narrative analysis: oral versions of personal experience". In: JELM, J. (ed.). Essays on the verbal and visual arts. Seattle, Univ. of Washington Press, 1967, p. 12-44.
18. LÉVI-STRAUSS, C. — "A gesta de Asdiwal". In: LÉVI-STRAUSS, C. et alii. Mito e linguagem social. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970, p. 13-51.
19. LÉVI-STRAUSS, C. — "La structure des mythes." In: Anthropologie structurale. (Paris) Plon (1958) p. 227-55.
20. LOBATO, L.M.P. — "Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade". In: LOBATO, L.M.P. et alii. Análises lingüísticas. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 27-91.
21. OSAKABE, H. — Argumentação e discurso político. (S. Paulo) Kairós (1979).
22. PONTES, E. — Verbos auxiliares em português. Petrópolis, Vozes, 1973.

23. PROPP, V. — Morphology of the folktale. 2a. ed., Austin, Univ. of Texas Press (1975).
24. TOMACHEVSKI, B.V. — "Thématique". In: TODOROV, T. (org. e trad.). Théorie de la littérature; textes des formalistes russes. Paris, Seuil (1965) p. 263-307.
25. VAN DIJK, T.A. — "Action, action description, and narrative". New literary history. Charlottesville, vol.VI, 1975, p. 273-94.
26. WEINRICH, H. — Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. Trad. F. Latorre, Madrid, Gredos (1974).